This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

SAL 9165.1.1

Harvard College Library

THE GIFT OF

EDWIN VERNON MORGAN

(Class of 1890)

AMERICAN AMBASSADOR TO BRAZIL

OBRAS POETICAS

DE

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

(GLAUCESTE SATURNIO)

OBRAS POETICAS

DE

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

(GLAUCESTE SATURNIO)

NOVA EDIÇÃO

Contendo a reimpressão do que deixou inedito ou anda esparso, e um estudo sobre a sua vida e obras por

JOÃO RIBEIRO

da Academia Brasileira

TOMO II

ROMANCES, CANTATAS, CANÇONETAS, POESIAS INEDITAS E O POEMA VILLA RICA

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, — RUA DO OUVIDOR, — 71

RIO DE JANEIRO

1903

SAL9165.1.1
HARVARD COLLEGE LIBRARY
GIFT OF
EDWIN VERNON MORGAN
OCT. 22, 1915.

ADVERTENCIA PRELIMINAR

O segundo tomo das *Obras Poeticas* de Claudio Manoel da Costa, comprende: o restante da edição de 1768 que não coube no primeiro tomo (*Cançonetas*, *Cantatas* e *Romances*), as poesias ineditas que só avulsa e fragmentariamente appareceram em revistas ou collectaneas e anthologias, nomeadamente na *Collecção de poesias ineditas* (Lisboa, 1810) na *Revista do Instituto Historico*, tomo LIII (Rio de Janeiro) e na maior parte pela primeira vez na *Revista Brasileira*, tomo II (Rio de Janeiro, 1895) editadas pelo doutor B. F. Ramiz Galvão; o poema *Villa Rica*, impresso em 1839-41 e reimpresso em 1897. Tanto o *Villa Rica* como as poesias ineditas constituem a obra postuma do poeta, a qual é visivelmente inferior ao que publicou em vida.

Ao preparar esta edição, guardamos quanto possivel toda a fidelidade ás fontes e aos originaes que serviam á reimpressão, mas com algumas raras restricções que passamos a declarar.

Deixamos intactos todos os versos que nos pareceram maus pela ausencia de ritmo ou por outro qualquer defeito que não se pode attribuir necessariamente aos copistas. Taes por exemplo no poema de *Villa Rica* os versos:

A farda militar, cingia-lhe o lado

CANTO X.

Talvez da fé que guardo attento.

CANTO III.

Mais cada um e aviso ao heroe dando

CANTO IV.

Não hesitamos, porem, em corrigir o texto quando o erro não podia ser imputado ao auctor.

Assim, substituimos:

Que só valor europeu com pouco ou nada

por

Só valor europeu etc.

CANTO VII.

Da mesma sorte, substituimos:

Tudo quanto entre os Farias se medita

por este outro:

Tudo *que* entre... etc.

CANTO VIII.

No mesmo canto ha o pretendido verso:

Cedas ao teu Rei: se aos olhos estais crendo

Não é possivel que Claudio Manoel da Costa escrevesse endecasyllabos de tal feitio; n'esses casos, felizmente não numerosos, corrigimos as edições anteriores calcadas sobre copias imperfeitas, procurando, porem, conservar o mais possivel o texto qual se nos offerecia mesmo com o visivel erro.

Assim, em vez de

E *sonora* trompa já se ouvia

Escrevemos

E *sonorosa* trompa já se ouvia

CANTO IX.

Sem querer diminuir o valor que é grande do serviço prestado, pelas duas edições do *Villa Rica*, é util dizer que podiam ser feitas com maior esmero e cuidado. No *Canto* V falta um verso depois do que

começa: — *Mais escravos...* — e não é o unico exemplo. A conta de versos *quebrados* e indignos do poeta, é assaz numerosa e na maior parte esses defeitos são pequenos lapsos que a primeira vista se denunciam e se corrigem.

As notas ao poema de *Villa Rica* são do proprio punho de Claudio Manoel da Costa que para escrevel-as utilizou-se de excellentes materiaes nos archivos da Capitania e em apontamentos que lhe deram mineiros e paulistas de consideração, como Tacques, Paes Leme, etc. Não obstante, os erros de historia são ahi frequentes e alguns inevitaveis n'aquella sua epoca, sobre tudo quanto á historia geral do Brasil.

Julgamos que não sendo as notas de nossa auctoria, nada nos cumpria corrigir nem alterar, até porque assim mesmo é que serviam e servem de justificativa á narração do descobrimento das minas como nol-o representa o poeta em seus versos.

No *Fundamento historico* o poeta revela-nos a existencia de um poema nacional muito anterior ao *Uraguay* que é de 1769. O poema de Diogo Grasson Tinoco sobre o descobrimento das esmeraldas por Fernão Dias Paes, e cujo titulo não sabemos precisamente, foi composto no anno de 1689. Perdeu-se esta epopea em estancias de oitava rima, a qual não parece inferior ao poema de Claudio; as oitavas citadas e conservadas no *Fundamento historico* cotejadas com as de S. Rita Durão que são da mesma especie, tambem não ficariam envergonhadas do paralelo.

I

ROMANCES, CANÇONETAS, CANTATAS

EPICEDIO

ROMANCES

LIZE

ROMANCE I

Pescadores do Mondego,
Que girais por essa praia,
Se vós enganais o peixe,
Tambem Lize vos engana.

Vós ambos sois pescadores;
Mas com differença tanta,
Vós ao peixe armais com redes,
Ella co' os olhos vos arma.

Vós rompeis o mar undoso;
Para assegurar a caça;
Ella aqui no porto espera,
Para lograr a filada.

Vós dissimulais o enredo,
Fingindo no anzol a traça;
Ella vos expõe patentes
As redes, com que vos mata.

Vós perdeis a noite, e dia
Em continua vigilancia;
Ella em um só breve instante
Consegue a preza mais alta.

Guardai-vos pois, Pescadores,
Dos olhos dessa tyranna;
Que para trofeos de Lize
Despojos de Alcemo bastão.

Em quanto as ondas ligeiras
Desta corrente tão clara
Inundarem mansamente
Estes álamos, que banhão;

Eu espero, que a memoria
O conserve nestas agoas,
Por padrão dos desenganos,
Por triunfo de uma ingrata.

E na frondoza ribeira
Deste rio, triste a alma
Girará sempre avizando,
Quem lhe soube ser tão falsa.

ANTANDRA

ROMANCE II

Pastora do branco arminho,
Não me sejas tão ingrata:
Que quem veste de innocente,
Não se emprega em matar almas.

Deixa o gado, que conduzes;
Não o guies á montanha:
Porque em poder de uma fera,
Não póde haver segurança.

Mas ah! Que o teu privilegio,
É louco, quem não repara:
Pois suavizando o martyrio,
Obrigas mais do que matas.

Eu fugirei; eu, Pastora,
Tomarei sómente as armas;
E hão de conspirar commigo
Todo o campo, toda a praia.

Tenras ovelhas,
Fugi de Antandra;
Que é flor fingida,
Que aspides cria, que venenos guarda.

ALTEA

ROMANCE III

Aquelle Pastor amante,
Que nas humidas ribeiras
Deste cristallino rio
Guiava as brancas ovelhas;

Aquelle, que vezes muitas
Afinando a doce avena,
Parou as ligeiras agoas,
Movêo as barbaras penhas;

Sobre uma rocha sentado
Caladamente se queixa:
Que para formar as vozes,
Teme, que o ar as perceba.

Os olhos levanta, e busca

Desde o tosco assento aquella
Distancia, aonde, discorro,
Que tem a origem da pena:

E depois que esmorecidos
Da dôr os olhos, na immensa
Explicação do tormento,
Suffocada a luz, se cegão;

Só ás lagrimas recorre,
Deixando-se ouvir apenas
Daquellas arvores mudas,
Daquella mimosa relva.

Com torpe aborrecimento,
A companhia despreza
Dos Pastores, e das Ninfas;
Nada quer; tudo o molesta.

Erguido sobre o penhasco
Já vê, se é grande a eminencia:
Porque busque o fim da vida,
Na violencia de uma queda.

Já louco se precipita;
E já se suspende: a mesma
Appetencia do tormento
Maior tormento lhe ordena.

Pastores, vede a Dalizo;
Vede o estado qual seja
De um Pastor, que em outro tempo
Gloria destes montes era:

Vede, como sem cuidado
Pastar pelos montes deixa
As ovelhas offrecidas
A's iras de qualquer fera.

Vede, como desta rama,
Que funebre está, suspensa
Deixou a lira, que ha pouco,
Pulsava pela floresta.

Vede, como já não gosta
Da barra, dança, e carreira,
E ao pastoril exercicio
De todo já se rebella.

Segundo o vulto, que neste
Rustico penedo ostenta,
Cuido, que o fizerão louco
Desprezos da bella Altéa.

ANARDA

ROMANCE IV

A onde levas, Pastora,
Essas tenras ovelhinhas?
Que para seu mal lhes basta
O seres tu, quem as guia.

Acaso vão para o valle,
Ou para a serra vizinha?
Vão acaso para o monte,
Que lá mais distante fica?

Vão por ventura, Pastora,
A beber as cristallinas,
Doces agoas, que discorrem
Por entre estas verdes silvas?

Ah! Quem sabe, triste gado,
Onde a maior humicida
Dos coraçõens, e das almas,
Comvosco agora caminha!

Presumir, que cuidadosa
Vos conduz á serra altiva,
Imaginar, que á ribeira
Vos vais levando propicia;

Não o posso, não o posso;
Quando a conjectura avisa,
Que mal as ovelhas guarda;
Quem as almas traz perdidas.

Porém se a vossa ventura
De mais nobre se acredita,
Se podeis vencer de Anarda
A condição sempre esquiva;

Ella vos conduza: os passos
Segui da minha inimiga;
Em quanto para cantalla
Meu instrumento se affina.

Mais que Tityro suave,
Aqui sentado á sombria
Copa desta verde faia,
Chorarei as penas minhas.

Farei, com que sôe o bosque
A seu nome: esta campina,
Vereis, como só de Anarda
A doce gloria respira;

Essas arvores, e troncos
Concorrendo á harmonia
Do meu canto, Orfêo nos valles,
Cuidarão, que ressucita.

Eu repetirei contente
A cantilena, que tinha
Com Alcimedon composto,
Quando no monte vivia.

Direi aquellas cadencias,
Que á casca de uma cortiça
Encommendou meu cuidado,
De meu sangue com a tinta.

Pastora (se bem me lembra
Assim meu verso dizia),
Mais branca, que a mesma neve,
Mais bella, do que a bonina;

Eu sou, quem estas ribeiras,
Sou, quem estes campos pisa,
Atraz de uma alma, que roubas,
Tão presa, como rendida.

Não te peço, que m'a entregues:
Porque quem t'a sacrifica,
De seu voluntario culto
Faz a ostentação mais fina:

Quero só, que ma não deixes,
Que a não desampares; inda
Quando de Lethes saudozo
Vires a margem sombria.

Mais seguro, e mais constante,
Que aquella mimosa Ninfa,
Que no concavo das penhas,
Por lei do destino, habita.

Ecco serei destas rochas,
Aonde os clamores firão
Dos corações, que se queixão,
Das almas, que se lasti mão.

Assim, candidas ovelhas,
Assim clamarei: sósinhas
Correi embora contentes
O valle, o monte, a campina.

A' LIRA DESPREZO

I

Que busco, infausta Lira,
Que busco no teu canto,
Se ao mal, que cresce tanto,
Allivio me não das?

A alma, que suspira,
Já foge de escutar-te:
Que tu tambem és parte
De meu saudoso mal.

II

Tu foste (eu não o nego)
Tu foste em outra idade
Aquella suavidade,
Que Amor soube adorar;

De meu perdido emprego
Tu foste o engano amado:
Deixou-me o meu cuidado;
Tambem te heide deixar.

III

Ah ! De minha ancia ardente
Perdeste o caro imperio :
Que já n'outro hemispherio
Me vejo respirar.

O peito já não sente
Aquelle ardor antigo :
Porque outro norte sigo,
Que fino Amor me dá.

IV

Amei-te (eu o confesso)
E fosse noite, ou dia,
Já mais tua harmonia
Me viste abandonar.

Qualquer penoso excesso,
Que atormentasse esta alma,
A teu obsequio em calma
Eu pude serenar.

V

Ah ! Quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Doce instrumento brando,
Te pude temperar !

Só tu (disse) me encantas;
Tu só, bello instrumento,
Tu es o meu alento ;
Tu o meu bem serás.

VI

Vai-te; que já não quero,
Que devas a meu peito
Aquelle doce effeito,
Que me deveste já.

Comtigo já mais fero
Só trato de quebrarte:
Tambem ás de ter parte
No estrago de meu mal.

VII

Não saberás desta alma
Segredos, que sabias,
Naquelles doces dias,
Que Amor soube alentar.

Se aquella ingrata calma
Foi só tormenta escura,
Na minha desventura
Tambem naufragarás.

VIII

Nize, que a cada instante
Teus numeros ouvia,
Ou fosse noite, ou dia,
Já mais não te ouvirá.

Cançado o peito amante
Somente ao desengano
O culto soberano
Pertende tributar.

IX

De todo em fim deixada
No horror deste arvoredo,
Em ti seu tosco enredo
Arachne tecerá.

Em paz se fique a amada,
Por quem teu canto inspiras;
E tu, que a paz me tiras,
Tambem te fica em paz.

A' LIRA PALINODIA

I

Vem, adorada Lira,
Inspira-me o teu canto;
Só tu a impulso tanto
Todo o prazer me dás.

Já a alma não suspira;
Pois chega a escutar-te:
De todo, ou já em parte
Vai-se ausentando o mal.

II

Não cuides que te nego
Tributos de outra idade;
A tua suavidade
Eu sei inda adorar;

Desse perdido emprego
Eu busco o encanto amado
Amando o meu cuidado,
Já mais te heide deixar.

III

Vê, de meu fogo ardente,
Qual é o activo imperio :
Que em todo este hemispherio
Se attende respirar.

O coração, que sente
Aquelle incendio antigo,
No mesmo mal, que sigo,
Todo o favor me dá.

IV

Se tanto bem confesso,
Ou seja noite, ou dia,
Já mais essa harmonia
Espero abandonar.

Não hade a tanto excesso,
Não hade, não, minha alma
Desta amorosa calma
Meus olhos serenar.

V

Ah ! Quantas ancias, quantas
Agora despertando,
A teu impulso brando
Eu venho a temperar !

No gosto, em que me encantas,
Suavissimo instrumento,
Em ti só busco o alento ;
Que eterno me serás.

VI

Comtigo partir quero
As magoas de meu peito ;
Quanto diverso effeito,
Do que provaste já !

Não cuides, que sou fero;
Porque já quiz quebrar-te :
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.

VII

Se tu só de minha alma
O caro amor sabias,
Comtigo só meus dias
Eterno hei de alentar.

Bem que ameace a calma
Fatal tormenta escura,
Da minha desventura
Já mais naufragarás.

VIII

Clamar a cada instante
O nome, que me ouvia,
Ou seja noite, ou dia,
O bosque me ouvirá.

Bem, que a meu culto amante
Resista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.

IX

Não temas, que deixada
Te occupe este arvoredo,
Onde meu triste enredo
O fado tecerá;

Conhece, ó Lira amada,
O efficto, que me inspiras;
Na mesma paz, que tiras,
Me dás a melhor paz.

FILENO A NIZE

DESPEDIDA DE

GLAUCESTE SATURNIO

Pastor Arcade, Romano, Ultramarino.

I

Adeos, Idolo amado,
Adeos; que o meu destino
Me leva peregrino
A não te ver já mais.

Sei, que é tormento ingrato
Deixar teu fino trato:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

II

Tu ficas; eu me ausento;
E nesta despedida
Se não se acaba a vida,
É só por mais penar.

De tanto mal, e tanto
Allivio é só o pranto:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

III

Quantas memorias, quantas
Agora despertando,
Me vem acompanhando
Por mais me atormentar!

Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

IV

Girando esta montanha,
Os sitios estou vendo,
Aonde Amor tecendo
Seu doce enredo está.

Aqui me occorre a fonte;
Alli me lembra o monte:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

V

Sentado junto ao rio,
Me lembro, fiel Pastora,
Daquella feliz hora,
Que n'alma impressa está.

Que triste eu tinha estado,
Ao ver teu rosto irado!
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

VI

De Filis, de Lizarda
Aqui entre desvelos,
Me pede amantes zelos
A cauza de meu mal.

Alegre o seu semblante
Se muda a cada instante:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

VII

Aqui colhendo flores
Mimoza a Ninfa cara,
Um ramo me prepara,
Talvez por me agradar:

Anarda alli se agasta;
Dalizo aqui se affasta;
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

VIII

Tudo isto na memoria
(Oh barbara crueldade!)
A' força da saudade
Amor me pinta já.

Rendido desfaleço
De tanta dôr no excesso:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

IX

O mais, que augmenta a magoa,
E' ter sempre o receyo,
De que outro amado enleio
Teu peito encontrará.

Amante nos teus braços,
Quem sabe, se outros laços... !
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

X

Por onde quer, que gires,
Desta alma, que te adora,
Ah lembra-te, Pastora,
Que já te soube amar.

Verás em meu tormento
Perpetuo o sentimento.
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

XI

Lá desde o meu desterro,
Verás, que esta corrente
Te vem fazer prezente
A ancia de meu mal.

Verás, que em meu retiro
Só gemo, só suspiro :
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

XII

As Ninfas, que se escondem
Lá dentro do seu seio,
De meu querido enleio
O nome hão de escutar.

No bem desta lembrança
Allivio a alma alcança:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

XIII

Ah! Deva-te meu pranto
Em tão fatal delirio,
Que pagues meu martyrio
Em premio de amor tal.

Mereça um mal sem cura
Lograr esta ventura:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

XIV

E se por fim, Pastora,
Duvidas de minha ancia,
Se em ti não ha constancia;
Minha alma o vingará.

Farei, que o Ceo se abrande
Aos ais de uma ancia grande:
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

XV

Terás em minha pena,
Com passo vigilante,
A minha sombra errante,
Sem nunca te deixar.

Terás... ah bello emprego !
Não temas : eu socégo :
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar !

NIZE A FILENO

REPOSTA DE

EURESTE FENICIO

Pastor Arcade, Romano, Ultramarino.

I

Em vão, Fileno amado,
Accuzas teu destino;
Se foges peregrino,
Por me não ver já mais.

Viste-me, falso, ingrato,
Preza a teu doce trato:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

II

Dizias: eu me auzento.
Foi esta a despedida,
Que toda a minha vida
Me hade fazer penar.

Entre martyrio tanto
Eu me desfiz em pranto:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

III

Oh quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Te vou acompanhando,
Por não me atormentar!

Não ha esquecimento,
Que abrande o meu tormento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

IV

No prado, e na montanha,
Saudoza hoje estou vendo
O engano, que tecendo
A minha idéa está.

Baixei comtigo á fonte;
Subi comtigo ao monte:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

V

Ao som do manso rio,
Nize, fiel Pastora,
Chorando a toda a hora
A tua auzencia está.

Aflicta neste estado
Accuzo o Ceo irado:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

VI

Nem Filis, nem Lizarda,
Que forão teus desvelos,
Me podem já dar zelos,
Nem já me fazem mal.

Só teu cruel semblante
Me lembra a cada instante:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

VII

Fileno as bellas flores
A Nize amada, e cara,
Já agora não prepara,
Já não quer agradar.

Commigo Amor se agasta;
O meu Pastor se affasta:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

VIII

Conservo na memoria
A tua crueldade;
Nem sei, como a saudade
Me não tem morta já.

Mas ah! que desfaleço;
Chorando em tal excesso:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

IX

Crescendo a minha magoa,
Se augmenta o meu receio;
Que entregue a novo enleio
Talvez te encontrará.

Que vezes nos meus braços
Eu te formei os laços!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

X

Por mais, que auzente gires
De Nize, que te adora,
Não has de achar Pastora,
Que mais te saiba amar.

Ve bem, a que tormento
Me obriga o sentimento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XI

Aqui posta em desterro,
Ao som desta corrente,
Sempre terei prezente
A cauza de meu mal.

E tu nesse retiro
Desprezas meu suspiro:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XII

Até de mim se escondem
As Ninfas no seu seio;
Pois teu fingido enleio
Não querem escutar.

E nem esta lembrança
Se quer minha alma alcança:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XIII

Conheço, que o meu pranto
Passou a ser delirio:
Pois meu cruel martyrio
Chega a extremo tal.

Mas como ha de ter cura,
Quem nasce sem ventura!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XIV

Talvez outra Pastora,
Zombando de tua ancia,
Da falta de constancia
Em ti me vingará.

Mal feito, que se abrande,
Vendo rigor tão grande:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XV

Verás na minha pena,
Que sempre vigilante,
Por todo o campo errante,
Já mais te hei de deixar.

E tu... ah louco emprego
De quem não tem socego!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

IL PASTORE A NICE

CANZONETTA DI

GLAUCESTE SATURNIO

Pastore Arcade, Romano, Ultramarino.

I

Dove, mia Nice, dove,
Dove trovarti spero
Nel lido, a cui straniero
Mi trasse ingrato Amor!

Chiedendo ai tronchi, ai sassi,
In vano io volgo i passi:
E solo sento (oh Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.

II

Il fior veggo nel prato;
E negli affani miei,
Ah! Quest' io dico (oh Dei!),
Nice sará talor.

Le tue pupille belle,
Credo, che son le stelle:
E solo sento (oh Dio!)
Che perdo anch' io
Il cor.

III

Del monte alla foresta
Mal cieco Amor mi guida,
Dove piu dolce arrida
Il cielo al mio dolor.

Vola di pianta in pianta
L'augel, che scherza, e canta:
E solo sento (oh Dio!)
Che perdo anch' io
Il cor.

IV

Nel mio sospiro amante
Altro il dolor non dice,
Che dove, dov' é Nice,
Che non la trovo ancor!

Echo, ch' il sasso asconde,
Per lei nepur risponde;
E solo sento (oh Dio!)
Che perdo anch' io
Il cor.

V

Tutto per mes' oscura,
La terra, il mare, il Cielo,
Il sangue e freddo gelo;
Tutto mi fá terror.

Nessuno a dolor tanto
Sa tratener mi 'l pianto:
E solo sento (oh Dio!)
Che perdo anch' io
Il cor.

VI

Il tenero mio voto
Grato, mio ben, ti sia:
Tu puoi col alma mia
Far piu superbo Amor.

Tu puoi... ma sudo in vano
Nel culto, in cui m' affano:
E solo sento (oh Dio!)
Che perdo anch' io
cor.

VII

Or mi ramento, ó cara,
Di quel felice stato,
Che dolce, inamorato,
M'accolse il tuo favor.

Di tanti beni, e tanti
Or nascono i miei pianti:
E solo sento (oh Dio!)
Che perdo anch' io
Il cor.

VIII

Chi sa, qual altro amante,
Chi sa, qual piu felice,
Della mia bella Nice
S' accenda allo splendor!

De miei crudi sospetti
Non veggo i mesti oggetti:
E solo sento (oh Dio!)
Che perdo anch' io
Il cor.

IX

Chi sá, dove s'annida,
Nel mar, nel Cielo, o terra!
Chi sá, dove se serra
Quel candido thezor!

Per lei (crudel tormento!)
Per lei morir mi sento;
E solo sento (oh Dio!)
Che perdo anch' io
Il cor.

NICE AL PASTORE

RISPOSTA DI

NINFEJO CALISTIDE

Pastore Arcade, Romano, Ultramarino.

I

Addio, Pastor. Ma dove
Cosi lontan ti spero;
Se fuor di me straniero
Tu vai fuggindo amor!

Addio. Io piango ai sassi,
Men sordi, che i tuoi passi.
Ah! Che nel dirti addio,
Gia' non é mio
Il cor!

II

Al bosco, al monte, al prato,
Spargo i sospiri miei,
E invano spargo (oh Dei!)
I miei sospir talor.

Veggo le sfere belle;
Non veggo le mie stelle:
Ah che nel dirti addio,
Giá non é mio
Il cor!

III

La greggia alla foresta
Non guido, ne mi guida;
Nepure il fiore arrida:
Che tutto á il mio dolor.

Mustia si fè la pianta;
Mai piu l' augel non canta,
Ah che nel dirti addio,
Giá non é mio
Il cor!

IV

Torna, spietato amante,
Torna: ma il cor mi dice,
Che tu lasciasti Nice,
Che te scordasti ancor.

Per che, crudel t'ascondi?
Per che non mi rispondi?
Ah che nel dirti addio,
Giá non é mio
Il cor!

V

Non temo l'onda oscura,
Non temo il mare, il Cielo:
Per te, mio ben, mi gelo;
Per te sento terror.

Veddi, che a dolor tanto
Mi sto sfogando in pianto:
Ah che nel dirti addio,
Giá non é mio
Il cor!

VI

Non olvidar quel voto;
Presente ognor ti sia:
Ah! Si. Del alma mia
Tu fosti 'l solo amor.

Tu fosti... io fuggo in vano
Il duolo, incui m'affano:
Ah! Che nel dirti addio,
Giá non é mio
Il cor!

VII

Non olvidar, che cara
Ti fui nel dolce stato,
Che fido inamorato,
T'accolse il mio favor.

Di tanti amori, e tanti,
Son premio questi pianti:
Ah che nel dirti addio,
Giá non é mio
Il cor!

VIII

Chi sá, tiranno amante,
Se alla rival felice,
L'abandonata Nice
Invidia il suo splendor!

Chi sá, s' i miei sospetti
Tardano i cari oggetti!
Ah che nel dirti addio,
Giá non é mio
Il cor!

IX

Faró, se pur s' annida
L' indegna in Cielo, ó in terra,
S' il mio thesoro serra,
Mi renda il mio thesor.

Faró... crudel tormento,
Per cui morir mi sento!
Faró... ma come (oh Dio!)
Se non é mio
Il cor!

NICE

CANZONETTE

I

Ah ch' io mi sento
D'Amor ferito!
Non sono ardito,
Parlar non só.

Mi vinse Amore
Crudo, tyranno;
Per questo affanno
Valor non ho'.

Nice crudele,
Tu sei l'ardore,
Ch' inspira Amore
Entre il mio cor.

II

Lascia, ch' io solo,
Nel mio martire,
Vada a morire
Senza pietá.

Amor lo chiede,
Chiede-lo il mio
Crudel desio
Di piu penar.

Tu non sai, Nice,
Qual sia il vanto,
Che nel mio pianto
Amor mi dá.

III

Folle, chi crede
Trovar fermezza
Nella crudezza
D'una beltá.

Or da se scaccia,
Or a se chiama,
Altro non brama,
Che 'l variar.

Lo so' per prova:
Tu, Nice bella,
Tu sol sei quella,
Ch' instrutto m'ha.

IV

Ombra onorata
De la mia face,
Lasciami in pace,
S' ai pur pietá.

Io riconosco
Il tuo sembiante:
Ei pur amante
N'el alma stá.

Ah qual m'accusi!
Qual mi condanni!
Mi fan gl'affanni
Giá delirar.

CANTATAS

O PASTOR DIVINO

CANTATA I

Fé. Esperança.

Fé. Onde, Enigma adorado,
Onde guias perplexo,
Confuzo, e pensativo
Da minha idéa o vacilante curso?

Esp. Que sombras, que portentos
Encobres a meus olhos,
O' ignorado arcano,
Que lá dessa distancia
Inspiras de teu raio o esforço activo?

Eu vejo, que rompendo
Da noite o manto escuro
Vem scintillando a chama,
Que sobre o mundo todo a luz derrama.

Esp. Eu vejo, que do Oriente
A luminoza estrella,
Que os passos encaminha,
Quazi a buscar a terra se avizinha.

CORO

Chegai, Pastores,
Vinde contentes;
Que o novo Sol
Já resplendece.
Oh que gloria, que dita, que gosto
Nestes campos se vê respirar!

Fé. É esta a flor mimoza,
Que da Vara bemdita,
Venturoza, jucunda,
Da raiz de Jessé brota fecunda!

Esp. É este o Pastor bello,
Que o rebanho espalhado
Vem acazo buscar! É este aquelle,
Que por montes e valles
Conduz a tenra Ovelha,
E mais que a propria vida,
Ama o rebanho seu! É este aquelle,
Que as ovelhas conhece, e a seu preceito
Obedecendo bellas,
Tambem o seu Pastor conhecem ellas!

Fé. Eu o tinha alcançado,
De enigmaticas sombras na figura,
Unigenito Filho
Do Eterno Creador. O Filho amado
De Abrão o testifica;

Esp. Jacob o comprehende, Abel o explica:

Ambas. Brandas Ninfas que no centro
Habitais dessa corrente,
Vinde ao novo Sol nascente
Vosso obzequio tributar.

Fé. Já do monte descendo
Vem o pobre Pastor: de brancas flores,
Ou já grinaldas, ou corôas tece,
E ao novo Deos contente as offerece.

Esp. Já de lirios, e rozas,
Pela gloria, que alcança,
Animada a Esperança se corôa;
E alegres hymnos de prazer entoa.

CORO

Chegai, Pastores,
Vinde contentes;
Que o novo Sol
Já resplendece.
Oh que gloria, que dita, que gosto
Nestes campos se vê respirar!

Fé. Aquelle tenro,
Cordeiro amado,
Sacrificado
Por nosso amor,

Esp. Sobre seus hombros
Conduz accezo
O duro pezo
Do peccador.

Fé. Nascido Infante
Ao mundo aflicto
Nosso delicto
Paga em amor.

Esp. Oh recompensa
Do bem perdido!
Oh do gemido
Premio maior!

Ambas. Vem, Pastor bello,
Vem a meus braços;
Vem; que teus passos
Seguindo vou.

Fé. Mas ah! Que de prazer, e de alegria
Respirar posso apenas. Todo o campo
Florescente se vê. Estão cobertos
Os claros horisontes
De nova luz, de novo Sol os montes.

Esp. Melhor luz não espere
Ver o mundo já mais. Concorrão todos
A este luminozo
Assento; aonde habita
Aquelle Sol, que a vida resussita.

Fé. Vem, Sol peregrino,
De nós suspirado;

Esp. Vem, Filho adorado,
De Deos immortal.

CORO

Chegai, Pastores,
Vinde contentes;
Que o novo Sol
Já resplendece.
Oh que gloria, que dita, que gosto
Nestes campos se vê respirar!

LA SS. VERGINE

CANTATA II

Oh degli Astri, e del Ciel Regina Augusta!
Tu, ch' al mondo cadente
La salute portasti, ed il sacrato,
Antidoto felice de la colpa,
Nel tuo seno di grazie il piu fecondo,
Tu, che donasti al mondo
Quel adorato Figlio,
Che a pró di noi vestí l' umana spoglia,
Quello, che vendicó l' infausta doglia.
Che l' inexperto Adamo
Comune a noi senza ristoro piange,
Tu sei quella, ch' io chiamo,
Bella Madre d'Amor, ma d'Amor degno,
De si gran Madre venturoso pegno.

Io t'adoro, io t'amo, o' cara,
Sacra Vergine, ch' il Cielo
Dona a noi, involta in velo,
Di Colomba, che innocente
L' ali spiega, al Ciel s' en vá.

Cosi dolce, amante Sposo
Le sue braccia apre in un giorno:
Vieni, dice, ó mio soggiorno,
Tu, che porti ogni beltá.

GALATEA

CANTATA III

Galatea. Acis.

Acis. Galatéa adorada,
Mais candida e mais bella,
Que a neve congelada,
Que a clara luz da matutina estrella;
Mais, do que o Sol, formoza;
Não digo lirio já, não digo roza.

Gal. Acis idolatrado,
Pastor mais peregrino,
Que quanto ostenta o prado,
Quanto banha d'Aurora o humor divino;
Pois junto ás tuas côres
Não tem o prado côr, não tem as flores.

Acis. Acis é, quem saudozo
Corre desta ribeira
Todo o campo espaçozo,
Buscando, ó bella Ninfa, a lizongeira,
Doce vista, que tanto
De Amor atêa o suspirado encanto.

Gal. Desde o azul imperio,
Que rege o aureo Tridente,
Por todo este hemispherio,
Galatéa te busca impaciente;

E amante nos seus braços
Te prepara de amor gostozos laços.

Acis. Vem ouvir-me um instante;
Que em mim tudo é ternura.
Do barbaro Gigante
Não temas, não a pallida figura:
Que o tem seu triste fado,
Tanto como infeliz, dezenganado.

Vem, ó Ninfa ditoza,
Vem, Vem;
Que em ti Amor guarda
Todo o meu bem.

Gal. Oh! Firão teus ouvidos
Meus saudozos clamores;
Mereção meus gemidos
Mover a sem razão dos teus rigores;
Já que tão docemente
Sempre ao meu coração estás prezente.

Vem, ó Pastor querido,
Vem, vem;
Que em ti Amor guarda
Todo o meu bem.

LIZE

CANTATA IV

Sobre a Cantata antecedente.

Na sorte, Lize amada,
Do misero Gigante,
Que triste de meu fado se traslada
O funebre semblante!
Ao ver a copia do Cyclope infausto,
Respirão de meu peito iguaes ardores,
Os zelozos furores,
Que dentro n'alma sinto,
Como em lamina triste escrevo e pinto.
Zelozo elle, e eu zelozo,
Ambos sentimos um igual extremo.
Mas ai fado aleivozo!
Que infeliz inda mais, que Polifemo,
Me queixo. Elle a occazião de seu ciume
Suffoca, estraga, desalenta e mata;
E eu de uma alma ingrata
Sinto o desprezo, e não extingo o lume:
Pois sempre desprezado
Vivo aflicto, infeliz, desesperado.

Se em mim pois, se em Polifemo
Influio a mesma estrella,
Aqui tens, ó Lize bella,
Uma copia de meu mal.

Mas ai Lize! Quanto sinto!
Bem que nesta copia o pinto,
Nada iguala o original!

NIZE

CANTATA V

Não vejas, Nize Amada,
A tua gentileza
No cristal dessa fonte. Ella te engana;
Pois retrata o suave,
E encobre o rigorozo. Os olhos bellos
Volta, volta a meu peito:
Verás, tyranna, em mil pedaços feito
Gemer um coração: verás uma alma
Ancioza suspirar: verás um rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.
Observa bem, contempla
Toda a misera estampa. Retratada
Em uma copia viva
Verás distincta e pura,
Nizel cruel, a tua formozura.

Não te engane, ó bella Nize,
O cristal da fonte amena:
Que essa fonte é mui serena,
É mui brando esse cristal.

Se assim como vês teu rosto,
Viras, Nize, os seus effeitos,
Póde ser, que em nossos peitos
O tormento fosse igual.

PALEMO E LIZE

CANTATA VI

Epithalamica.

Oh quanto, Lize, oh quanto,
Quanto alentão teus olhos
Ao misero Palemo! Já tres dias
O mar anda girando. Em tua auzencia
Saudozo tem movido as bravas ondas.
Aos peixes tem chegado
O clamor de seus ais. Ah! Se tu viras,
Qual foi o seu lamento,
Não fôras mais cruel, que o mar, que o vento.

Eu o vi (não te engano)
Sem acordo entregar o fragil barco
Ao arbitrio das ondas. Poucos passos
De uma rocha fatal já se apartava;
A morrer se apressava;
Quando eu, que no seu rumo ia seguindo,
Palemo? (lhe gritei) olha, Palemo:
Desvia dessa penha a vela, o remo.

Mas fosse providencia, acazo fosse,
A outra parte a onda
O seu barco voltou. Já perguntado
Me torna o Pastor caro: eu entendia;
Que a penha, em que Nicandro me falava,
Era Lize sómente, que eu buscava.

Lize a rocha deshumana,
Lize o bem, que tanto adoro;
Por quem vivo, por quem choro;
Por quem ando a suspirar.

Ah! Se corro a morrer nella,
Venha a barbara ferida;
Que esta morte só é vida;
Porque é Lize quem a dá.

Mas não é isto engano! O infausto agouro
De todo se apartou. Tornou-se em calma
O mar tempestuozo: o vento irado
Já suave respira: esta ribeira
De alegria se veste: um doce encanto
Nos álamos, nos freixos,
Que estão fazendo sombra ás verdes ondas,
Communica a harmonia
Dos passaros, que cantão. Que gostoza
Manêa as brandas folhas
A aura lizongeira! D'entre as ramas
Ah como fere o raio sobre as agoas,
Tornando prateadas
As cristallinas vêas! Finge a sombra
Outro bosque nas ondas; e parece,
Que outras aves no mar em competencia
Formando estão suavissima cadencia.

E que alegre entre tanto
Esta praia se vê! Que grande copia
De redes se derrama! Em cada parte
Se senta um Pescador: bailes e jogos
Se attendem na ribeira: ao doce avizo
Das vizinhas Aldêas
Vem o povo chegando. É grande o dia;
Grande annuncio é de gosto. Mas que muito,
Se neste feliz dia

De Lize e de Palemo
Se premeia a virtude! Um terno laço
Ao Pescador amante
A Ninfa delicada
Neste dia assegura. Ah! queira o Fado,
Propicio queira o Ceo
A chama fecundar deste hymeneo.

Forme das almas bellas
Amor o seu thezouro;
E com as settas d'ouro
Se veja triunfar.

De perolas tributo
Lhe renda a fertil onda,
O mar lhe não esconde
A rama do coral.

NIZE

CANTATA VII

Onde, ó Nize divina,
Onde te encontrarei, bella Pastora!
O monte, o prado, o valle ando girando;
Nize? Nize? Suspiro. A meus clamores
O ecco apenas me responde. Tudo
Informa, ó Nize, de que auzente vives;
Que outro campo já pizas,
Outras ovelhas, outro gado reges;
Que desprezas aquella choça amada,
Junto a nossa ribeira fabricada.
Ah! Se é certo, que Nize
Nestes campos faltou! Mas que duvido!
Sem côr a planta, a flor amortecida,
O ar escuro, o Sol sem luzimento,
Este monte, este rio, aquelle prado,
Me diz, que Nize (oh Ceos!) lhe tem faltado.
Nize? Nize? Meu bem? Ah! se inda aos longes
Chega o clamor de meus suspiros, sabe,
Que vives na minha alma,
Na minha alma, que adora
Tão bello encanto, tão gentil Pastora.

Vou pizando esta floresta,
E os teus passos vou seguindo;
Cego Amor vai conduzindo,
Como norte, a minha fé.

Vejo a flor no campo alegre,
Vejo a luz nos Ceos tão bella:
Nize, digo, é esta estrella;
Nize, digo, esta flor é.

Mas ai! E que mal chego a conhecer-me
No delirio, que occupa os meus sentidos!
Como, ó Nize, imagino,
De meus olhos auzente,
Que lembrada estarás da fé constante,
Que um tempo me juraste;
Naquelle tempo, quando
Em tua companhia
Toda a montanha, ó Nize, a cada instante,
A cada hora em fim, cada momento,
Me via (oh doce estado!)
Já conduzindo o teu rebanho ao prado,
Mais ditozo, que todos os do campo,
Quando o Sol mais ardia,
As agoas a beber da fonte fria;
Ou já sendo o calor do Sol mais brando,
o curral, onde o tinha então cercado,
Menos dos cães, do que de mim guardado!

Quantas vezes (oh Ceos!) quantas
Digo ao valle, digo ao monte:
Viste a Nize! Aquelle fonte
Testemunha póde ser.

Mudo o valle, o monte mudo,
Tudo está suspenso: tudo
Me parece, que responde:
Eu não vi Nize, o teu bem.

NICE

CANTATA VIII

Vi lascio, ó mie felice,
Pasciute Pecorelle;
Ch' or non provo per voi quella dolcezza,
Che le frondose selve
M' inspirarono un giorno: d'altra cura,
D' altri diletti io sono giá ferito:
La mia Nice, la mia
Inganatrice Dea
Cosi possiede il cor, ch'altro non bramo,
Che vederla ogni instante,
Che ogni instante adorarla,
Che muover in sua traccia i piedi miei,
Che per lei respirar, morir per lei.

Ite, mie care agnelle
Fra queste ombrose piante;
Ch' io non son meno errante
Di voi, che senza guida
Andate del Pastor.

Io vago il campo, il prato,
E veggo, nel mio fato,
Come il destino vostro
Non é del mio peggior.

Correte (oh Dio !) correte : itene voi,
Oh delle mie fatiche
La piu dolce, la piu gradita cura.
Voi sarete, io lo veggo;
E pur pietá per voi non sento (oh Dio !)

Voi sarete de' lupi
Preda infelice: e liberi tra voi
Si vedrano straciar le vostre membra
Fra i sanguinosi denti. Io non vi piango.
Nice, Nice crudele,
Nice, fiamma del core,
Non men bella del candido ligustro,
E non men della spina,
Che circonda la rosa, aspera e cruda;
Tu sei, tu sei, ó Nice,
Chi mi toglie la cura
Delle felici mie, candide agnelle.
Lagnatevi di lei:
Quello, chè á me non lice;
Io non son che vi lascio, é la mia Nice.

Nice vi lascia (oh Dio!)
Nice, la mia tiranna,
Che della sua capanna
La libertá mi toglie,
Che respirava il cor.

Per lei piango: per lei
Vi lascio alla sventura:
Se Nice di me cura,
Io curaró di voi.

Itevi, dolci mie,
Dilette Pecorelle;
Che giá non siete quelle,
Que pascolava Amor.

Itevi pur; se lice,
Gercate la mia Nice:
Se voi non la trovate,
Cercate
Altro Pastor.

II

POESIAS INEDITAS

EPICEDIO

CONSAGRADO Á SAUDOZA MEMORIA DE FR. GASPAR DA ENCARNAÇÃO E OFFERECIDO A D. FRANCISCO DA ANNUNCIAÇÃO

Se em puras fragoas de votiva chamma
Tanto suor Arabico liquida
O egipcio culto a seus Heróes, que fama
Enriquecerão dos trophéos da vida :
Se o resplandor da fugitiva rama
A' tanta copia em marmores erguida
Romano zelo em reverente indulto
Pagou por feudo, tributou por culto.

A' tragica memoria, que da idade
Os fastos ornará de um mudo espanto,
Insigne Heróe, nas sombras da saudade
Te accende immortal voto o nosso pranto :
Não o lugubre ornato, que a piedade
Barbara honrou no funebre Amaranto
Te cinge a urna; porque acerca attento
O luto, a dôr, a magoa, o sentimento.

Morreste! Oh! quanto a lastima se excita
Ao echo infausto deste triste accento!
Mas se tem parte a magoa de infinita,
Que muito passe a dôr a ser portento!

Morreste! E como a esphera se limita
Do coração ao gyro do tormento,
A mortal ancia, que o pezar fecunda,
Em ais se accende, em lagrimas se inunda.

Da Heroicidade no Sagrado Templo
Idolo os dotes são, vive a virtude
Reproduzindo o generoso exemplo,
Em que a constancia novo alento estude :
Na bella imagem deste bem contemplo
Não sei, que novo allivio, porque ajude
A respirar a dôr : oh! quanta gloria
Restauramos da tragica victoria!

Que idéa nos propõe teu Sancto zelo
Da militante vida, na clauzura
Trocando com solicito disvelo
O fausto em luto, a vida em sepultura!
Da humildade um Seraphico modello
Tu mesmo em ti creaste; em sombra escura
Suffocando o esplendor daquella chamma,
Que arde nas aras da glorioza fama.

Quanto despojo por trophéo honrozo
Te vimos consagrar! Voto advertido,
Que quanto no valor é mais preciozo
É no merecimento mais subido!
Assim dos Orbes o Motor gloriozo
Prova o constante ardor no braço erguido
Do Velho Pai, que com piedade estranha
Victima o Filho vê, ara a Montanha.

Talvez anciosa a Purpura anhelava
Cingir-te o peito de esplendor ufano,
Talvez para o teu culto se banhava

De nova luz o Solio Vaticano!
Mas, que ocioza a fortuna te dourava
A torpe face do funesto dano,
Se de seu gyro em direcção incerta
Vias a porta ao precipicio aberta!

Mas oh! inescrutavel providencia
Do Altissimo concelho, que no mudo
Silencio de um Moises, que encobre a Sciencia
Queres lavrar de teu poder o escudo!
Aquella rara idéa da Prudencia,
Aquelle, aonde o acerto faz estudo
Chamas a ornar a portuguez memoria,
Assombro de um Thomas, de um Carlos gloria.

Pasme a equidade, nunca acreditado
De Nemesis melhor o recto officio!
Nunca mais duramente subjugado
O torpe aspecto do rebelde vicio!
Descobre o engano o rosto disfarçado,
Tem a verdade provido exercicio,
Logra amparo a afflição, premio a lealdade,
Florece de ouro a venturoza idade.

Em baze tão feliz, tão generoza
Descança o pezo o Luzitano Atlante,
E da real grandeza entre a faustoza
Pompa brilha a virtude mais constante:
Não teme, não da Estrella tempestuoza
O Sabio Heróe o aspecto fulminante,
Porque sabe o seu peito sem desmaio
Chegar-se a Jove, desprezando o raio.

Quantas de Pedro o Oraculo Sagrado
Logrou dispozições naquelle peito,

Cujo arcano altamente recatado
Cerrarão sempre as chaves do respeito?
Hoje em lagrimas tristes dezatado
Da viva dôr o prodigioso effeito,
Qual se lizonja o sentimento fora,
Roma o suspira, Portugal o chora.

E tu, que autorizando o sentimento
Na mais nobre razão, que o persuade,
Fazes da muda fraze do lamento
Vozes da dôr nas linguas da saudade;
Que dirás do immortal egregio alento
Deste Alcides, que em hombros de piedade
O pezo reparando, que gemia,
Te faz de Deos eterna Monarchia?

Votos sejão as lagrimas ardentes
A' memoria daquelle consagradas,
Por quem já viste as forças decadentes
Em vigorozo alento suscitadas:
As ternuras da magoa mais vehementes
Por elle em voz de jubilo trocadas,
Hoje o progresso da melhor ventura
Bazes te erige, idades te assegura.

Quantos trophéos o templo da piedade
Enriquecendo vão, do ardor colhidos
Daquelle braço, em cuja actividade
Obrão de Deos impulsos escondidos!
Quantos armando para a Eternidade
Se vão de esforço espiritos luzidos,
Lavrando da fadiga aquella gloria,
Premio em triumpho, Louro na Victoria?

O' Alma inimitavel! mas aonde
Sobe a idéa, contempla-te o dezejo,
Se apressar-se no horror, que mal se esconde
O golpe atroz da Lybitina vejo!
Aqui o echo funesto corresponde,
Que lá gemem as Driadas do Tejo :
Duro decreto, só justificado
Em ser pensão do humano, e lei do fado!

Ficará em nós a duvida, imagino,
A não render-se ao corte deshumano,
Se era, animando acertos de Divino,
Superior á proporção de humano :
Dando o triumpho ao barbaro destino,
Assim nos mostra Jove Soberano,
Que lhe faz estragando a humanidade
Immortal o esplendor da Heroicidade.

Com a tremula mão, que mal se alenta
A' execução do rigorozo officio
O infeliz Genio á Lastima violenta
Violento rende o infausto sacrificio :
Chega, pasma, desmaia, emprende, intenta,
A chamma já com languido exercicio
Mal se anima na luz : o Deos magoado
A apaga então, e obedece ao fado.

Sobes de ardente jubilo banhada,
Alma glorioza, á região brilhante;
Quem duvida, que a ser intronizada
No aureo assento do lucido Diamante!
A pompa dos Elysios celebrada,
Nunca mais pura, nunca mais fragrante
Em purpureo esplendor de acceza pyra
Nuvens de incenso ao Zephiro respira.

Alli, aonde em campos de alegria
Consonancias harmonicas dezata
Aquella suave accorde melodia,
Que a idéa prende, que as potencias ata;
Onde é perpetua a luz, perpetuo o dia,
Onde a imagem do assombro se retrata
No rasgo vario da melhor esphera
Goza a immarcessivel Primavera.

Tu, que ao tumulo triste da agonia
Erigido a fadigas do lamento,
Entregas por cadaver a alegria,
Por allivio fabricas o tormento :
Respira a intensa magoa; pois seria
Agravo a dôr, injuria o sentimento,
Ver restaurado o bem, e não ver logo
O mal sem pena, a dôr com desafogo.

Em Francisco restaura o culto agora
A viva copia de Gaspar auzente,
Quando justo o contempla, quando o adora
Douto, Affavel, Benevolo, Prudente :
De balde a magoa sepultado o chora,
Que em tão seguro bem o vê prezente,
Ou consulte a virtude, ou animado
No sangue admire o esplendido traslado.

ODE

AO SEPULCRO DE ALEXANDRE MAGNO

Cercando a urna d'oiro
Eu vejo os Generaes do forte Grego;
A' fria sombra me avisinho e chego,
Observo o murcho loiro
Na descorada testa:
Nada do antigo resplendor lhe resta,
Mal da languida mão de industria preso
Cahe, ou pende do sceptro o inutil peso.

Se serás de Fillippe
O vencedor herdeiro, aqui pergunto;
Deixa que o mundo a teu cadaver junto
Este aviso antecipe;
Elle não póde crer-te,
Se hoje, Olympias, por ti lagrimas vérte,
Aonde estão os grandes, onde as glorias,
Com que a Patria te honrou, tantas victorias?

As Legiões distantes
Aos limites das terras verdadeiros,
Nós te vimos marchar entre guerreiros
Esquadrões triumphantes:
Té os reinos d'Aurora
Levaste o ferro e a chamma abrazadora;

Mas desde o Indo, e desde o Idaspe cheio
Voltas de luto, a terra te abre o seio.

E que espaço te espera
Do conquistado globo? Acaso a vasta
Extensão do Universo? Ah não, não basta
A Alexandre, que dera
Tanto susto ao Universo,
Que affrontando o terror de Marte adverso,
De novos mundos á conquista aspira,
Não basta o mundo todo a erguer-lhe a pyra.

Do Antarctico a Calisto
O ambito se busque; neste espaço
Se guarde o peito, e se sepulte o braço,
Que a Grecia tem já visto
De rapidas campanhas
Tinto no sangue, ó Céos! Elle ás entranhas
Da terra desce aqui em termo breve,
Sobe ao sepulcro, e cobre-o a terra leve.

Grandes, que arrebatados
Da soberba ambição, levaes a guerra
A's mais longinquas regiões da terra,
Agora debruçados,
Se é que o pasmo o concede,
Sobre o sepulcro de Alexandre vêde
Como eloquente o seu silencio dita
Os desenganos, que a razão medita.

Philosophos de Athenas,
Os porticos deixae de Themis clara,
Lição mais digna um morto vos prepara,
Da Academia as serenas
Estudiosas horas

Abandonae; tu, que divino fôras,
Sabio Platão, se esta doutrina lêras,
Como tardas a vir? que mais esperas?

Mas já dizer-te escuto
A' vista do espectaculo funesto:
Este do Heróe o desgraçado resto?
Das conquistas o fructo
Outros a colher correm,
Se quentes inda da victoria morrem
Os dominantes d'Asia; oh! e quão pouco
Dista o orgulho d'um grande, ou já de um louco!
O' sabio d'Estagira,
Deixa que entre, e registre a infausta scena,
Elle é que as honras funeraes ordena
Ao vencedor, que expira:
Eu te instrui prudente
Na temperança, diz, hoje presente,
Hoje a meus olhos, tu lição mais pura
Me intimas desde a fria sepultura.

A tropel vêm chegando
Os mais, que a Grecia nos seus fastos conta,
Aqui Demetrio, alli Meton se aponta;
Philotes está dando
A distinguir seu rosto:
Xenofonte, Solon, Philaon posto,
Cada um sobre o tumulo feridos
De penetrante dôr lanção gemidos.

Tu, Philemon famoso,
Que de teu General honraste o lado;
Tu, que ao Thrace feroz, ao Scita ousado
Disputaste brioso,
Se te vejo este dia

Suffocar toda em luto Alexandria,
Quando cingido de abrazadas luzes
De Augusto Chefe o feretro conduzes:

Tu só por derradeiro
Deves alçar a voz ao gyro em roda,
Que cévão já teus olhos, pende toda
Junto ao morto guerreiro
A officiosa assembléa,
Das humanas grandezas uma idéa,
Principes, vos aterre; estes espectros
Falão sé co'os diademas, e co'os sceptros.

Ah! possa um destro engenho
Sobre a campa do Heróe deixar gravado
Sabio letreiro á idade encommendado:
De o consultar eu venho
Nas Atticas fadigas:
« Caminhante, aqui jaz, mais não prosigas,
« Quem o mundo a si todo vio sujeito,
« Para occupar do mundo um campo estreito. »

SAUDAÇÃO

A' ARCADIA ULTRAMARINA

Emfim eu vos saudo,
O' campos deleitosos,
Vós, que á nascente Arcadia em grato estudo
Brotando estaes os loiros mais frondosos;
Eu vos vou descobrindo,
Bellas estancias do pastor Termindo.

Já sinto que respira
Uma aura em nós suave;
Orfeo pulsa de novo a doce Lyra,
Ouve Thebas de novo o plectro grave;
Seu numero é mais terno
Que o que muros ergueu, parou o Averno.

Que pastores tão novos
São estes, que vos pisão?
Como entre tristes e grosseiros povos
De nova gala os campos se matisão?
Quem fórma estas cadencias?
Quem produz tão mimosas influencias?

Se os olhos me não mentem,
Os venturosos nomes
Gravados nestes troncos já se sentem,
Tu, Tempo, gastador os não consomes;
Briareo aqui diz este,
Ninfeo diz outro, aqui diz outro *Eureste*.

Na mais copada faia
Abrio o ferreo gume
O nome de *Termindo*; o Sol, que raia,

Aqui bate primeiro o claro lume,
Elle o vê, elle inveja,
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah! se da gloria vossa,
Pastores, cá me vira,
Tão digno, que na bella Arcadia nossa
Igualmente meu nome se insculpira!
Entre a serie preclara
De *Glauceste* a memoria se guardára.

Mas onde irá sem pejo
Collocar-se atrevido
Quem longe habita do sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do patrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso caro abrigo,
Pastores, póde tanto,
Que despertando do silencio antigo,
Erguer bem posso sem vergonha o canto:
Comvosco está *Glauceste*,
Comvosco faz soar a frauta agreste.

Se não cantar os feitos
Do bom pastor d'Anfriso,
Se de Jove e de Marte entre os eleitos
Não espalhar cantando um doce riso:
Saberei nesta praia
A Titiro imitar junto da faia.

Em vós, ó campos, cresça
A vegetante pompa,
Cresça o verde esplendor, em vós floresça
A murta, o loiro, e na doirada trompa
Do monstro sempre errante,
O nome de *Termindo* se levante.

CANTO HEROICO

Ao Ill.mo e Ex.mo S.or D. Antonio de Noronha na occasião em que os movimentos da Guerra do Sul o obrigarão a marchar para o Rio de Janeiro com as Tropas de Minas Geraes.

Jam nunc minaci murmure cornuum
Perstringis aures, jam litui strepunt
Jam fulgor armorum fugaces
Terret equos, equitumque vultûs.
Horat. lib. II, Carm. I.

1

Marte feroz, que com semblante irado
Influes nos mortaes a dura guerra,
Soffre que a teus ouvidos chegue o brado
Da minha afflicta, e magoada Terra :
A paz tranquilla, e o sereno estado
Do nosso bem por ti já se desterra;
Por ti eu vejo, que a discordia crùa
Sacode as serpes da madeixa sua.

2

Busca a ardente fornalha o ferro, que antes
De util arado ao lavrador servia;
Punhaes agudos, lanças penetrantes
Levão na mão, que os rege a morte fria :
Ouvem-se as vozes dos clarins vagantes,
Sôa da caixa a funebre armonia,
Guerra, guerra publica o ecco horrendo,
Que os monte fere, os valles vae rompendo.

3

Deixa da amada espoza o casto leito
O saudozo Pai, que o Filho adora,
do amor, e da honra ao vario effeito
Desperta a um tempo, e ao mesmo tempo chora
ugi mortaes, que o palpitante peito
eme, e se gela; a Fama vencedora
De longe vos acena, e vos convida;
Mas de sangue e de pó será tingida.

4

Ceos, e como inda anima a idêa infame
Um concelho tão vil? que influxo impuro
Me arrebata, e me obriga a que vos chame
Ao letargo infeliz de um veio escuro?
A gloria illustre, a gloria vos inflame
De sustentar de vossa Patria o muro,
De ver a vossos pés o orgulho fero,
Com que vos ameaça o ferro Ibero.

5

Noronha é que vos guia. Elle na frente
Dos Reaes Esquadrões empunha a espada,
Aquella espada, que inda fuma quente
Do sangue Hispano, em que já foi banhada
Dos Preclaros Avós, quando pendente
Se viu da Fama na immortal morada,
Ella inspira neste Heroe o exemplo,
Que bem desempenhado hoje contemplo.

6

Se buscaes da Victoria um fausto agoiro,
Eu volo posso dar: entrai commigo
A revistar o Templo; vede o Loiro

De tanto egregio resplandor antigo,
Aquelle respeitavel busto de oiro
Guarda o primeiro Pedro : o Rey amigo,
O Quinto Affonso os seus serviços mede
No Condado feliz de Cantanhede.

7

Derivando-se a rama esclarecida
Dos illustres, esplendidos Menezes
Por um Jorge, um João, e outros que a vida
Perderão entre os bellicos arnezes;
Vede no grande Antonio enriquecida
De mil trofeos a gloria, este que as vezes
Sustenta do Primeiro, em premio prova
Por mão do Rei Felippe a merçê nova.

8

Passa o Titulo a Antonio, e já respira
Neste Conde immortal a gloria rara
Do excelso Marquezado : o Rei admira
Crescer a Estirpe magestoza, e clara :
De ramo em ramo se dilata, e gira
O Regio adorno, que a Fortuna ampara
Grandes são todos, e a maior grandeza
E' das virtudes a feliz nobreza.

9

Menezes, e Noronhas vem ligados
Em laço illustre, e de mil Reis a gloria
Se vê reproduzir nestes traslados,
Que os fastos enchem ja da Luza Historia :
Nas bellicas emprezas aprovados,
Oh e quanto distintos na memoria
Eu os encontro, eu os adoro, e vejo
Se busco o Ganges, se demando o Tejo!

10

Africa o diga em desolados cumes
De frios ossos alvejando as praias,
Digão no de Asia aos cortadores gumes
Razas no campo as Legiões cambaias.
Semideuzes da terra, e dignos Numes
Os viu o Tejo nas frondozas raias,
Em Montes Claros, e Elvas inda soa
O clarim, que as victorias apregoa.

11

Que parte o mundo em seus limites conta,
Que de tantos Heroes não honre, e guarde
As preclaras acções? Febo as aponta
Onde nasce, onde morre, e onde mais arde.
Se a um, e a outro hemisferio se remonta
A gloria sua; a nos se não retarde
A ventura de vermos neste Estado
Por um Noronha o nosso bem firmado.

12

Antonio, o grande Antonio é quem segura
Das Patrias Minas o feliz districto,
Por elle a mão da provida Ventura
Tem o nosso prazer em bronze escripto:
Dos ferteis campos, que talar procura
O soberbo Hispanhol, eu ja medito
Que livres do temor, do pranto enxutos,
Nós passaremos a colher os fructos.

13

Então de palmas a coberta estrada
Aos seus triumfos abrirá caminho,
Mil vivas entoando a Esquadra armada,

Desde o Rio da Prata a Doiro, e Minho.
Pender veremos da luzenta espada.
Ricos despojos, que o curvado Pinho
Farão gemer; veremos como torna
Cheio de loiros, de que a testa adorna.

14

Parte, valente Heroe, parte, e a teu mando
Ajunta um corpo de rendidos peitos,
Que então são dignos de seguir-te, quando
Amão da gloria os immortaes respeitos:
Teu nome, o vôo sobre a Fama dando,
Passe do mundo os ambitos estreitos;
E alem da meta, que o Thebano assigna
Firma o brazão da Luzitana Quina.

15

Candida nuvem desde os Ceos desata
A abundancia, o prazer, e a alegria
Sereno o aspecto da Fortuna ingrata
Longe de nos Rhemnuzia se desvia.
Não he engano, que a illusão dilata
Na fecunda ocioza fantezia;
Eu o vejo, eu o sinto, e ja se apressa
A feliz hora e a estação começa.

16

Correi de leite e mel, ó Patrios rios,
E abri dos seios o metal guardado;
Os borbotões de prata, e de oiro os fios
Saião de Luzo a enriquecer o estado:
Intractaveis penedos, montes frios
Deixae ver as entranhas, onde o Fado
Reserva pela mão do Heroe mais nobre
Dar ao mundo os thezoiros, que inda encobre.

17

Verdes negros Tritões tecendo a amarra
Prendão no Tejo as carregadas Frotas,
Que vem buscando a Luzitana terra,
Lá desde o seio das regiões remotas :
O Hispano leão curvando a garra
Trema de espanto, e nas entranhas rotas
Sinta o furor da macilenta inveja,
Que o roe, e morde, e em devorar forceja.

18

Mas eu que me dilato, ou me detenho
Nas imagens de auspicio tão ditozo?
Se a profetica luz em desempenho
Transpira ja no quadro luminozo?
Já desde o Porto o desatado lenho
Ao triumfante Heroe recebe anciozo,
Ja pouco a pouco o vento, abrindo as velas,
Foge do Patrio Rio ás praias bellas.

19

Parte, valente Heroe, mas deixa em tanto
Que te chore o Paiz dezerto, e triste!
Quanto e' pezada a tua auzencia, e quanto
Ella de balde a tanta dôr reziste!
Permitte ao menos que o saudozo pranto
Te accompanhe, e te siga, e se ja viste
De ua muda eloquencia o ardente effeito,
Rende a ternura o resoluto peito.

20

Volta o semblante a nós, e agradecido
Um innocente adeus de nos recebe,
Que mal se explica o tremulo gemido,

Que ua ancia absorve, e um suspiro bebe!
Nos te perdemos, e de longe ouvido
O teu nome entre sustos mal concebe
Uma idea a esperança, de que possa
Mudar-se a face da saudade nossa.

21

Da prudente mão, que dirigia
As redeas do Governo, a ti fiado,
Choraremos a falta : Ella fazia
E do Rei, e do Povo o doce estado.
Quem por teu beneficio, quem gemia
Ao pezo da oppressão, quem melhorado
Não via o seu destino, soccorido
Da tua proteção, de ti ouvido?

22

Conservado o equilibrio da balança
De Nemezis o altar com vivo culto
Descançava em pacifica bonança,
Livre a innocencia do orgulhoso insulto :
A justiça, a razão, a segurança
De todo o nosso bem, qual nobre indulto
Em ti não encontrou? por ti vivia
Da Virtude o esplendor, por ti luzia.

23

Se pois mais digno emprego hoje te inveja
E de nós te retira, ou te separa,
Digno de ti o nosso pranto seja,
Nelle o seu voto o nosso amor prepara.
A tua gloria, e ao teu nome eu veja
Erguer se um Templo, e levantar-se uã ara,
Onde aos Heroes, que respeitar a idade
Sirva de exemplo a tua heroicidade.

24

E tu, o Genio Hispanhol, que a face ostentas
Tinta de sangue, e aos mortaes ensinas
A tecerem no estrago, que fomentas,
Da humanidade as miseras ruinas,
Tu, que fizeste respirar violentas
Da guerra as chamas entre as Luzas Minas.
Vejas em triste vergonhoza injuria
Convertida em teu damno a propria Furia.

25

Ao carro atado de Noronha um dia.
Possas atravessar os campos, onde
Ha muito que te espera, e desafia
O valor Portuguez, que o Tejo esconde :
Legéa, a bella Ninfa o prometia,
E Proteu, que a seus votos corresponde,
A instantes nos faz ver, que esta esperança
No braço de um Noronha se afiança.

26

Por ti de Thebas renovada a scena,
Pula grande ira dos irmãos travados,
Que rompe, abrindo a terra, a paz serena
Da seara dos dentes derramados.
Por ti de amor a Leï se desordena,
São da amizade os vinculos quebrados,
Que auspicio te assegura a idêa estranha,
Se no sangue fraterno a mão se banha!

27

Melhor tu foras de Africa orgulhoza
Quebrar o alfange, e ensanguentar as Luas
Que dos despojos teus enche glorioza

Os altos capiteis das Torres suas;
Melhor das Indias a porção precioza
Vingára o raio das espadas nuas,
Tal vez então que o merito fizesse
Na justa causa a honra do interesse.

28

Mas desde Ebro desatar o Pinho,
Qual fero Jarba a disputar Cartago;
Do parente, do amigo, e do vizinho
Tentar o golpe, e fulminar o estrago;
Fazer do Elizio no immortal caminho
Tantas almas de Heroes cruzar o lago
Do Frio Lethe : ah que o teu nome eu vejo
Andar aos netos com vergonha, e pejo.

29

Se a impulsos de um furor corre inimigo
Teu braço a provocarnos, eu te juro
Que vejas renascer o esforço antigo,
Que tantas vezes te atacou seguro :
Traze em memoria o misero castigo
Daquelle pacto, que te achou perjuro,
Vê se os trezentos Fabios inda alenta
A serie augusta dos Varões quarenta.

30

Lembre-te que de todo enfraquecido
O Reino estava, e qual Antheu gigante
Com mais forças pulou do chão erguido
A restaurar o sceptro vacilante;
Lembre-te que entre os poucos do partido
Nenhum tão digno de que a Fama o cante
Como um Pedro Menezes. Tens presente
No grande Antonio o successor valente.

TRADUÇÃO DE UMA ODE DE VOLTAIRE

AO REI DE PRUSSIA

ODE

A mãi da morte a tremula Velhice
Com a sua mão de ferro tem quebrado
As forças de meu corpo, e fez que eu visse
Dos males seus meu animo atacado.
Eu te desprezo idade fatigada :
Eu vivo junto a um sabio, eu te não temo;
Elle no ultimo extremo
A vida me fará menos pezada.

2

Correi meus dias ultimos sem medo,
Correi junto a um Heroe, que altivo, e forte
Vos faz gozar da vida o sonho ledo,
Sem susto algum ao triste horror da morte.
Elle me instrue, e intrepido me torna,
Firmes meus passos são, pois que elle os guia
Um mortal, de quem fia
Pallas o escudo, de valor se adorna.

3

Filosofo dos Reis, com que alegria
Aos Elyzios irei, pizando flores,
Do maior dos seus grandes successores

A Marco Aurelio fallarei um dia,
A Salustio lerei a vossa historia,
Vossas leis a Licurgo, e vossos versos
A Virgilio. Que gloria,
Que talentos tão raros, tão diversos!

4

Mas logo que eu descer ao Reino escuro,
Não vades vós, Senhor, a vizitalos,
Regei o vosso Povo em paz seguro,
E bem tarde ao depois ide a buscalos.
Eu estarei tecendo junto ao Lethe
Novos loiros, se a margem sua cria,
Agradecida, e pia
Minha mão este obsequio vos promette.

ODE

A MILTON

Comtigo me entretenho,
Contigo passo a noite, e passo o dia,
E cheia a fantezia
Das imagens, ó Milton, do teu canto,
Comtigo desço ás Regiões do espanto,
Comtigo me remonto a imensa altura,
Que banha de seu rosto a formozura.

2.

Tamiza, que nos deste
Dentro do seio teu tão alto engenho,
Que o sagrado dezenho
Do divino Poema lhe inspiraste,
Como o cofre dos males derramaste
Sobre a sua fortuna? Como ao Fado
O trazes desde o berço abandonado?

3.

Não basta além da Patria
Perigrino vagar estranhas terras,
No horror das civis guerras
Ensanguentar o braço ás Muzas dado,
Da torpe, e vil pobreza inda vexado
Queres que gema, e conte em baixo preço
De seus estudos o cançado excesso?

4.

Sim, esta é a ventura,
Estas as murtas, e as grinaldas de oiro
Que ao seculo vindoiro
Hão de levar os que de Aonia bebem:
Fortuna, os teus thesoiros só recebem
Bastardas Gentes, que da tenra infancia
Afagou nos seus braços a Ignorancia.

5.

Tu o sabes, ó Tejo,
O teu grande Camões o geme, e chora;
Nem mais risonha anrora
No Apenino esclarece ao nobre Tasso:
De porta em porta vagaroa, e lasso,
Mendigando o cantor da Grega gente,
O pezo infausto da miseria sente.

6.

Nega-lhes muito embora
Deuza inconstante as vãas riquezas; tudo
Entre o silencio mudo
Dos tempos jazerá; a illustre gloria,
Que os nomes encommenda a larga historia
Livre de naufragar nesta mudança
Os guarda, e zela na immortal lembrança.

7.

Por ella te contemplo
Calcar, ó Milton, da disgraça o collo;
Desde o gelado Polo
Teu nome vencedor a nós se estende,
Em nobre fogo o coração accende,
Quando nos abres a feliz estrada
De Epopeia ja mais de alguns trilhada.

8.

A nunca ouvida lingoa
Das eternas celestes creaturas,
As suaves ternuras
As castas expressões dos Pais primeiros,
De incorporeas substancias os Guerreiros
Combates no Aquilon! tudo imagino;
Tudo e' grande, ó bom Deus, tudo e' divino.

9.

Vôa do Estigio Lago,
O' Espirito rebelde: hum frio gelo
Me deixa apenas vello!
Tenta a Equinocial, vaga os abismos,
Que horror! Entre funestos paroxismos
Talvez chego a temer, que o Monstro possa
Cantar os loiros da tragedia nossa.

10.

Ah não: oiça-se o brado
Da Epica Trombeta: o rapto admiro,
E ja no dubio giro
Longe de me aterrar o Dragão fero,
Arrancadas montanhas ver espero
Do Trono de Sião, vingado a injuria,
Confunde-te, oh soberbo, e rende a furia.

11.

Estranhas maravilhas
De algum Genio mortal jamais tentadas!
Idèas animadas
Na mais nova, mais rara fantezia!
Se Milton pela mão nos leva, e guia,
Cesse do bem perdido a fatal ancia,
Esta e' de Edén a milagroza estancia.

12.

Muzas, vos que educastes
Alma tão grande, e que a gostar lhe destes
As doçuras celestes
Do nectar, e da ambrozia, um novo loiro
Vinde tecer-lhe ; e junto ao Busto de oiro
Mandai gravar este Epitafio breve :
Milton morreu : seja-lhe a terra leve.

ODE

NO ATTENTADO CONTRA POMBAL

Leo fortissimus...
Ad nullius pervenit occursum.
Prov. cap. 30 vs. 30.

Descobrindo-se a tração maquinada por João Baptista Pelle, natural de Genova contra a vida do Illmo e Exmo Sn.^or Marquez de Pombal.

Monstro do Abismo, detestavel Furia,
Horror da fe', da humanidade injuria,
Tu conspiraste contra aquella vida
Que dos Ceos protegida
Aos Portuguezes Povos assegura
A paz, e a doçura
Ferteis thezoiros, que a Fortuna encerra.
Aborto foste da Estrangeira Terra:
Que o berço Luzitano
Não produz a traição, o insulto, o engano.

2.

Barbaro, e que emprendeste? Uma obra rara,
Que o Ceo em tantos annos preparara.
No estrago suffocar de um só momento!
Do infame atrevimento
Ve como o Ceo justa vingança toma!
Como o orgulho se doma!
Banhada no seu sangue a torpe idêa
E' ja cadaver a maldade fêa;
Sossobrada a memoria
No Epitafio das cinzas lê a historia.

3.

Erguer eu vejo a erriçada testa
O religiozo Tejo; elle protesta
Que este horror, este insulto, este attentado
Não foi ali gerado.
Teme-se a peste sobre o seu terreno
No contagio, ou veneno,
Que impio Genio derrama: a sepultura
Lhe não abra entre nós a terra dura.
Debalde o corpo chame:
Longe, longe de nós a sombra infame.

4.

Espiritos vagantes do ar corrupto
Recebei, recebei este tributo
Que o sacrilego Pelle hoje vos rende:
Elle e' tão vil, que offende
Vossa mesma impureza; se alguma dia
A horrenda companhia
Se lhe ajunta dos vossos Ravalhaques,
Dos vossos Dimiaens, dos vossos Jaques,
Dizei-lhes quanto avança
Genova infausta ao que attentara França.

5.

De palmas, e de louros vinde agora
Cercar o Trono, que enche, e condecora
O Ministro Real: As vossas vozes,
Illustres Portuguezes,
Basta um Noronha a sustentar; levando
Os seus votos, e dando
Ao Sanctuario repetidas graças:
Elle nos mostra as fataes desgraças,
Que o Luso Reino evita,
Graças de Enrique a Proteção bendita.

6.

Mostra-nos que a bastarda impia doutrina,
Que arma a subdita mão contra a Divina
Face do Rei, só e' do orgulho feio
Approvada no seio:
Se na acção o rebelde se confunde,
Se o terror se lhe infunde,
Não e' que a força, ou a prudencia humana
Seus impulsos contesta, e desengana;
Sobre o sceptro, e a corõa
Vela so Deus: e' Deus quem o pregoa.

7.

Salva temos a vida, em quem descança
De todo o Reino a paz, e a segurança,
A justiça, a razão, e o bem de todos:
Por mil suaves modos
A mão fecunda, repartida vede.
Elle a nós nos concede
Desde ua longa desigual distancia
Os fructos da mais provida abundancia.
Antonio o assegura,
Antonio, que a Carvalho se afigura.

8.

Por este Ephestião do Rei mais digno
Dadiva, ou premio ja do Ceo benigno,
Alegres sempre a respirar vivemos,
Nelle a virtude temos
Dos egregios Avós desempenhada;
Daquelles cuja espada,
Nos districtos do Occazo, e do Oriente
Tanto explendor, tanto trofeo pendente
Consagrára a Memoria,
Para os fastos honrar da Luza Historia.

ECLOGA

A Illm.ma e Ex.ma Snr.a D. Maria Jozé Ferreira d'Essa no dia dos seus felicissimos annos

TITIRO, E MELIBEU

Mel.— Titiro, como aqui tão descançado
A sombra desta faia, não te assusta
Ver o rebanho teu todo espalhado?

Tit.— Ah Melibeu, que pode a sorte injusta
Trazerme já de mal, se em meu amparo
Eu tenho a proteção mais sancta e justa?
Tu não ves este Ceo sereno, e claro?
Este campo não ves todo florido?

Mel — Eu vejo tudo, sim, tudo reparo.

Tit.— Pois cres tu que se occupe o meu sentido
Já em temer mais damno, ou desventura,
Se o meu Pais é outro do que hasido?
Aqui é que se prova essa doçura,
Que o disvello dos homens tanto cança;
Ella na paz se logra, e na brandura.
Quando ja mais se viu esta bonança,
Em que dorme o Pastor co'a porta aberta
E ate' o proprio cão dorme, e descança?

Mel.— Mas quem dá esta dita? Un tempo alerta
Te via sempre estar temendo as iras
Do Lobo roubador, que o cão disperta?

Tit. — Tu que de min tão longe te retiras,
E estás vivendo la n'outra montanha
Razão tens de ignorar se aqui não giras.
Vem discorrendo o monte, ouve essa extranha
Maravilha, que vai por toda a parte,
Ou segue os passos meus, e me acompanha.
Que te soa aos ouvidos?

Mel. — Com tal arte
Um canto escuto aqui entre os Pastores,
Que apenas o prazer posso explicarte

Tit. — E que? Cantão acazo os seus amores?
Queixam-se do rigor das Ninfas bellas?
Andão correndo após dos seus favores?

Mel. — Não: o assumpto do Canto não são ellas
Antes as mesmas Ninfas vem tecendo
Para uã Maioral novas capellas.
Juntas com seus amados concorrendo,
Em danças por mil modos inventadas
Ao redor della as vejo estar dizendo:
Recebe estas offertas consagradas
Por mão do nosso amor, Filha de Albano,
Que as dadivas de amor são mais prezadas.

Tit. — Ah se ouviste este nome soberano
Não te demores mais corre comigo
Vem vêr a quelle rosto mais que humano.

Mel. — Quem e' essa Pastora, dize amigo,
Que eu não sei por que força a estou amando,
E de vontade a vou buscar comtigo?

Tit. — Quando chegues a ella a mão beijando,
Sabe que vendo estás essas mais digna
Maioral, que hoje o Tejo nos vem dando,
Aquella que de nós toda a maligna
Influencia dos Astros já disterra,

E os nossos campos vem guardar benigna,
Aquella, que deixou a Patria Terra,
Que o Minho, e o claro Lima inunda e lava,
Para habitar comnosco nesta serra.
O mal, que aos nossos gados agoirava
De sorte fugiu já, que não tememos
O contagio da peste, e a fera brava.
Com ella os nossos dias passaremos
Tão cheios de prazer, e de alegria,
Que da doirada idade nos lembremos,
Idade, em que o Pastor se divertia
Ao som do seu rabil, e doce avena,
E da inveja os venenos não temia.

Mel.— Titiro, se este bem o Ceo te ordena,
Eu parte quero ter na tua gloria,
Que perder um tal bem me e' grande pena.
Eu dessa Maioral tinha memoria,
Desde o meu velho Pai, que me contava
Da honrada gente sua a antiga historia.
Sempre em Ferreiras d'Essas me falava
Grandes no Minho, que respeita o Tejo.
De regio e illustre sangue elle os gabava.
Mudar-me para aqui tãobem desejo
Deixar quero o meu campo, e os meus mon-
[tados
Que esta dita Pastor eu muito invejo.

Tit.— Podes vir; e entre os meus, entre os teus
[gados
Não farei differença, dormiremos
Debaixo desta sombra reclinados,
E o seu louvor somente entoaremos.

ODE

N'UM ANNIVERSARIO

(*Aos annos da Ill.ma e Ex.ma Snr.a D. Maria Jozé Ferreira d'Essa e Borbon.*)

Inexperto menino, os moles annos
Icaro a contar chegava,
Quando o Pai se esforçava,
Artifice infeliz de mortaes damnos,
A tecer-lhe nacera a debil penna,
Dando-lhe as azas, de que uzar lhe ordena.

2

Pelos espaços da região vazia
Dirige o tenro Moço o voo incerto,
E já das chamas perto,
Se derrete a materia, que pendia
As delicadas pennas de uã em uã,
Cahe, e se afoga na encrespada espuma.

3

Immortal o padrão do atrevimento
Aos vindouros ficou, sim este ha sido
Do orgulho concebido
A memoria, que resta ao pensamento.
Mas a triste historia á ideia trago
Como o exemplo desprezo, e busco o estrago.

4

Destro Mentor meus passos encaminha
Ao Polo excelso da attenção mais alta,
A experiencia falta
Se não falta o conselho a Muza minha.
Ah como eu devo recear que tome
A Patria Terra do meu cazo o nome.

5

Mas se a impreza é tão digna, que de gloria
Pode servir-me o mesmo precipicio,
Eu farei sacrificio
Da Tragedia, e igualmente da victoria:
Quero cantar de ua Heroina os annos,
Cantar quero seus dotes soberanos.

6

Direi que da Memoria as castas filhas
Emulas deste dia no cortejo,
Desde a margem do Tejo
Vem tributar lhe as raros maravilhas
De seus ferteis cristaes, de seu thezoiro,
Bisonhas sacodindo as tranças de oiro.

7

Que as Driadas formozas, e as Napéas,
Dando-se as mãos em lizonjeiro agrado
Vão pelo verde Prado
Divididas do gosto em mil idéas,
Colhendo os goivos, os jasmins e as rozas,
De que grinaldas lhe trarão mimozas.

8

Direi que na feliz doce lembrança
De tão alegre, e suspirada aurora
Pude ver algua hora
Respirar toda a paz, toda a esperança
Do Reino Luzo, enchendo os seus projectos,
Na serie Augusta dos vindoiros Nettos.

9

Sim Noronhas invictos, sim Menezes,
Este dia nos trouce o fausto auspicio :
O horoscopo propicio
Nos fez ver os escudos, e os arnezes,
Que das vossas virtudes dando abono
Nos seguravam sobre o Tejo o trono.

10

Com providencia o Céo creado havia
De troncos taes um ramo florecente :
Eu o tenho presente
Ao lado da suavissima Maria
Oh que bem neste laço eu imagino
Que mais do que a eleição pode o Destino.

11

Se Maria do Sol não visse a face,
Quem de Rodrigo o coração prendera?
E quem o merecera?
Sim, Rodrigo no mundo tão bem nasce
Preveniu, eu o vejo, cuidadoso
A tal Espoza o Ceo tão grande Espozo.

12

Amor, misero Amor, eu sei que um dia
Colhendo flores pelo prado andavas,
    Uma rosa tocavas
Quando ua abelha o dedo te mordia,
Choraste então, e te queixaste aflicto,
Ouviute a Mai, e consolou teu grito.

13

A não sabias tu que aquella fera
De ordem de Venus vigiava as rozas,
    Estas flores mimozas
Não as dá para ti a Primavera.
Sente, e lamenta, Amor, chora os teus damnos
Devem se as rozas de Maria os annos.

14

Contenta-te dos Loiros, que roubaste,
Já que a formoza Mai na selva Idea
    De veneer se glorea.
Este triunfo as tuas glorias baste.
Quanto infeliz tu foras se Maria
Concorresse das Dêosas na porfia!

15

Contenta-te de que inda gema o Xanto
Ca roubada belleza o triste cazo
    E que o Pergamo razo
Devesse as Phrigias Mães tão terno pranto.
Contenta-te de ver ao carro prezo
Heitor dos Gregos infeliz desprezo.

16

Contenta-te... mas onde me arrebato
Da grande empreza o meu valor desista,
Esmorece se a vista.
Treme, e vacila o pé, destino ingrato!
Inutilmente de calcar presume
A debil planta do Parnazo o cume.

17

Se em moles palhas a bater começa
Curtas azas o leve passarinho,
Não se aparte do ninho
Te' que a pena se encrespe e se endureça
Tempo virá, se elle a voar se ensaia,
Que suba aos cedros, e á copada faia.

ASSUMPTO LIRICO

ODE

O fresco parto de purpureas rozas,
Bella Deuza de Paphos, e Amathunta;
As brancas aves ao teu carro ajuncta,
Desce do Tejo as regiões frondozas;
Alli cheias de rizo, alli gostozas
Euphrozina e Aglaia
Andão brincando na arenoza praia.

2.

Ve de um golpe de vista esta ligeira
Volante esquadra de gentis Amores,
Que armados de mil dardos passadores,
Uns com outros se apostão na carreira.
Banhada em fresco sangue a mão guerreira
Do vencedor Cupido,
Cuido que alto despojo ha conseguido.

3.

E qual Mancebo, ó Ceos, atado, e prezo
Chegar eu vejo com cadeias de oiro?
Cingelhe a branca testa um verde loiro,
Brilha no rosto bello um raio acezo!
Os teus feros arpões Amor desprezo,
(Ouço que diz) e a custa
Do proprio estrago teu, nada me assusta.

4.

Tu não e's, que me vences, eu não cedo
Do vil Cupido ao venenozo dardo;
De atarte ao carro meu talvez não tardo,
Se e' que a fugir não te aconselha o medo.
Onde vai ter o misterioso enredo!
Tão cheio de arrogancia
Quem pode assim fallar de Amor na estancia!

5.

Mas ah que desde o Doiro himnos cantando
Ao longe avisto as filhas da Memoria,
O harmonico grito da victoria
Na Epica trombeta vem soando,
Qual as flexas sutis depedaçando,
Qual rasgando-lhe a aljava,
Vingão do cego Deus a furia brava!

6.

Bate as palmas, Amor, pede piedade,
Chora, soluça e geme : a dôr movidas
Ja querem perdoar; eis que detidas
Entre a ternura estão, entre a crueldade.
Confessa Amor, confessa com vaidade
Que não foi tua a empreza :
Que das Deuzas, que ves, Rodrigo e' preza.

7.

Aqui de officiozas mil Napêas
Em doirada carroça conduzida
Ua Ninfa aparece : alva, e luzida

Chama desce dos Ceos, e accende as têas.
Em tripudios, em bailes e choreas
A chusma se reparte;
A melhor Venus cede melhor Marte.

8.

Conta-me, Amor, que estranha scena e' esta?
De qual aqui se trata alta conquista?
Acazo eu pizo, acaso tenho a vista
Do mar de Athlante magica Floresta?
Sim o segredo teu ja manifesta
O Lima que brilhante
Guarda a carroça em letras de Diamante.

9.

O Doiro ao Tejo vem render Maria,
Quiz surprendela Amor, e da victoria
Menos aos tiros seus se deve a gloria,
Que a virtude de ua alma justa, e pia.
A constancia, a firmeza e' que se fia
Tecer o casto laço.
Cede-lhe o Nume o desarmado braço.

10.

Eis aqui espalhados sobre a terra
Os seus feros arpões em sangue tinctos;
Estas as armas, e os farpões distinctos,
Com que aos humildes corações fez guerra.
Que alto misterio esta ruina encerra!
Ainda destroçado
Vejo encher-se de gloria o Deus vendado.

11.

Despojos vãos, que um dia vos jactastes
De enlaçar o Deus Marthe em Vossas redes,

Pendentes ficareis destas paredes,
Que de triunfos mil ja coroastes:
Se os bravos ursos, se os leões domastes,
Ah vejase alguã hora
Que e' so Maria a vossa vencedora.

12.

Maria vence Amor, que não devera
Nas Reas Nupcias influir profano
O Deus da falsidade, o Deus do engano,
Dos cuidados mortaes triste chimera.
Sancto Himmineu de ti e' que se espera
O fecundado leito,
Templo do Amor, e Trono do respeito.

13.

Tu ditozo farás o natalicio
Da formoza Heroina: e se a lembrança
De ua tão doce, tão felis bonança
Pede de nos um grato sacrificio,
Das nossas mesmas vidas desperdicio
Contentes te faremos,
Porque os seus bellos dias augmentemos.

CANTO EPICO

recitado em o dia do feliz Anniversario da Illm.ª Exm.ª Senhora D. Maria Joze Ferreira d'Essa e Bourbon.

OITAVAS

1.

Com a trompa na mão, por cujo grito
Soa na foz do Tejo do Indo a historia,
Vejo erguer se o Cantor, que o peito invicto
Do Luzitano Heroe encheu de gloria:
Tendo os olhos em mim, e o rosto fito,
O' tu que impresso guardas na memoria
Dize-me o canto magoado, e triste,
Que a bella Castro recitar me ouviste,

2.

Se do Mondego aos Campos nunca enxutos
Das lagrimas, que chora a Ninfa bella,
Os suspiros mandei doces tributos
Do amante coração, que o susto gela;
Se te dão casto amor os tenros Fructos,
Que o paterno cuidado afaga, e zela
Eu pude expor aos barbaros algozes,
Entre os soluços, entre o pranto, e as vozes;

3.

Ah possa a minha Muza (se e' que a tanto
Aos Vatés se permitte) em sabio agoiro
Dos Luzos fastos consolando o pranto,
Darte ua ideia do cortado loiro:
Se outros dos Reinos, onde habita o espanto
Trouce aos seus Julios o diadema de oiro;
Eu que ao de Mantua occupo igual assento,
Igual fortuna nos meus versos tento.

4.

Verás, ó Pedro, da roubada Espoza
Um ramo rebentar, que ao Trono extincto
Illustre excelsa successão glorioza
Na longa idade renderá distinto:
Este João será, de quem na honroza
Serie de Heroes, que já me finjo, e pinto
Mil vagarozos suspirados Nettos
Virão nascendo para os Regios Tectos.

5.

Tu lhe tens dado a mão formoza Telles
Clara Irman da suavissima Rainha,
A quem de Colcos as doiradas pelles
O claro Tejo tributar convinha.
Os dois Infantes restaurando aquelles
Reaes brazões, a amada Patria minha,
Farão chegar (ah mente o meu desejo:)
Farão chegar a casa d'Essa ao Tejo.

6.

Eu a verei nascer em ti, Fernando,
Do Grande Pedro afortunado Netto,
De ti a prole augusta vem pulando,
Que do meu Vaticinio enche o projecto:

Qual, o braço nas armas ensaiando,
Honra de Marte o Templo, qual objecto
E' de Minerva, as ambições mais raras
Para as Mitras, Capellas, e Tiaras.

7.

Desças a nós, ó Purpura Romana,
De um dos Almeidas a cingir o peito,
Almeidas, de que a Estirpe Soberana
Vincula de Borbon o laço estreito;
Mas qual outro da praia Luzitana
Soltas as vellas, parte a ver sujeito
Das aureas Minas o hemisfero, aonde
Novas conquistas o destino esconde?

8.

Abertas as entranhas, roto o fundo
De grosso rio, da escabroza serra
De oiro, e Diamantes o Paiz fecundo
Ja mostra aos homens o valor, que encerra:
Tu Lourenço serás: ao longe o mundo
Teu nome ha de escutar, polindo a Terra,
E preparando os Loiros, de que um dia
Ornes a testa da feliz Maria.

9.

Ah que o nome suave me arrebata
E me surprende ao futuro auspicio
A bella imagem, que em seus dons retrata
Dos Pais illustres o esplendor propicio!
Oh nunca foras a meu voto ingrata
Vindoira idade, e em rapido exercicio
A meus olhos o dia emfim trouceras,
Em que nascida a bella Prole esperas!

10.

Eu vira as Graças, e os Amores dando
As tenras mãos, por entre o pranto, e o rizo
Vira em meio das flores ir voando
A linda Esquadra ao deleitozo avizo,
Junto ao seu berço os himnos entoando
(Qual sobre as margens do saudozo Amphrizo)
Vira as Tagides bellas, que mimozas
Grinaldas tecem de jasmins, e rozas.

11.

Alimentada aos peitos da innocencia
Eu vira então crescer, tocando a idade,
Em que a sazão dos fructos da prudencia
Provara da grande alma a heroicidade :
Que dotes de ternura, e de clemencia,
Que discrição, que graças, que igualdade
De acções, e de costumes! ah não mente
O rosto, que na ideia está presente!

12.

Abre-me, o Fama, o teu Palacio augusto,
Onde cercada de Laureis habitas,
Deixa-me ler ao pé de cada Busto
As heroinas, que ali tens escriptas,
Se o teu louvor, se o teu obzequio e' justo,
Saber pertendo; as regiões bendictas.
Me dão já livre o passo; eu entro, e pizo
Do regio pavimento o jaspe lizo.

13.

E qual aos olhos meus se patentêa
Bella estancia do pasmo! Entre as felices
Habitadoras de uã, e outra arêa,
Vejo az Zenobias, vejo as Cleonices!

O Tibre aqui das Porcias se glorêa,
Ali de Africa vem as Berenices,
Fazer de Tito mais feliz a historia!
Ah que Maria lhes disputa a gloria!

14.

Amor, tu que da Idalia te remontas
A respirar do Tejo os frescos ares,
Prepara o arco, e as doiradas pontas,
Que honra melhor despojo os teus altares :
Se digno so da bella Ninfa contas
O Mancebo gentil, que as Tutelares
Deidades guardão no Solar de Anjeja
Rodrigo de Maria o Espozo seja.

15.

Une Rodrigo com feliz aliança
Ao sollãr de Noronha a caza d'Essa,
Aqui de Castro a pallida esperança
De nova luz a respirar começa
De um Henriques no sangue se afiança
O Grande conde de Gijon; já cessa
De consultar os Fados meu empenho,
Se de Pedro outra vez ao Tronco venho.

16.

Eis de Fernando Principe ditozo,
Que da Iberia o Leão calcar quizera,
Vem derivando o sangue, e o brio honrozo
Izabel, que de Pedro o ser troucera :
Vos me fugis! O vôo duvidoso
Quazi que de alcançar vos desespera;
Mas, oh destino! junto a vos estamos,
Eu vos torno a encontrar felices Ramos!

17.

Assim da mesma fonte nascer vejo
Desde a famoza Arcadia os doces rios.
De Arethuza, e de Alfeu; terno desejo
Vai unir na Trinacria os seus desvios :
Bello Pais de Ellide; eu não te invejo
Os milagres de Amor; além dos frios,
Distantes serros, que enche a Hispanha, e guarda
De Pedro a Estirpe a se enlaçar não tarda.

18.

As sombras noto, que vagando pizão
Do Elizeo os campos, repetir mil vezes
Os Reaes Troncos, onde se eternizão
Os Brazões dos Noronhas, e Menezes :
Nos escudos as Aguias se devizão
De que ornados os Timbres Portuguezes
Girando vão pelas Regiões Estranhas
De ambas as Indias, de ambas as Espanhas.

19.

No horoscopo feliz do nascimento
Da bella Heroina, que ha de honrar o mundo
Inda eu oiço a Protheu, que em rouco assento
Assim falava desde o mar profundo;
Vem dar a Portugal mais nobre augmento,
Sorte mais bella ao talamo fecundo,
O digna Filha, o rama illustre, e rara
Do sangue, que o Mondego em vão regara.

20.

Eu pronostico ao Patrio Tejo a gloria
De ver nesta alta prole inda algum dia
Sustentada do Pai toda a memoria,
Bem lograda da Mãi toda a alegria;

Passar de uã victoria a outra victoria
Ver-se-ha por ella a Luza Monarquia;
Ver-se-ha... porém que digo, mas que emprendo,
Se quanto se ha de ver, já se está vendo?

21.

Já vejo os troncos que o licor doirado
Das abelhas destilão, já de leite
Vejo os rios correr; esmalta o prado
Da verde Primavera o vario enfeite;
Não mais o mundo de Saturno estado
Por fabula dos seculos aceite;
Que hoje desce a pizar a nossa arêa
A desejada fugitiva Astrêa.

22.

Annos ditosos da gentil Maria,
Que encheis na terra as esperanças nossas,
Correi sem susto, o Ceo e' quem vos guia,
Teção as murtas as coroas vossas :
Assim o Vate; eu o escutava, e via,
E qual raio que apaga as Nuvens grossas,
A sombra desfazendo, que o cercava,
Da fria pedra ao tumulo baixava.

CANTATA EPITHALAMICA

Em fronte ao escudo, que pendente estava
Marvote fero, eu vi que o peito armava
Da triplicada malha, o arnez luzido
Vi que tinha vestido,
Vi que sobre a cabeça
Com fatigada pressa
Airozo punha o capacete d'aço,
Que enlaçava no braço
As ferreas mangas : de ira acezo o rosto
Ja a tomar a lança... a um lado posto
Vi estar a Cupido,
Que em pedaços a tinha dividido,
E que zombando da Paterna furia,
Vingo, O Padre, lhe diz o tua injuria.

Colerico se arroja o Deus da Guerra
Vai ferir o filho, eis que o aterra
Prodigio inda mais novo! no brilhante
No transparente escudo tem diante
Formoza Esquadra de gentis Amores,
Coroados de murtas, e de flores
Himnos cantando vem com voz serena.
E' o vendado Irmão, que o coro ordena.

CORO DOS AMORES

Não já de Marte as iras
Timido Amor recêa;
Que tinge a nossa arêa
De Marte o sangue já.

Quebrada a forte lança,
Já se houve o seu suspiro,
Amor prepara o tiro
Amor o empregará.

De sangue, e pó coberto
Nem sempre o braço armado
Temido, e respeitado
Do Deus de Amor será.

Alguma vez das settas
Sera despojo triste,
Que a força não reziste.
Aonde Amor está.

Se o nosso espanto, e susto
Mil glorias lhe concede
Vulcano deixa a rede
Que Amor lhe tecerá.

Gemendo os roxos pulsos

Nas mais subtis cadeas
Das empoladas vêas
O sangue brotará.

Desce Himmineu sagrado
Soccorre a nosso lida,
Que a Mãe já te convida
Amor te chama jà.

Sem ti das nossas flexas
O ferro nada pode
Acode o Deus, acode
Que tudo vencerás.

Sim, da Tocha nupcial aceza a chama
Em soccorro de Amor já se derrama
Todo o influxo do Ceo; baixa dos ares
O suspirado Nume : os doces lares

De Andrada, oh Deus, de Andrada vão buscando
Que grande empreza, Amor, estas tentando!

Gentil Mancebo, que de Aquiles fora
Inveja hum dia, nestes Paços mora,
Francisco é o seu nome: a natureza
Lhe impoz no sangue a necessaria empreza

De igualar seus Maiores
Na militar fadiga, e nos suores,
Que illustres vivem para gloria bella
Da caza, e do solar de Bobadella!

Nutrido foi a sombra los Loireiros
Sobre a palmas nasceu dos seus Primeiros,
Conta por ellas os Avós honrados.
Seus dias inda apenas esmaltados
Dos primeiros Abris, já me promettem
Vencer os feitos, que oiço, e que repetem
Nas Elizias moradas
As sombras adoradas.
Dos Freires immortaes; esses que pizão
De Fama o Templo, e os nomes eternizão.

Tu és ditozo Andrada
Tu és a preza de que o Amor se agrada,
Para ti e' que corre,
E o Ceo, o mesmo Ceo e' que o soccorre.
Não debalde se viu partida a lança
Do Deus Gradivo : mais a gloria avança
Nas campanhas de Amor quem mais se rende
E quem de Eliza triunfar pertende!
Vê qual nos olhos seus se manifesta
Divino encanto! A tua Espoza e' esta.

Não te pinto de Tetis a formoza
Purpurea face, não te lembro a Espoza
Do grande Jove : as graças, a belleza,

Que Chipre, e que Amatunta adora, e preza
Da branca Deuza, que nasceu das ondas
E' bem ó mar que a minha vista escondas.

Se viste sobre o Ida
Contender as tres Deuzas surprendida
Se viste a idea do Arbitro do monte;
Poem-lhe Elisa de fronte,
Elle decidira depondo o Loiro,
Que só se deve a Eliza o promo de oiro.
Não são estas as graças,
Amor, com que de Andrada o peito enlaças;
A candida virtude exalta o preço
A formoza Izabel: um digno excesso
Eu contemplo nos seus dotes: foi nutrida
No seio da modestía; assim nascida
Entre as prizões da purpura, que zela
Ao prado se retarda a roza bella;
Assim nas conchas, que o Eritreo sepulta
A perola, que se ama mais se occulta.

Conservando a Innocencia
Tratando só com pejo, e co'a decencia,
Sabe que a bella Eliza se dispunha
Para honrar so teus votos: Testemunha
Tu mesmo esta verdade: dize attento...
Mas não fales, e adora esse portento.

Já despregando a noite e negro manto,
Vejo correr ao Templo Himmineu sancto,
Entorno a bella Ninfa chegar vejo
As Graças tres; já rompe o meu desejo
Nos transportes de um grato, ardente auspicio
Por entre o sacrificio
A fatidica voz ouvir se possa:
Illustre Par fazei a gloria nossa.
Entretanto que la do Pàtrio monte

O soberbo Itamonte
Cheio de ardor, que o seu Terreno iñunda
O thalamo fecunda,
E sobre vos entorna
As brancas flores, de que a testa adorna.

Prendra nas almas vossas
De Amor a chama ardente,
E em vos eternamente
Reinar se veja Amor.
Do ferro as flexas quebre,
E com feliz agoiro
Somente as flexas de oiro
Em vos imprima Amor.

ODE

N'UM ANNIVERSARIO

(*No nascimento de hum filho do Ill.mo Ex.mo S.or D. Rodrigo Jose de Menezes.*)

Florescentes oiteiros
A meus Paternos lares sobranceiros
Que nutris dentro em vós de oiro a semente,
Agora lisonjeiros
Inclinai para mim a verde frente
Ouvi o canto na região estranha,
Que entoou já do Rhodope a montanha.

2.

Não só de Orpheu a lira
Aos mudos troncos sentimento inspira,
Abala as penhas, adormece as feras.
O Genio, que respira
No meu novo Paiz tão bem das heras.
Corôa as Muzas, e entretece d'oiro
Para inveja do Pindo a murta, e o loiro.

3.

Formozas habitantes
Do Patrio Ribeirão, as fluctuantes
Madeixas sacodi, deixai o seio;
Os olhos scintilantes
Do vendado Menino doce enleio
Brilhem nas margens, onde Flora entorna
Os roxos lirios, de que a testa adorna.

4.

Que esquadra numeroza
De Ninfas que erguer en vejo na arenoza
Humida praia, que já salta, e piza!
A rubicunda roza,
Que a filha de Titão de oiro matiza,
Por entre orvalhos, que das nuvens manda,
Qual ja colhendo pelos prados anda.

5.

Officiozos Amores
Brincando girão; de mil tenras flores
Chegão, tendo nas mãos frescas grinaldas!
Os Faunos saltadores
Finos Rubis, Safiras, esmeraldas
Cavão nos montes; com semblante airozo
Fazem tributo do metal precioso.

6.

De varia côr tecidos
Os juncos, que o meu rio viu nascidos,
Das ramas do coral copias ostentão!
Em seus votos rendidos
Aqui as bellas Ninfas se apresentão,
Mil semideuzes da espessura; tudo
E' de amante cortejo anciozo estudo.

7.

Que berço delicado
E' este, que de perolas ornado
Um bello Infante me faz ver dormindo?
Dos Genios rodeado
Amor o embala, e os himnos repetindo
Eufrozina, Thalia, e a branca Aglaia
A hum novo sacrificio a alma se ensaia.

8.

Por entre as nuvens soa
Mistica voz; o espirito pregoa
Que de luz celestial derrama a graça.
Acezo em furia voa
O Tirano Infernal, e ao centro passa
Do escuro Abismo, onde em grilhões ligado
Mil vezes de si mesmo e' devorado.

9.

Ali o está roendo
A descarnada inveja; ali gemendo
Colerico, e feroz rasga as entranhas.
Eu ja vos estou vendo
Celestes dons nas immortães campanhas
Baixar fragrantes; sim o influxo e' vosso,
Nem do triumfo duvidar ja posso

10.

De um golpe se derrama
Essa de immensa luz purpurea chama,
E expurgada innocencia esta alma habita
Neste berço, que inflama
Vosso excelso poder, se depozita
A Fortaleza, esse virtude eterna
Que as humanas acções rege, e governa.

11.

A mansidão, que herança
E' do Illustre solar, ali descança;
Toma ao Infante a Prudencia, e o chega aos peitos
Que suave aliança.
Em nos, que o sello eterno faz estreitos
Adorar se não deixa neste dia
De virtudes, que o Ceo em sempre fia!

12.

Primeiros Pais, que vistes
Tantos filhos gemer nas sombras tristes
Da negra culpa consolaivos hoje:
Se com prantos feristes
O Ceo, o Ceo, vos ouve, o crime foge,
E o banho sancto, que a pureza enlaça
Perdida ja nos restitue a graça.

13.

Ferem os meus ouvidos
Os eccos de hum Pastor, que emmudecidos
Que cheios de terror, de susto, e espanto
Viu por terra cahidos
Os espiritos vãos... Ao sacro manto,
A face augusta, eu nelle ja contemplo
De Ambrozio a sombra, e de Agostinho o exemplo.

14.

Venturoza Marianna,
Tu de Pontével gozarás ufana;
Seus dias de prazeres coroados
O tempo em vão profana;
Vos girareis fogozos abrazados
De um Polo a outro, rapidos Ethontes,
E viverá Pontével nestes Montes.

15.

Genios do Patrio Rio,
Eu ja vos chamo, eu ja vos desafio
A dar mil provas de um prazer sincero.
A empreza de vos fio,
Nem despojar vos desta gloria quero;
Não diga o Tejo que a ventura e' sua,
Ou que a sorte feliz a faz commuã.

16.

Montes, doirai a testa
Todo o seu rizo o Ceo vos manifesto,
Brilhe em vós toda a face da alegria.
Orne a grenha funesta
A lucida e custoza pedraria,
Para vós e' que o Ceo tinha guardado
Novo thezoiro nunca em vós achado.

17.

Do frio jaspe, aonde
Doce letargo tanto Heroe esconde,
Eu os vejo surgir, a testa erguendo.
Fitos os olhos ponde
Prole de Heroes no augusto Henrique lendo
Por elle a historia dos Maiores vossos
Honrai-lhe as cinzas, adora-lhe os ossos.

18.

Menezes meus, se levo
Tão alto o voo, e em letras de oiro escrevo
De Pedro o nome, e o nome dos Antonios,
A esgotar não me atrevo
Esses que manão dos Cristaes Aonios
Sacros influxos: sobre a lira minha
De Apolo o plectro respirar convinha.

19.

Se em roda amontoadas
Vejo as ramas de loiro, se espalhadas
Juncto ao berço mil palmas estou vendo
Não de sombras pezadas
Eu nutro a fantezia; o Heroe crescendo
Estas, dira, são as lições, que um dia
Sobre os passos de um Pai eu aprendia.

FALLA

Ao Ill.mo e Ex.mo S.or D. Antonio de Noronha, Gov.or e C. G.al das Minas Geraes recolhendose da conquista do Caieté que com ardente zelo promoveu, adeantau e completou finalm.e no seu felicissimo Governo.

Voltar de loiros coroada a testa,
Entre os tambores, pifanos, e flautas,
Manietados ao carro do triunfo
Mil, e mil Esquadrões, que em campo aberto
Forão despojos da Mavorcia lança,
Eu vejo aos Scipiões, vejo aos Emilios
Aos Cezares eu vejo : mas fumando
Ainda o campo está do sangue, aonde
A colera do braço se assignala;
Alvejão inda os ossos insepultos
Dos frios Manes, que do Lethe as margens
Vagão pedindo o tumulo, e a vingança :
Não e' victoria, não, a que se compra
Ao preço vil do derramado sangue;
Sim a melhor victoria e' a que vive
Nos arcos igualmente, e nos sepulcros.

Esta arte rara de vencer sem armas
Tu a sabes, ó inclito Noronha,
E tu so a praticas. Nos te vemos
Voltar de gloria, e de triunfos chéio,
Entre as aclamações de um Povo amante,

Transportados de jubilos se arrastão
Coma em tropel os subditos a ver-te :
Velhos, meninos, se embaração ; sòa
De vozes mil, uã só voz, que leva
Aos Ceos as bençoes, e ao Deus grande os votos :
Voltas emfim, e voltas triunfante.

{ Mas que triunfo e' este, que atrahido
Tem a nossa attenção? Eu o expuzera
Se previnindo sabio o meu empenho
Este Barbaro mesmo, que arrancavas
Do seio escuro das horriveis grutas
Se não antecipara ao nobre officio.

Elle os nervozos braços sacodindo
Batendo o pé, e tremular fazendo
Com airozo meneio as encarnadas
E verdes penas, de que a testa, e o cinto
Cercou vaidozo, assim me occupa, e falla.

Não calcado até aqui de humana planta,
O Patrio Cuieté do Luzo Trono
Ja respeita o esplendor, as leis adora.
Os asperos sertões, que as mesmas feras
Talves temerão povoar, ja rompe
Sem susto algum o Portuguez vassalo :
Vnemse os rios caudelozos, e abre
Industrioza mão passagem franca
Por altas pontes de encorpados lenhos.
Não de outra sorte viu a Russia um dia
Transportaremse as tumidas torrentes
Já do Tanais, do Ina, ou ja do Volga
Ao canal que abre a mão do grande Pedro ;
Não de outra sorte o Xerxes, e o Thebano
Virão tornarse em arenozas praias
Um o Mediterraneo, outro o Helesponto.
Desde as entranhas a escondida serra

Deixar ver seus thezoiros: anhelante
Ambição ja não busca mais reparos
A indigente penuria: o oiro, a prata
Tal ves percão seu preço na abundancia:
Feliz Monarca, e mais feliz mil vezes
Eu e os meus que habitando as toscas grutas
Vivendo so do acazo, e da mizeria
Endurecendo a pelle á calma, ao frio
Sem mais abrigo que o esteril junco,
Vagos, e errantes de um em outro serro
Ja conhecemos a civil policia
Do tecto, e do vestido: Vnidos todos
Em doce paz os frutos ja provamos
Da concordia, e do amor: ajuda um braço
O braço de outro; as sementeiras crescem
E o trabalho commum, e commum premio.
Ah que de feras nos tornamos homens.

Assim falla obsequiozo o Indio (um novo
Raio da luz o illumina) salta
Dos olhos aos que o vem um terno pranto
Nuncio do gosto, e do prazer, que passa
Aos corações tocados: a alegria
Por tudo se derrama, e gritão todos:
Viva Noronha, o bom Menezes viva!

Sancta Religião, tu que nos trazes
Ao gremio teu estas incultas almas,
Que despedaças os grilhões, em que antes
Gemerão prezos por desgraça, ou pena
Seus cançados Avós, ao Sanctuario
Leva esta vez a victoria piedoza
Que zelo de hum Noronha te consagra.

Elle e' quem desprezando os ameaços
De um barbaro Paiz, aspero, e fero
Por entre os tigres, e o Gentio armado

Levou o nome, e as Quinas Luzitanas
Até o termo, onde Neptuno assigna
C'os ossos de um Encelado as carreiras
Da limitropha Capital das Minas.

Se as Montanhas rasgando do Apenino,
Não tentadas ja mais de humano esforço,
Pode o Heroe de Cartago ao fogo, e ferro
Dever a gloria de ua honroza Fama,
Quanto mais digno de perpetuo loiro
Tu não seras, oh ramo florescente
Dos illustres Menezes, tu que contas
Os Avós pelas palmas, por quem inda
Elvas, e Montes Claros testemunhão
Tantas antigas, immortaes victorias.

Lalipe o diga, e o Marechal insigne
Que ensanguentou do Guadiana as aguas,
Se Grecia, ou Roma nos seus Fastos contão
Heroes mais dignos do que Antonio, e Pedro,
Do que o grande Rodrigo? tu lhe deves
Menos a sangue, que a virtude herdada.
Derão estes varões sempre gloriozos
Nas emprezas, acções, valor, facundia
Ao Rei, ao Reino, a Patria, ao mundo inteiro.

Mas quanto aos teus maiores te avantajas
Tu, de cujos Exercitos na fronte
Não marcha o susto, e o terror, em cujas
Reaes bandeiras de adorar não cesse
A Paz por armas, por empreza a vida.

Estas são as Estatuas, que a teu nome
As altas serras erguerão das Minas,
Melhor do que nos marmores de Paros,
Ou nos polidos bronzes de Corintho:
Viverás nas memorias de Saudade.

ECLOGA

Saudade de Portugal, e alegria de Minas, com allusão ao preciozo objecto que se venerou no dia 25 de Agosto

ORIZENIO — GLAUCESTE — LUCINDA

Gl.— Só Orisenio meu, que entre os Pastores,
Que vivião nas margens do Mondego,
Eras tu o mais destro dos Cantores.

Ori.— Glauceste, eu ja cantei: eu não te nego;
Mas onde o gosto vai, onde alegria,
Onde da minha frauta o doce emprego!

He verdade Pastor que noite, e dia
Passava alegre na montanha, e dava
Gosto a qualquer no baile, e na folia.

Salicio o bom cantor, que se prezava
De melhor que algum outro, quem o ignora
Me ouvia, em contenda não entrava.

Talvez a minha voz branda, e sonora
Pode fazer que fosse verdadeiro
O que julgamos fabula algua hora:

Disse Alfeu que descia desde o Oiteiro
A ouvirme o gado, e que inda entre as pedrinhas
Parava á minha muzica o ribeiro:

Mas onde, ó Fado, mal guardado tinhas
Este duro castigo, com que cortas
Os altos voos das vaidades minhas!

As doces esperanças vejo mortas
De tornar do Mondego a margem bella,
E de bater de minha Arcadia as portas!

Glau.— Justa razão de suspirar por ella
Tens, amado Orisenio; eu tãobem vejo
Quanto ingrata commigo é minha Estrella!

Aqui não e' como no fresco Tejo,
Ou como no Mondego, onde ja vimos
Um, e outro Pastor cantar sem pejo.

Ao geito desta serra nos cobrimos
De um bem tosco gabão, qual noutra idade
Não trouce algum; de muzica fugimos:

Vivemos só de vil necessidade;
De lucta, jogo ou dança algum vaqueiro
Bem livre está de ver que aqui se agrade.

Oris. — Tristes de nós neste Paiz grosseiro!
Mas ou e' isto sonho, ou vai mudando
De repente o seu geito aquelle oiteiro?

Glau. — Eu estava tãobem ja reparando
Em um clarão, que vinha de Oriente
Por entre aquelles troncos rebentando.

Tudo parece novo ja no monte
De nova gala as arvores vestidas,
Risonha a flor, risonha a clara fonte.

Que alegres, que formozas, que luzidas
Vem descendo uas Ninfas; ellas chegão
De mil amantes Satiros seguidas?

Mudado o duro peito, em vão se negão
A Silvano, a Laurencio, e ao bom Melizo,
A seus gostozos laços ja se entrégão.

Oris. — Se será isto engano; eu la divizo
Ua Ninfa (isto e' sonho) ua Pastora
Que amava um tempo o seu feliz Dalizo :

Lucinda eu vejo vir, qual branca Aurora.
Juncto ao Tejo vivia a Ninfa bella,
Inveja sendo de Angerona, e Flora.

Tecida traz nas mãos uma capella
De roza, e lirio, e de assucena pura,
Ditoza seo pastor morre por ella!

Glau. — Ja de um canto suavissimo a doçura
Se deixa perceber: a Ninfa canta,
E os ecos vem rompendo esta espessura.

Oris. — Quem viu tanto prodigio, gloria tanta?

CORO

Do monte ao prado
Desce Lucinda,
E a sua vinda
Tudo festeja,
Ditoza seja, pois soube amar!

Em seu cuidado
Vive Dalizo,
E faz precizo
O seu tormento
Um pensamento, que morta a tras.

Luc. — Engraçados ribeiros
Do cristalino Tejo,
Se as horas lizonjeiras
Que eu passei junto a vos, o meu desejo
Avivão tanto a imagem do perdido,
Ouvi, dai attenção a meu gemido,
Qual outra emfim me vedes

Do que um tempo me vistes.
Amor tecendo as redes
Prendeu-me o coração, ja mais tão triste
Eu pude contemplar aquelles laços
Que as cadeias formarão de meus braços.

O meu Pastor amado,
Aquelle, que o seu gado
Trazia tão formozo, dividido
De mim o tem a sorte; oh sorte dura,
Que nunca gloria algua esta segura!

A contemplar me ponho
Junto a vos (ó loucura, ó fantezia)
Se engano foi, ou sonho
Aquelle bem, doce alegria,
Que respirava esta alma, quando estava
Prezente aos olhos o Pastor, que amava!

Vos Penhas insensiveis,
Vos arvores, vos plantas
Quantas vezes incriveis
Meus prazeres, dizei, oh vezes quantas
Chegastes a escutar! a minha gloria
Dizei, se e' que inda a tendes na memoria.

Com vosco ó creaturas
Mil vezes o meu bem communicava,
Tu rio inda o murmuras·
Seu nome nesta penha se gravava;
Ali conserva ainda no horror bronco
O nome do meu bem aquelle tronco.

Levou o Fado ingrato,
Levou a estranho monte
Aquelle que retrato
Deixou dentro em meu peito; ao valle, a fonte

Já de balde me queixo, em vão suspiro,
Ja nada me consola em meu retiro!

A Maioral passando
Ja de outra gente, eu creio
De mim se está lembrando.
Bem como elle tãobem vive em meu seio.
Oh sempre o meu pezar ditoza gente,
Que o meu Pastor amado tem presente!

Por elle em doce agoiro
Verão como se cobre
Igual de trigo loiro
O campo, ou ja do rico, ou ja do pobre;
Verão como sem susto entre a parelha
Pastão contente a relva o toiro, a ovelha.

Os seus longos montados
Tão cheios de verdura
Verão como regados
Não das chuvas do Ceo, não d'agoa pura,
Mas como se banhado o campo fosse,
Ou ja do branco leite, do mel doce.

Alegre sempre os dias,
Não terão sombra algua,
Fugir as nevoas frias
Verão, e desfazer-se de uã em uã
As nuvens de chuveiros carregadas,
Que as sementeiras deixão derrotadas.

Contente em sua herdade,
Contente o povo todo
No monte, na cidade
Não saberá quebrar de qualquer modo
A fe, que em vão respeita o alheio dano
Na aleivozia, na traição, no engano.

Tudo delicias vejo
No Ribeirão ditozo,
Só triste do meu Tejo,
Elle commigo chorara saudoso,
Com elle competindo as minhas magoas,
Nova enchente darei ás suas agoas!

Cant. — Se os olhos ponho
Na clara fonte,
Tenho defronte
A Imagem triste
Do meu prazer.
Passa, qual sonho
Toda a ventura,
Que pouco dura
Tudo o que e' bom.

Oris. — Que isto meu Glauceste, onde viemos
Dar comnosco? E' do Tejo esta a Ribeira
E' este o triste monte, onde vivemos?

Glau. — Foi Orisenio meu, sombra grosseira
Aquella que nos teve tão pasmados,
Que aos nossos olhos foge tão ligeira
Onde estarão, Pastor, esses montados
Cheios de leite e mel, onde sem susto
Pastão na verde relva os mansos gados?

Oris. — Vamos a ver amigo a todo custo
O Maioral Dalizo, esse que agora
Ouves louvar de tão benigno, e justo.

Glau. — Ah quem tão rico de rebanhos fora,
Que de mil recentais lhe apresentara
A mais gostoza dadiva nest'hora!

Oris. — Quem com tal arte a frauta concertára,
Que dignamente competir pudesse
De Titero a harmonia bella, e rara!

Glau. — Mas bem que humilde a offerta me parece,
Elle e' de tal grandeza, que o seu rosto
No pequeno o valor não desconhece.

Oris. — Bem que e' tão rude o canto, elle com gosto
Espero que me attenda; pois bem sabe
Que de um Pastor no verso mal composto
Um tão sublime preço emfim não cabe.

Glau. — Não cabe, Heroe, não cabe a gloria vossa
No humilde canto do Pastor Glauceste,
A cithara de Orpheu, não frauta agreste
Deixai que o nome vosso louvar possa.

Simples Pastor em mal coberta chossa
Não se atreve ao que e' grande, ao que e' celeste.
Assas no rude voto conheceste
O Quanto cabe na pobreza nossa.

Qual de Mantua o cantor tinha tentado
Erguer o vosso nome, e alem da raia
Levarvos de qualquer em verso honrado.

Mas oh quanto debalde a voz se ensaia,
Se para ser com Titero igualado,
Ate' me falta a sombra de uã faia.

SONETO

I

Invoca as Ninfas do Tejo para festejarem o felicissimo dia

Ninfas do Tejo, eu sei que neste dia
A brando influxo da benigna Aurora
Nasceu ao mundo a Deusa, que se adora
Mimo do Ceo entre as que o Luzo cria

Eu sei que então de gosto a Monarquia,
Tocou o extremo, se repete agora,
Eu sei... mas se entre vos, ó Ninfa mora,
Dizei qual foi, qual e' vossa alegria.

Escondido misterio persuade
Deste dia o louvor; ao pensamento
Lhe tolhe de expressal-o liberdade.

Basta dizer que no feliz momento,
Que viu o mundo esta immortal Deidade,
Nasceu ao Reino o lustre, a graça, e aumento.

SONETO

II

As Ninfas do Tejo

Bellas deidades, que habitais no fundo
Dessas do Tejo liquidas moradas,
Sahi, e sobre as ondas levantadas
Cantai as glorias, que hoje lembra o mundo.

Eu as vejo, eu as oiço ; do profundo
Seio dos Fados, onde estão guardadas,
Ellas se dão, a conhecer, logradas
De ua Aurora no parto mais fecundo.

Em Lizia ellas se admirão; neste dia
Por influxo dos Ceos, ó Ninfas bellas,
Nasceu este esplendor da Monarquia.

Vos que a vedes luzir mais que as Estrellas,
De quantas flores vossa margem cria,
Grinaldas lhe tecei, formai capellas.

SONETO

III

As moles azas a bater começa
Entre as palhas o tenro passarinho
E largos dias por deixar o ninho,
Se cança, se fadiga, se arremessa.

Um impulso, outro impulso, em vão se apressa,
Ja se firma no pé, ja no biquinho,
Nas folhas se detem, passa ao raminho
Té que a pena se esforce, e se endureça.

Quando emfim e' capaz de movimento,
Deixa os arbustos, vaga pelos ares,
E sobre as altas faias toma assento.

Estes sejão, Salicio, os exemplares,
Em que a vossa virtude anime o alento
Porque um dia da Fama honre os altares.

SONETO

IV

Ao assumpto Heroico

Da horrenda Gruta, que o Penhasco cerra,
Eolo solta os agitados ventos,
Fervendo o mar com impetos violentos,
Aos humidos Tritões intime a guerra ;

La desde as margens, onde o dente ferra
A Nau se entrega aos bravos Elementos,
Ouvemse ao longe as magôas, e os lamentos
Da saudosa, e ja deixada terra.

Calca Maria os encrespados mares,
Despreza a face do mortal perigo,
Não se enternece aos ais dos proprios lares.

Todo o thezoiro seu leva consigo ;
So lhe pode dar susto, ancias, pezares
Perder a doce vista de Rodrigo.

SONETO

V

Ao Templo entrei da Gloria : a magestade
Dos Quadros registei : vi mil Heroinas,
Que entre Gregas, Romanas, e Latinas
Fazem todo o explendor da longa idade.

Era Cleia a primeira, com piedade
Nutria o Pai no seio das ruinas:
Lucrecia estava ali, que as leis Divinas
Vingara da sacrilega maldade:

Semiramis soltava a trança de oiro,
E semiviva sobre o Arasse via
Zenobia, que do Armenio cede ao loiro.

Sobre todas mais alto um trono havia,
Junto ao qual pareceu dizer-me o Doiro :
Este lugar e' so para Maria.

SONETO

VI

Festivos Genios, que cuidado altera
Do somno vosso as lizonjeiras horas,
Liras, e flautas nunca tão sonoras?
Que Nume celestial hoje tempera?

Vagão colhendo os d ns da Primavera
De Graças mil Esquadras bailhadoras,
Tenros amores, que tu Chipre adoras,
Da branca Juno vão buscando a Esfera.

Mimozo orvalho vivifica a planta,
Zefiros brandos d'entre nuvens de oiro
Fazem soar doce rumor, que encanta:

Nuncios fieis de tão propicio agoiro,
Dizei que e' isto? mas Amor ja canta
Nasceu ao Minho seu maior thesoiro.

SONETO

VII

Este e' o rio, aonde do passado
Perde a lembrança quem as ondas corta,
Um curvo, e branco velho aqui transporta
As almas, que errão desse esquerdo lado.

Vagantes sombras, que feliz estado
Não e' este que espera a gente morta!
A afflicta dôr, que um coração soporta
Aqui termina, e acaba o seu cuidado.

Tal foste ó Lima, eu te passei; do antigo
E somnolento rio a doce historia
E' verdadeira, eu mesma o affirmo, e digo:

Guarda entre os Lacios do teu nome a gloria,
Que alegre acompanhando ao meu Rodrigo,
De tudo que deixei perco a memoria.

SONETO

VIII

Ao Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Ant.o de Noronha

Illustre, e digno ramo dos Menezes
Heroe, filho de Heroe do Luzo gloria,
Que de Tito nos trazes a memoria
Os bellos dias, os doirados meses.

Se honra, o zelo, a fé dos Portuguezes
No teu sangue nos lembra a antiga historia,
Justamente a cantar esta victoria
O Reino todo te confia as vezes.

Louva, festeja, aplaude a gloria rara
Daquelle Heroe, que livre ja do insulto,
Eterno azilo a Patria se declara.

Desculpa-nos porem se a tanto indulto
No obsequio que o teu zelo hoje prepara,
Com elle te equivoca nosso culto.

SONETO

IX

Ao Ill.mo e Ex.mo S.r Marquez de Pombal

Cingida a testa de mimozas flores,
Firme na branca mão a tocha aceza,
Corre a Fidelidade Portugueza
A entornar sobre vos castos louvores.

Sabe que mallogrados os furores
Da perfidia triunfaes, que atada, e preza
Levais ao carro por trofeo da impreza
A ruina dos barbaros Traidores.

Um custo de oiro, um Templo consagrarvos
Ella quizera no infeliz receio
De eternamente não poder gozarvos.

Mas deste obzequio consultando o meio,
Ella vê que so pode levantarvos
A Effigie na memoria, o Altar no seio.

SONETO

X

Ao m.mo Ex.mo Sn.or Reformando a Vniversidade de Coimbra

Sombras illustres dos varões famozos,
Que a Grecia e Roma déstes leis um dia,
Vos que do Elizio na região sombria
Respirais entre os zefiros mimozos.

Grande Licurgo, ó tu Solon, que honrozos
Loiros cingis; que egregia companhia
Fazeis aos Mazarinos; eu queria
Adorar vossos vultos magestozos:

Vos fizestes da vossa Patria a gloria
Por vos hoje é feliz a humanidade
Que dignos soïs de ua immortal historia!

Cesse porem vossa vaidade,
Que basta a escurecer vossa memoria
Um Carvalho, que adora a nossa idade.

SONETO

XI

Ao mmo. Ex.mo Sr. conservando em paz o Reino

Tallar Provincias, arrazar Cidades,
A cinzas reduzir Reinos inteiros
Forão desses Espiritos guerreiros,
As nobres, immortaes heroicidades.

Mas se elles são lembrados nas idades
Por grandes, por distinctos, por primeiros,
Nas campanhas, nas praças, nos terreiros
Vive ainda o terror das impiedades.

Se Alexandre, Scipião, Cesar, Pompeio
Cingem da Fama o disputado loiro,
O seu orgulho a funestalos vejo.

Vós da Fortuna com mais fausto agoiro
Vivei Marquez pois encontrastes meio
De nos fazer gozar da idade de oiro.

SONETO

XII

Ao autor da conjuração Joao Bap^ta^. Pelle

Suspende a mão, vil monstro, considera
A qual te empenhas barbaro delicto,
Ouve os clamores, com que o Reino aflicto
Menos moverte, que aterrarte espera,

Elle te diz que eternizar quizera
A vida desse Heroe, penso, medito:
Nem mais digno de louvor mais exquizito
A sua Fama consagrar pudera.

Eu vejo as penas que a Justiça enlaça
Em teu castigo; eu vejo o estrago justo,
A que te leva a culpa, ou a disgraça:

Mas confundate, ó Impio, mais que o susto,
No suplicio, que o fogo te ameaça,
Das virtudes do Heroe o aspecto augusto.

III

VILLA RICA

POEMA

CARTA DEDICATORIA

Illm.º e exm.º sr. — Depois de haver escripto o meu poema da fundação de Villa-Rica, Capital das Minas-Geraes, minha patria, a quem o deveria eu dedicar mais, que a v. exc.? Ha muito, que anciosamente solicito dar ao mundo um testimunho de agradecimento aos beneficios, que tenho recibido da exma. Casa de Bobadella: Este me persuado que o póde ser, sinão pelo mais completo, ao menos pelo mais puro: a idade, que o lêr, confessará ingenuamente, que não obrou a lisonja, aonde sobresahe a verdade. Dirão que adornei de louvores os preclarissimos nomes de v. exc. e do exm. sr. Gomes Freire de Andrada, seu digno irmão, mas poder-se-ha conhecer ao mesmo passo que me deu dilatadissimo campo um merecimento á todas as luzes solido, grande e incontestavel.

Quem ignora que por quasi trinta annos descançaram com felicidade nas mãos dos exms. Freires as Minas de ouro do nosso Portugal? Quem não viu alegres os povos, satisfeito o monarcha, e conseguida em toda a sua extensão a igualdade da justiça por todo este espaço do saudoso Governo daquelles Heroes? Podéra produzir muitas provas, se me não

sobrasse por todas a mesma diuturnidade dos annos, que refiro. Parece que o Rei desejara fazer eternos na proteção destes vassalos, tão apartados do seu throno, aquelles espiritos, que tanto apetecia ter ao seu lado: Esta foi a maior significação de amor, com que destinguiu aos moradores das Minas; o testimunho maior com que qualificou o conceito, que formava dos exms. Freires.

Devera agora arrebatar-me na individual exposição de todas as virtudes de v. exc., no elogio do seu esclarecido sangue, na portentosa serie das suas acções, tudo tenho diante dos olhos, tudo me lisongêa por extremo, e me estimula tudo.

Levantára uma nova Epopeia, que fizesse emudecer o rapto dos Mantuanos nos seus Marcellos; mas que posso dizer, se conheço tão desigual o canto á vista do objecto, que concebo! O mundo me accusaria sempre de diminuto; e eu receberei grande vaidade de acabar com a ponderação deste embaraço este obsequio. Sou

De v. exc. humilde servo,

Claudio Manoel da Costa.

PROLOGO

Leitor, eu te dou á lêr uma memoria por escripto das virtudes de um heróe que fôra digno de melhor engenho para receber um louvor completo. Não é meu intento sustentar que eu tenho produzido ao mundo um poema com o caracter de Epico, sei que esta felicidade não conseguiram até o presente aquelles homens, a quem a fama celebra laureados na Grecia, na Italia, em Inglaterra, em França, e nas Hespanhas. Todos se expozeram á censura dos criticos, e todos são arguidos de algum erro ou defeito : a razão póde ser a que assigna um bom autor : inventaram leis, aonde as não havia. Mas dou-te, que eu não te offereça mais, que uma composição em metro, para fazer ver o distincto merecimento de um general, que tão prudentemente pacificou um povo rebelde, que segurou a real auctoridade e que estabeleceu, e firmou entre as differentes emulações de uns e outros Vassalos desunidos, os interesses que se deviam aos soberanos Principes de Portugal : dirás, que é digna de reprehensão a minha empresa ? Na verdade não espero de teu benigno animo esta correspondencia : e tudo o que não for injuria ou accusação, será para mim uma inestimavel remuneração das minhas fadigas.

Se eu fiz alguma diligencia por averiguar a verdade, digam-te as muitas ordens e leis, que vês citadas nas minhas notas, e a extensão de noticias tão individuaes com que formei o plano desta obra: póde ser que algum as conteste, pelo que tem lido nos escriptores da historia da America; mas esses não tiveram tanto á mão as concludentes provas, de que eu me sirvo; não se familiarisaram tanto com os mesmos, que intervieram em algumas das acções e casos acontecidos neste paiz; e ultimamente não nasceram nelle, nem communicaram por tantos annos como eu.

E se estas Minas, pelas riquezas que tem derramado por toda a Europa, e pelo muito que soccorrem com a fadiga dos seus habitantes ao commercio de todas as Nações polidas, eram dignas de alguma lembrança na posteridade, desculpa o amor da patria, que me obrigou á tomar este empenho, conhecendo tanto a desigualdade das minhas forças. Estimarei ver elogiada por melhor penna uma Terra, que constitue hoje a mais importante capitania dos dominios de Portugal.

Vale.

FUNDAMENTO HISTORICO

Persuadido o autor desta obra, de que não serão bastantes as notas com que illustrou os seus cantos á instruir ao leitor da noticia mais perfeita do descobrimento das Minas Geraes, da sua povoação e do augmento, a que têm chegado os seus pequenos Arraiaes, se resolveu a escrever esta preliminação historica, em que protesta não pretender alterar a verdade á beneficio de alguma paixão, e só se regula pelo mais critico, e incontestavel exame, que por si, e por pessoas de conhecida intelligencia e probidade pôde conseguir sobre factos, que ou a tradição conserva de memoria, ou escreveu raramente algum genio curioso, que o testimunhou de vista.

Entre os desta conducta deu um importante soccorro o coronel Bento Fernandes Furtado, natural da cidade de S. Paulo, que ha poucos annos falleceu no Serro-Frio, tendo sido morador do arraial de S. Caetano e districto da cidade de Mariana.

Confiou elle do autor em sua vida alguns apontamentos, que fizera, e achando-os o autor em muita parte dissonantes do que havia lido na historia de Sebastião de Pitta Rocha, e outros escriptores das cousas da America, procurou confirmar-se na verdade pelos monumentos das camaras, e secretarias

dos governos das duas capitanias, S. Paulo e Minas.

O sargento-mór Pedro Taques de Almeida Paes Leme, natural tambem da mesma cidade de S. Paulo, e alli morador, de estimavel engenho e de completo merecimento, remetteu ao autor desde aquella cidade todos os documentos que conduziram ao bom discernimento desta obra e regendo-se o autor por ordens regias, cartas de governadores, attestações de prelados ecclesiasticos, e manuscriptos desde a éra de 1682 achados nos archivos, que foram dos padres denominados da Companhia de Jesus naqnella provincia, facilmente poderá desculpar-se se offerece ao publico este poêma, sem o receio de ser insultado nas opiniões que sustenta, ainda quando mais contestadas de uns ou de outros sectarios.

Os naturaes da cidade de S. Paulo, que tem merecido a um grande numero de geographos antigos e modernos serem reputados por uns homens sem sujeição ao seu soberano, faltos de conhecimento e respeito que devem ás suas leis, são os que nesta America tem dado ao mundo as maiores provas de obediencia, fidelidade, e zelo pelo seu rei, pela sua patria, e pelo seu reino.

A vigilancia com que attendiam pela harmonia e utilidade economica do seu paiz, os aconselhou muito antes, que a todo o Portugal a fazer sahir das suas terras os padres denominados da Companhia de Jesus por sediciosos, e máus os pozeram elles em um total exterminio no mez de julho de 1640, e por força de uma caridade indiscreta de Fernõo Dias Paes contra o voto commum foram depois restituidos á S. Paulo no anno de 1663.

Trabalharam incessantemente por adeantar os interesses do real erario; e se gloriam de que fossem Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira os primeiros paulistas, que apresentaram as mostras do ouro das Minas Geraes ao governador do Rio de Janeiro, Antonio Paes de Sande, pelos annos de 1695.

Fallecendo o dito Sande, ficou com o governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remetteu a El-Rei D. Pedro as mostras do dito ouro em carta datada no Rio de Janeiro a 16 de junho do mesmo anno.

Por este tempo se serviu S. Magestade de despachar a Arthur de Sá e Menezes por governador e capitão general do Rio de Janeiro, e por carta regia de 16 de dezembro de 1695 lhe ordenou passasse aos descobrimentos das minas do Sul a executar o que se havia encarregado a Antonio Paes de Sande, praticando com os paulistas benemeritos as mesmas honras, e mercês de habitos, e foros de fidalgos da casa, conteúdos na real instrucção, que pela secretaria de estado se expedira ao dito Sande. Depois por carta regia de 27 de janeiro de 1697 se mandou sahir ao dito Sá com seiscentos mil réis de ajuda de custo em cada anno, além do seu soldo.

Buscando porém as cousas na sua origem, segue o autor por mais certa, e prudente opinião não se poder averiguar indubitavelmente, qual fosse o primeiro paulista, que descobriu as Minas Geraes, de que particularmente se trata nesta obra. E' sem controversia que o primeiro objecto dos conquistadores de S. Paulo foi o captiveiro dos indios, porque elles substituiam a falta dos escravos, que ao depois

entraram em grande numero das costas d'Africa. Desde o estabelecimento daquella povoação, que foi em 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de S. Paulo, donde derivou o nome, se deve presumir que giravam muitos dos conquistadores pelo centro dos Sertões, e atravessavam as Minas, sahindo em bandeiras (que assim se chamavam as companhias que para esta diligencia se armavam), e recolhendo-se ao depois com a presa, que facilmente podiam segurar.

Dos Sertões penetrados era o mais notavel o da Casa da Casca, nome que se deu a uma aldêa sobre as costas do Rio Doce, que vae fazer barra á Capitania do Espirito Santo, e principia a formar-se desde o corrego do Ouro Preto, recebendo em si immensos ribeiros e rios caudalosos. Destes Sertões se recolhia na era de 1693 Antonio Rodrigues Arzão, natural da villa de Taboaté, com mais cincoenta homens de sua comitiva. Chegado á capitania do Espirito Santo apresentou ao capitão-mór, regente daquella villa, tres oitavas de ouro; a camara os recebeu com agrado, e lhes subministrou os viveres e vestuarios, de que careciam, segundo as ordens que de El-Rei tinha.

Deste ouro se mandaram fazer duas memorias, uma, que ficou ao dito Arzão, e outra, que tomou para si o capitão-mór; aqui se fundamenta o episodio do segundo canto.

A denunciação desta limitada porção foi sem duvida a primeira que se fez do ouro, que se descobria nas Minas Geraes; e a de que se conserva memoria em S. Paulo, que é a de Carlos Pedroso da Silveira, por algumas circumstancias discorre o

autor ser posterior a ella. Antonio Rodrigues Arzão não podendo ajuntar, na villa do Espirito Santo, a gente que precisava para segunda vez tornar aos Sertões, se passou ao Rio de Janeiro e dahi para S. Paulo: nesta cidade ferido gravemente, dos trabalhos que passára, infermou, e veio a morrer finalmente, deixando encarregado a Bartholomeu Bueno, seu cunhado, de continuar no descobrimento de que havia apresentado as mostras.

Era Bartholomeu Bueno dotado de bastante agilidade e fortaleza de espirito; como tinha perdidos em jogos todo o seu cabedal, foi facil querer melhorar de fortuna, tomando sobre si, com o favor de alguns amigos e parentes, a grande empresa a que havia dado principio Antonio Rodrigues Arzão.

Convocados todos e guiados pelo roteiro que lhes deixára o fallecido, sahiram da villa de S. Paulo pelos annos de 1697. Romperam os mattos geraes, e servindo-lhes de norte o pico de algumas Serras, que eram os faróes na penetração dos densissimos mattos, vieram estes generosos aventureiros sahir finalmente sobre a Itaverava, serra que de Villa Rica dista pouco mais de oito leguas, ahi plantaram meio alqueire de milho; e porque o sertão era mais esteril de caça, que o do Rio das Velhas, para este passou Bartholomeu a tropa, emquanto madurava a pequena sementeira, de que esperava manter-se, para continuar o descobrimento.

No anno seguinte, que foi o de 1698, voltaram os referidos sertanistas a colher a sua planta, e entrando na Itaverava foram encontrados do coronel Salvador Fernandes Furtado, e do capitão-mór Manoel

Garcia Velho, e outros conquistadores tambem do Gentio, e povoadores das villas, que ficam ao Leste de S. Paulo: já então trabalhavam com algum desembaraço os sertanistas ajudados de um grande numero de Indios, que haviam captivado nos sertões do Cuyethé e Rio Doce; mas como lhes obstava a falta de experiencia necessaria, e não tinham instrumentos de ferro para a laboração, apenas se contentavam com o pouco que podiam apurar em pequenos pratos de páu, ou de estanho, servindo-lhes os mesmos páus aguçados de cavar a terra, e de descobrir os cascalhos, formações, em que se conserva, e se cria o ouro.

Quiz Miguel de Almeida, um dos companheiros de Bueno, melhorar de armas, e propoz ao coronel Salvador Fernandes Furtado a troca de uma clavina, dando-lhe por avanço todo o ouro que se achasse nos da comitiva; aceitou o coronel a offerta, e dando-se busca ao ouro se não achou entre todos mais que doze oitavas; recebeu-as o coronel, e como Manoel Garcia Velho quizesse ter a vaidade de apparecer com aquelle ouro em S. Paulo, commetteu ao coronel a venda de duas Indias, mãe e filha, a preço das doze oitavas; conveio este no trato, e compradas as Indias, as quaes cathequisadas, se baptizou uma com o nome de Aurora e outra com o de Celia. Desta ultima ha noticia que fallecera ha poucos annos na villa de Pitanguy, em casa de uma filha casada dod ito coronel, e aqui tem fundamento historico o episodio de Aurora.

Despedidos uns sertanistas de outros, partiu ufano para S. Paulo o capitão-mór Manoel Garcia Velho;

entrando na villa de Taboaté, ahi o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira; e porque lhe não faltava habilidade, e engenho para se conciliar com os patricios, houve a si as doze oitavas de ouro; com ellas se passou ao Rio de Janeiro; apresentou-as ao governador, como já se disse, e foi premiado com a patente de capitão-mór da villa de Taboaté.

Consequentemente o nomeou o mesmo governador por provedor dos quintos, concedendo-lhe as ordens necessarias para estabelecer fundição na mesma villa, por ser ella a povoação onde desembocavam primeiro os conquistadores. Por este modo se vê, que posto que Antonio Rodrigues Arzão denunciasse primeiro que Carlos Pedroso da Silveira as tres oitavas de ouro que descobriu nas Minas Geraes, a sua morte impediu o progresso desta denunciação, e ficou Carlos Pedroso conseguindo a gloria de apresentar o ouro que elle não descobrira.

O descobrimento pois denunciado pela interposta. pessoa de Carlos Pedroso da Silveira e o estabelecimento da casa da fundição em Taboaté, foram os dous fortes estimulos, que animaram aos paulistas a armarem tropas, a prevenirem-se de alguma fabrica mais proporcionada ao uso de minerar, e a desampararem a patria, rompendo os mattos geraes desde a grande serra do Lobo, que divide a capitania de S. Paulo até penetrarem o mais recondito das Minas, menos já na conquista do Gentio, que na diligencia do ouro.

O grande numero de concorrentes, que buscavam as Minas, e a emulação, que logo se accendeu entre os da villa de S. Paulo e os naturaes de Taboaté,

fez que estendidos por varias partes, buscasse cada um novo descobrimento, em que se estabelecesse; não se contentando os paulistas de entrarem em parte nas repartições das faisqueiras, que denunciavam os de Taboaté; nem estes nas que denunciavam os paulistas.

Esta opinião que tinha um semblante de fanatismo, por serem todos da mesma patria, posto que de differentes districtos, veio finalmente á produzir a grande utilidade de se desentranharem em toda a sua extensão as minas do ouro do nosso Portugal, de serem penetradas de uns, e de outros, não se perdoando ao rio mais remoto e caudaloso, nem á serra mais intratavel e aspera: se bem que o conhecimento do ouro nas montanhas e serras, veio á conceber-se mais tarde, que dos rios e seus taboleiros, que são as margens planas que os cercam dos lados.

E porque não é intento do autor cançar ao leitor com a multiplicidade dos nomes de tantos, que tem a gloria de descobridores, e apenas podem ser conhecidos dentro das suas familias e patria; e menos noticiar individualmente os rios, corregos, e serras que por sua ordem se foram descobrindo, de que tudo tem uma veridica e sufficiente informação; só pelas datas dos tempos fará ver ao curioso quaes foram aquelles que deram ao manifesto as faisqueiras mais avultadas em que hoje se acham creadas a villa do Ouro Preto, a cidade de Mariana; a villa do Sabará, a do Caethé, a de S. João d'El-Rei; a de S. José e a do Principe no Serro do Frio, que fazem as cabeças das quatro comarcas da capitania de Minas Geraes.

*
* *

Villa do Carmo, hoje cidade Mariana.

1699—Miguel Garcia natural de Taboaté foi o primeiro que deu ao manifesto um corrego, que faz barra no Ribeirão do Carmo, e se comprehende no districto da cidade Mariana: fez a repartição o guarda-mór Garcia Rodrigues Velho com assistencia do escrivão das datas, o coronel Salvador Fernandes Furtado. O Ribeirão chamado o do Carmo descobriu delo mesmo tempo João Lopes de Lima, natural de S. Paulo, e manifestou em 1700. Repartiu-se e porque as faisqueiras eram invenciveis pela grande frialdade das aguas, despenhadeiros e mattos cerradissimos que o cercavam de ambas as margens, tanto, que só permittia trabalhar-se dentro delle quatro horas do dia, além da grande penuria dos mantimentos, que chegou a trinta, e a quarenta oitavas o alqueire de milho, e o de feijão a oitenta oitavas; foi facil desampararem os mineiros por algum tempo a sua povoação; e só permaneceu nella o coronel Salvador Fernandes Furtado: dista este ribeirão até a barra do Rio Doce 16 até 18 leguas, e pela volta do rio se computam 30. Está situada em 20 gráus e 21 minutos. Passou a ser villa por creação do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho em 8 de abril de 1711.

*
* *

Ouro-Preto, ou Villa Rica

O Ouro-Preto que comprehende em si varios ribeiros e morros com differentes denominações, como

são Passadez, Bom Successo, Ouro fino, ou Bueno, etc., teve por descobridores nos mesmos annos de 1699, 1700, 1701 a Antonio Dias natural de Taboaté, ao Padre João de Faria Fialho, natural da Ilha de S. Sebastião, que viera por capellão das tropas de Taboaté, a Thomaz Lopes de Camargo que se sitiou nas Lavras, que ao depois vieram a ser de Pascoal da Silva, e a Francisco Bueno da Silva, ambos Paulistas, e este ultimo primo do primeiro descobridor da Itaverava, Bartholomeu Bueno: de todos estes tomaram nome alguns bairros de Villa Rica.

Foi creada villa pelo governador Albuquerque no dia 8 de julho de 1711; está situada em 20 gráus e 24 minutos ao poente.

*
* *

Sabará.

Tendo sido atravessado o dilatadissimo sertão do Sabará-Bussú muito antes de qualquer outro das Minas, porque os primeiros conquistadores demandavam o Rio das Velhas, cujas dilatadas campinas eram mais povoadas dos gentios e ferteis de caça, e as primeiras diligencias do ouro e pedras se fizeram ao norte de S. Paulo; consta que o seu descobridor, ou denunciante das suas faisqueiras fôra o tenente general Manoel de Borba Gatto, natural de S. Paulo, de cuja historia se faz menção no Canto 3.º O descobrimento foi na era de 1700. Assistiu á repartição o governador Arthur de Sá e Menezes: passou Sabará a ser villa em 17 de julho de 1711 por creação do governador Antonio de Albuquerque: a sua situação é em 19 gráus e 52 minutos.

*
* *

Caethé, Villa da Rainha.

Entre o Sabará e o arraial de Santa Barbara se creou a Villa Nova da Rainha, conhecida ainda pelo nome brasilico de Caethé, que val'o mesmo que *matto bravo* sem mistura alguma de campo: foi descobrimento do sargento-mór Leonardo Nardes Paulista, e de uns fulanos Guerras, naturaes da Villa de Santos. O governador D. Braz da Silveira lhe deu o foral de villa em 29 de janeiro de 1714 por virtude da faculdade concedida ao seu antecessor Antonio de Albuquerque. Está situada em 19 gráus e 55 minutos.

*
* *

Rio das Mortes, Villa de S. João e S. Jose

O Rio das Mortes, que os paulistas e viandantes das mais partes atravessavam frequentemente por distar nos primeiros tempos do Ouro-Preto pouco mais de cinco dias de jornada ordinaria, foi descoberto por Thomé Portes d'El-Rey, natural de Taboaté, passados nuitos annos depois do descobrimento das primeiras povoações.

Ahi se creou a villa de S. João d'El-Rei, ficando-lhe ao nascente a de S. José, no logar então chamado a Ponta do Morro; foi descobrimento de João de Siqueira Affonso, natural de Taboaté. Foram creadas estas villas pelo governador D. Pedro de Almeida em 19 de janeiro de 1718. A villa de S. João está em 21 gráus e 20 minutos; S. José em 21 e 5 minutos.

*
* *

Serro Frio, Villa do Principe.

Antonio Soares, natural de S. Paulo, avançando maior salto que todos os outros, atravessou os sertões ao norte de S. Paulo, descobriu o grande Serro vulgarmente chamado o do Frio, que na lingua gentilica era tratado por Hyvituray, por ser combatido de frigidissimos ventos, todo penhascoso, e intratavel: do seu descobridor proveio o nome a uma das suas serras, que hoje se conhece pelo Morro de Antonio Soares. Neste descobrimento se associou um Antonio Rodrigues Arzão, descendente do primeiro Arzão, de quem já se deu noticia. As grandes preciosidades deste continente em ouro, diamantes, e todo o genero de pedras estimaveis, são bem conhecidas por toda a Europa: nelle se estabeleceu o real contracto diamantino, que tem devido aos Serenissimos Reis de Portugal a maior vigilancia e zelo. A capital denominada Villa do Principe foi creada por D. Braz da Silveira em 29 de janeiro de 1714. Está situda em 18 gráus e 23 minutos.

Discorrendo por entre a grande extensão destas quatro comarcas, apenas se achará rio, corrego, ou serra, que não devesse aos paulistas o descobrimento das suas faisqueiras, e estes são os serviços com que se tem acreditado além de muitos outros os naturaes da cidade de S. Paulo.

Digam agora os geographos que todos são mamelucos; arguam-lhes defeitos que nunca tiveram; sirva-lhes de injuria o haverem nascido entre aquellas montanhas: as almas é certo que não tem patria, nem

berço, deve-se amar a virtude, aonde ella se acha : nenhuma obriga ção tinha a natureza de produzir só na Grecia os Alexandres, só em Roma os Scipiões.

Qui par s'intende
Di gloria il nome, e la virtú s'onora
A L'Asessandri suoi L'Idaspe ancora

O Abbade Pedro Metast. no Dram. de Alexandre.

*
* *

Primeira divisão das comarcas.

Em 6 de abril de 1714 se fez a divisão das comarcas com assistencia do sargento-mór, engenheiro Pedro Gomes Chaves, e do capitão-mór Pedro Frazão de Brito ; e se assentou que a comarca de Villa-Rica se dividisse dalli em deante da de Villa-Real, indo pela estrada de Matto-dentro pelo ribeiro que desce da Ponta do Morro entre o sitio do capitão Antonio Ferreira Pinto, e do capitão Antonio Corrêa Sardinha, e faz barra no Ribeirão de S. Francisco ficando a egreja das Cattas-altas para a Villa do Carmo, e pela parte da Itabira se fará divisão no mais alto morro della, e tudo o que pertence á aguas vertentes para a parte do Sul tocará á dita comarca de Villa-Rica, e para a parte do Norte tocará á comarca de VillaReal. O ribeiro das Congonhas, junto do qual está um sitio chamado — Casa branca, — servirá de divisão entre as comarcas de Villa-Rica e de S. João d'El-Rei, devendo tocar á Villa-Rica tudo o que se comprehende até ella vindo do dito ribeirão para as Minas Geraes ; e do mesmo pertencerá á comarca de S. João d'El-Rei tudo o que

vae até a villa do mesmo nome; a qual se dividirá com a Villa de Guaratinguetá pela Serra da Mantiqueira. Presidiu a esta repartição o governador D. Braz Baltazar da Silveira; e assignaram nella todos os procuradores das villas. *Consta do livro dos termos na secretaria do governo a fl. 36.*

*
* *

Serie dos governadores.

Tornando á serie dos governadores, que ou entraram nas Minas, tendo annexas as capitanias de S. Paulo e Rio de Janeiro; ou que particular e separadamente as governarão, a que alludiu o Autor naquelle verso—Fernando, Arthur, e D. Rodrigo ao morto — é sem duvida que deixados alguns governos interinos de ordem d'El-Rei, ou sem ella, succederam na administração das Minas Geraes todos os que se apontaram no Canto 9º.

Recolhia-se Fernão Dias Paes a enviar a El-Rei as mostras das esmeraldas, e deixando a seu genro Manoel de Borba Gatto, morador no Rio das Velhas, a polvora e o chumbo, e mais petrexos e ferramenta de sua laboriação para tornar ás Minas logo que recebesse as reaes ordens. Sahia D. Rodrigo por este tempo (que seria pouco mais ou menos na era de 1681) acompanhado de alguns paulistas, como foram Mathias Cardoso, Domingos do Prado, João Saraiva de Moraes, Manoel Francisco, pai de Salvador Cardoso, Domingos do Prado, pai de Januario Cardoso, e varios outros, que tinham a pratica dos sertões das Minas.

Avisihando-se D. Rodrigo ao Borba, no intento de

querer passar ás minas das esmeraldas, lhe mandou pedir o soccorro que precisava de polvora, e chumbo, e dos mais instrumentos de ferro: repugnou o Borba, a pretexo da espera em que estava de seu sogro Fernão Dias Paes; e querendo os que acompanhavam o fidalgo ir á força despojar o Borba do que pediam, pacificou D. Rodrigo este primeiro impeto, tomando sobre si a consecução do negocio por meios menos arriscados.

Desordenou a imprudencia de um ameaço toda a felicidade do empenho; e ainda que sem mandato expresso do Borba, foi morto D. Rodrigo nessa occasião por uns pagens, ou bastardos, que viviam aggregados a elle: a esta morte se seguiu salvar-se engenhosamente o Borba, affectando a repentina chegada de Fernão Dias Paes; e em consequencia da fugida, em que para logo se pozeram os paulistas acima nomeados, foram elles os primeiros que se entranharam pelo Rio de S. Francisco; e povoaram, e encheram de gados as suas margens, de que hoje se sustentão grande corpo das Minas Geraes; nem mais quizeram voltar para a patria, envergonhados do engano em que haviam cahido.

Temeroso o Borba de que o buscassem as justiças, e que sobre a sua prisão fizesse El-Rei as maiores diligencias, se metteu nos sertões do Rio Doce com alguns indios domesticos da sua comitiva: ahi viveu varios annos respeitado por Cacique sem mais lei, ou civilidade, que aquella, que podia permittir uma communicação entre barbaros.

Estimulado com tudo dos remorsos da consciencia, cuidou em mandar dous indios praticos a S.

Paulo a tomar alguma intelligencia dos seus parentes sobre o estado em que se achava o seu crime; estes lhe facilitaram o accesso ao governador Arthur de Sá e Menezes, recentemente chegado áquella capitania; falou-lhe Arthur de Sá com affabilidade e lhe prometteu o perdão em nome d'El-Rei, com tanto que elle fizesse certo o descobrimento que denunciava do Riod as Velhas.

Bem se póde considerar o estado em que se achariam as Minas por todo este tempo, em que só o despotismo, e a liberdade dos fascinorosos punham, e revogavam as leis a seu arbitrio. O interesse regia as acções, e só se cuidava em avultur em riquezas, sem se consultarem os meios proporcionados a uma acquisição innocente. A soberba, a lascivia, a ambição, o orgulho, e o atrevimento tinham chegado ao ultimo ponto.

Aprestado o Borba, e soccorido de muitos parentes e amigos, acompanhou a Arthur de Sá, chegou ao Rio das Velhas, deu ao manifesto este descobrimento, e se fez digno pela grandeza das suas faisqueiras, que o Governador o premiasse com a patente de tenente general de uma das praças do Rio de Janeiro.

Pouco tempo se demorou Arthur de Sá no Rio das Velhas, lavrado o mais facil daquelles ribeiros, se retirou outra vez para S. Paulo substituindo-lhe uma especie de jurisdicção no civel, e no crime omestre de campo dos Auxiliares, Domingos da Silva Bueno, guarda-mór das repartições das terras e datas mineraes, creado pelo mesmo governador.

Com a ausencia de Arthur de Sá, como corpo sem

cabeça, tornaram as Minas a mesma desordem: as distancias das quatro comarcas já penetradas, e cheias de um grande numero de povoadores de differentes capitanias, que tinham entrado, difficultavam as providencias de um só homem, em quem ainda não acabavam de reconhecer os povos a jurisdicção, de que estava encarregado.

Por este tempo se começaram á suscitar os odios entre os filhos de S. Paulo, e os naturaes de Portugal, que elles donominavam *Buabas*. Dous religiosos, cujos nomes e religiões se não declararam per se evitar o escandalo, fomentaram todo o calor desta desunião. Viviam elles na liberdade, que permittia o paiz, e a impulsos de uma desordenada ambição atravessaram com tres arrobas de ouro o fumo e a caxassa, ou aguardente da terra, para a venderem monopolisadamente pelo mais alto preço. Quizeram logo praticar o mesmo com as carnes dos gados, e encontrando a opposição dos paulistas, resolveram acabar com elles, expellindo-os de uma vez das Minas, que elles haviam conquistado, e em que estavam estabelecidos com as suas familias e fabricas.

Succedendo uns factos a outros, e tomando corpo a emulação conseguiram os europeos a expulsãoe despejo dos paulistas pelos annos de 1709 para 1710, regendo-os nesta acção os dous chefes Manoel Nunes Vianna, com o caracter de governador, com que o decoravam os seus, e Antonio Francisco com o de mestre de cam- po por nomeação do mesmo Vianna.

Quaes fossem estes dous homens, o dão a conhecer as notas, que se ajuntaram ao Canto 5º e 6º., e posto que pelo que respeita á Vianna se citasse só o

testimunho do conde de Assumar em uma carta registada no Livro n. 7 da secretaria do governo das Minas Geraes ; no mesmo livro se encontram infinitas, que accusam as intrigas, sublevações e desordens, que elle continuava a maquinar nos districtos, onde vivia, do Rio das Velhas, as quaes por brevidade se não transcrevem.

Quanto á Antonio Francisco, o mesmo conde dá um testimunho do seu caracter na carta escripta ao doutor Valerio da Costa Gouvêa, ouvidor da comarca do Rio das Mortes, datada em 14 de março de 1718, paginas 22 e 23 : nella se lêem estas palavras :

« Eu não sei, se expliquei bem, quando falava a Vmc. na minha antecedente no exterminio deste homem, porque se queria saber de Vmc. o partido, com que ahi me achava, era julgando ser precisa a prisão ; porque bem sabia eu que os perturbadores, e sediciosos não só podiam, mas deviam ser expulsados ; a difficuldade só. que se me offerecia, era no modo de o fazer ; porque a desgraça deste paiz é tal, que sendo de tão baixo nascimento este homem, é aquelles, que se não prendem, para se soltarem. »

Fazendo porém, justiça, é certo que entre os rebeldes e levantados daquelle tempo tinha melhor indole, que todos, o supposto governador Manoel Nunes Vianna : não consta que commettesse, por si ou por algum de seus confidentes, positivamente alguma acção nociva ao proximo : desejava reger com egualdade o desordenado corpo, que se lhe ajuntára : acolhia afavelmente a uns, e a outros ; soccorria-os com os seus cabedaes ; apasiguava-os, compunha-os, e os serenava com bastante prudencia ; ardia po-

rém por ser governador das Minas; e se tivesse letras, se podia dizer que trazia em lembrança a maxima de Cezar — *Si violandum est jus, regnandi gratia violandum est.*

Este projecto lhe desordenava a serenidade do animo, e o punha na consternação de dissimular os insultos daquelles, aquem era devedor do mesmo logar que occupava : sobre este artigo é que o Autor ó accusa nesta obra ; sendo certo que a obediencia aos soberanos se deve tributar sem algum rebuço ; e que nada tão sagradamente deve respeitar um fiel vassallo.

Atormentavam os ouvidos de D. Fernando Martins Mascarenhas os tumultos e desordens, em que estavam as Minas, e querendo pessoalmente socegalas, marchou para ellas desde o Rio de Janeiro no mez de junho de 1710. Chegou ao Rio das Mortes com intento de passar ao Ouro Preto. aonde residiam principalmente os chefes dos levantados : offereceram-se-lhe alguns paulistas, e filhos de Portugal mais bem intencionados para o acompanharem nesta diligencia ; elle porém não consentiu no obsequio, por evitar assim algum ruido maior entre os sublevados ; não cessaram com tudo elles de fazer espalhar a noticia de que D. Fernando trazia cargas de correntes, e outros instrumentos de ferro para punir aos cumplices do levantamento e conspiração contra os paulistas.

Derramada esta voz pelas Geraes, se dispoz Manoel Nunes Vianna á disputar-lhe a entrada; armou em tom de politica, e cortejo um grande numero de homens a cavallo, e repartiu ordens por todos os

districtos circumvisinhos ao Ouro-Preto, que com pena de morte se apromptassem aquelles moradores para uma diligencia Chegava D. Fernando ao arraial das Congonhas, distante oito leguas de Villa-Rica, quando os que acompanhavam a Vianna, avistando de longe ao governador ,clamaram em altas vozes: Viva o nosso general Manoel Nunes Vianna, e morra. D. Fernando, se não quizer voltar para o Rio de Janeiro!

Alguns se querem persuadir que Manoel Nunes Vianna entrara violentado nesta acção, e elte se pretendeu escusar do conceito de rebelde e sublevado' passando occultamente na noite seguinte á falar com D. Fernando, protestando-lhe estar prompto para entregar o governo quanto á sua parte, e de tudo isto lhe pediu por escripto uma attestação.

Assustou-se o governador com a inesperada saudação dos rebeldes, e pediu oito dias para se retirar: concederam-se-lhe estes, mas não se aproveitou D. Fernando do beneficio; porque sem muita demora deu as costas ás Minas, e voltou para Sr Paulo; ahi trabalhava anciosamente em se reforça com os paulistas, para virsobre os levantados, fazendo commum a afronta delles; e meditando para o seu despique puxar as tropas do Rio, e Bahia, e juntos por uma parte e outra atacarem todos ao mesmo tempo as Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro a frota de Portugal, e nella veio render a D. Fernando o governador e capitão general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por patente datada em Lisboa em 23 de Novembro de 1709.

Sem perda de tempo se poz em marcha para as Minas, e levando a resolução de entrar nellas disfarçado como qualquer particular, buscou o arraial de Caethé á avistar-se com um Sebastião Pereira de Aguilar, filho da Bahia, homem rico, e poderoso, de conhecido valor e espirito, que tinha por então tomado sobre si atacar a Manoel Nunes Vianna, e todos os seus parciaes pelas injustiças e violencias que praticavam, especialmente com os filhos do Brasil de qualquer provincia, á quem tinha transcendido o odio conciliado contra os paulistas.

Consta que o dito Sebastião Pereira de Aguilar escrevera para S. Paulo a D. Fernando Martins de Mascarenhas, offerecendo-se-lhe para lhe segurar o governo com o poder de muitas armas, e gentes, que tinha já adquirido ; e talvez foi este o motivo que obrigou a Albuquerque a buscar na sua entrada aquelle districto do Caethé, hoje Villa Nova da Rainha.

Na passagem, que fez a comitiva de Albuquerque pelos levantados, foi conhecido de Antonio Francisco o capitão José de Souza, que vinha na sua guarda: comprimentaram-se sem algum susto, por ter servido o dito Antonio Francisco de soldado na praça da Colonia na companhia do mesmo capitão. Este lhe deu a noticia de haver entrado já nas Minas o governador, e o capacitou com fortes persuasões, á que o buscassem, e se lançassem á seus pés os chefes dos levantados, se queriam melhorar de semblante na sua causa.

A perturbação em que se via posto o governador Vianna, combatido pela parcialidade avultada de Se

bastião Pereira de Aguilar, e os ameaços de um formidavel castigo, que por ordem de El-Rei acabava de insinuar o capitão José de Souza, obrigaram o Manoel Numes Vianna, a Antonio Fraucisco, e a muito outros cabeças do levantamento á partirem sem demora para o arraial do Caethé: ahi se achava hospedado o governador em casa de uns tres irmãos, naturaes tambem da Bahia, que eram José de Miranda Pereira, Antonio de Miranda Pereira e Miguel Alves Pereira, talvez parentes ou amigos de Sebastião Pereira de Aguilar.

Prostraram-se aos pés de Albuquerque os rebeldes, e desculparam, quanto lhes foi possivel os seus crimes: o governador os recebeu affavelmente, não querendo usar do poder e das ordens, de que vinha fortalecido: segurou á todos o perdão pela emenda, que dessem a conhecer para o futuro; e não tardou á capacitar a Manoel Nunes e Antonio Francisco, que não convinha a assistencia delles nas Minas Geraes, por socegar de uma vez o tumulto dos povos.

Retiraram-se com este conselho os dous para as fazendas, que tinham nos sertões: socegou o povo com a ausencia dos patronos, e proseguiu Alburquerque na creação das villas, e estabelecimento da capitania. Bem é de ver quanto suor e fadigas empregaria o prudente general em segurar o fim de uma tão escabrosa, como interessante empresa. Foi elle o primeiro, que susteve com desembaraço as redeas do governo; que pizou as Minas com luzimento, e firmeza do caracter, em que El-Rei o pozera; que promulgou as leis do soberano, e fez respeitar neste continente o seu nome.

Esta a heroicidade, que lhe considera o Autor; por virtude da qual o contempla digno do elogio, que honra Soliz ao seu Cortez.

Admiravel Conquista, e sempre illustre Capitão daquelles, que vagarosamente produzem os seculos, e de quem ha raros exemplos na Historia!

A' Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho succedeu D. Braz Balthazar da Silveira, o qual tomou posse na comarca de S. Paulo em 1713. e passou para as Minas ao fim de setembro do dito anno.

A' este succedeu em 1717 o Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, que passou para as Minas em setembro do dito anno. Foi o seu governo bastantemente critico por encontrar a opposição dos povos na creação das casas da fundição. Subjugou heroicamente alguns levantados, e sublevações, principalmente os de Pitanguy, fulminados por Domingos Rodrigues do Prado, e o de Villa Rica, que foi ter á Marianna em 28 de junho do anno de 1720: aqui se lhe fez preciso prender auns, e castigar a outros com a ultima pena.

Estes procedimentos lhe adquiriram o nome de tyranno nas Minas; mas á sua constancia, e resolução deve Portugal a inteira sujeição da capitania; o exemplar castigo acabou de atterrar os animos de um povo tantas vezes rebelde e segurou de uma vez a real auctoridade.

Quod si non alium venturo fata Neroni
Invenêre viam, magnisque æterna parantur

Regna Deïs, cœlumque suo servire Tonanti
Non nisi sævorum potuit post bella Gigantum
Jam nihil, ó Superi, querimur scelera ista,
[nefasque
Hac mercede tacent.

Lucan. Pharsal., tit. 1.°, vers. 33.

Durou o governo do conde de Assumar até o anno de 1721, em que o substituiu D. Lourenço de Almeida, que foi o primeiro governador positivo das Minas; porque nelle se separou a capitania de S. Paulo em governo á parte, ficando os Geraes respectivos só com sujeição aos Vice-Reis do Estado.

Tomou D. Lourenço de Almeida posse na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar do Ouro-Preto com assistencia da Camara, em 18 de agosto de 1721.

A' D. Lourenço de Almeida succedeu o conde das Galvêas, André de Mello e Castro, que tomou posse no 1.° de setembro de 1732 na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias.

O Conde das Galvêas deu posse á Gomes Freire de Andrada, em 26 de março de 1735.

Mediaram alguns governos interinos, como foi o de Martinho de Mendonça Pina e Mello na ida, que fez o dito conde de Bobadella ao Rio de Janeiro, em março de 1736; foi outra vez levantado o pleito de homenagem em 26 de dezembro de 1737.

Pelos tempos, em que se deteve no Uragay com a real commissão do tratado de limites, substituiu seu irmão José Antonio Freire de Andrada, conde actual de Bobadella, o governo das Minas. Igualmente falleceu no 1.° de janeiro de 1763; se praticou a via de successão no exm. bispo D. Fr. Antonio do

Desterro, e nos mais chamados por ella; até que no anno de 1763, em 28 de dezembro, entrou no governo o general Luiz Diogo Lobo da Silva.

Este Governador enchendo de merecimentos os dias do seu governo, deu posse ao exm. conde de Valladares, em 16 de julho de 1768.

*
* *

Descobrimento das esmeraldas, de que se faz menção no Canto 8.º

Dá o Autor uma idéa deste descobrimento conforme o que leu em um poema manuscripto de Diogo Grasson Tinôco feito no anno de 1689; e mostra quanto trabalhou nesta empreza Fernão Dias Paes, natural de S. Paulo.

A 27 de setembro de 1664 commetteu o Senhor rei D. Affonso VI á Agostinho Barbalho a empreza do descobrimento das esmeraldas, facilitando-lhe o fim deste negocio com uma carta, que escreveu o mesmo Senhor á Fernão Dias Paes, cujo zelo e capacidade já era bem conhecida naquella corte, na qual lhe ordenava desse todo o soccorro necessario para a conclusão deste particular. Esta carta fez tanta impressão no espirito generoso de Fernào Dias, como se póde colligir da presteza com que satisfez as primeiras ordens, que nella se continham, e bem o refere Diogo Grasson na oitava 27 do seu panegericoao mesmo Fernão Dias.

Lendo-a Fernando, achou que El-rei mandava
Dar-lhe ajuda, e favor para esta empreza,
E em juntar mantimentos se empenhava

Com zelo liberal, rara grandeza;
Mas por que exhausta a terra então se achava,
E convinha o soccorro ir com presteza,
Mandou-lhe cem negros carregados
A' custa de seus bens, e seus cuidados.

Depois de passados alguns annos, tempo, em que já estava no throno o senhor D. Pedro II, sabendo Fernão Dias que com a morte de Agostinho Barbalho não tiveram effeito as ordens que trouxera, se quiz encarregar voluntariamente da execução dellas, escrevendo primeiro á Affonso Furtado de Mendonça, governador que era então daquelles estados, e tinha a sua residencia na Bahia offerecendo-se-lhe para este fim com a sua pessoa, e com todos os seus bens: mandou-lhe Affonso Furtado uma patente de primeiro chefe daquella empreza aos 30 de abril de 1672. Nos principios do anno de 1673 se poz Fernão Dias em marcha com varios parentes e amigos seus, demandando a altura em que Marcos de Azevedo fazia certo o descobrimento das esmeraldas, em cuja diligencia soffreu trabalhos infinitos, como testifica o seu panagerista na oitava 35.

Parte emfim para os serros pertendidos,
Deixando a patria transformada em fontes,
Por termos nunca usados, nem sabidos,
Cortando mattos, e arrasando montes,
Os rios vadeando mais temidos
Em jangadas, canoas, balsas, pontes,
Soffrendo calmas, padecendo frio
Por montes, campos, serras, valles, rios.

Desta sorte chegou á paragem chamada pelos na

turaes *Anhonhecanhuva*, que quer dizer *agua que se some*, e entre nós tem o nome de *sumidor*. Aqui se deteve Fernando por espaço de quatro annos com pouca differença; e fez varias entradas no *Sobra Bussú*, que val o mesmo, que *cousa felpuda*, e é uma serra de altura desmarcada, que está visinha ao *sumidouro*, a qual chamam todos hoje comarca do Sabará Nella achou diversa qualidade de pedras, que por falta de pratica se-lhes não soube dar o valor, de que talvez eram dignas. Da demora, que aqui teve Fernando e do muito que aqui soffreu, teve origem a discordia entre muitos seus companheiros, pois quasi todos conspiravam contra a sua vida, e por ultimo o deixaram só.

Vendo-se Fernando neste desamparo, não esmorece, antes entra á cuidar na brevidade da sua derrota, com animo de buscar a indireitura chamada *Rupabussû*, que soa na nossa lingua *Lago grande*, e junto deste é que suppunham os socavões das esmeraldas. Achava-se Fernando falto do necessario para adeantar o giro desta expedição. Escreve a patria, e ordena a mulher não se-lhe negue cousa alguma do que lhe pede. Assim o diz a oitava quarta do seu elogio.

Isto supposto, já para a jornada
Manda á patria buscar, quanto á seu cargo
Incumbe, pois que a fabrica guiada
Destruida se vê do tempo largo,
Determina á fiel consorte amada
Que á nada, do que pede, ponha embargo,
Inda que sejam por tal fim vendidas
Das filhinhas as joias mais queridas.

Com effeito chegou o postilhão, e trouxe comsigo o que Fernando pedia. Pozeram-se á caminho, e foram discorrendo por uma dilatada montanha, até que chegaram á *Tucam bira*, que quer dizer *papo de Tucano*, e deixando todo este espaço avassalado, partiram para a *Itamirindiba*, que é muito fertil de peixe e significa propriamente *pedra pequena e buliçosa*. Aqui pararam por algum tempo, e se proveram de forma, que lhes não fosse damnosa qualquer invasão do gentio : ultimamente buscaram o rumo do norte, até que depois de atravessarem uma parte dos sertões, chegaram ás aguas do *Vupabussú*.

Aqui cuidou Fernando logo em expedir cem bastardos que trazia, afim de examinar a formalidade das terras circumvisinhas á este lago, á ver se achavam algum lingua que os informasse melhor do que buscavam. Na verdade não se frustrou de todo esta diligencia ; porque sobre o cume de uma montanha, vendo os bastardos muita gente daquella, que podia dar noticia das pedras pertendidas, investiram a ella, e apenas seguraram um que, sendo trazido á presença de Fernando, mandou este que com toda a humanidade foi tratado entre os seus. Era elle de um animo seguro, conforme o pinta Diogo Grasson na oitiva 61.

Era o Silvestre moço valeroso,
Sobre nervudo, de perfidia alheio,
O gesto respirava um ar brioso,
Que nunca conhecêra o vão receio :
Pintado de urucú vinha pomposo,
E o labio baixo rôto pelo meio,

Com tres penas de arara laureado,
De fléchas, de arco e de garróte armado.

Foi este o que descobriu os socavões de Marcos de Azevedo junto á um serro, que corre do norte para o sul. Mas quanto não custou a Fernando este descobrimento? Trabalhou sete annos nesta empreza. Foi-lhe preciso romper por todas as resoluções do seus, que só o aconselhavam se retirassse para *Itamirindiha*, e deixasse para melhor tempo o descobrimento pertendido, certificando-o de que os mattos circumvisinhos a Vupabussû exalavam de si um halito pestilento, e que toda a sua demora alli não podia ser proveitosa. Ultimamente mandou enforcar um filho seu bastardo, que mais estimava, por lhe constar que conspirava contra a sua vida. Chegou emfim á ver, o que tanto desejava, e fazendo-se na volta de S. Paulo, d'onde era natural, não quiz o Céo que elle tivesse a gloria de apresentar ao seu soberano o testimunho do seu zelo e da sua lealdade. Morreu junto ao Guayachy, que entre nós val o mesmo que o rio das velhas. Isto é tudo, quanto sabemos do descobrimento das esmeraldas, sem que possamos affirmar o rumo, altura, e os gráus certos, em que foram descobertas estas pedras.

VILLA RICA

POEMA

DE CLAUDIO MANOEL DA COSTA

CANTO PRIMEIRO

Cantemos, Musa, a fundação primeira (1)
Da Capital das Minas; onde inteira
Se guarda ainda, e vive inda a memoria,
Que enche de applauso de Albuquerque a historia.

Tu, patrio ribeirão, que em outra edade
Déste assumpto (2) a meu verso, na egualdade
De um epico transporte, hoje me inspira
Mais digno influxo; por que entôe a lyra;
Porque leve o meu canto ao clima estranho
O claro heróe, que sigo, e que acompanho:
Faze vizinho ao Tejo, emfim que eu veja
Cheias as Nymphas de amorosa inveja.

E vós, honra da patria, gloria bella
Da casa, e do solar de Bobadella,
Conde feliz, em cujo illustre peito
De alta virtude respirando o effeito,
O Irmão defunto (3) reviver admiro:

Affavel permitti que eu tente o giro
Das minhas azas pela gloria vossa,
E entre a serie de heróes louvar-vos possa.

Rotos os mares, e o commercio aberto,
Já de America o genio descoberto
Tinha ao rei lusitano as grandes terras, (4)
Que o sul rodeia de escabrosas serras.

O titulo contavam de cidades,
Pernambuco, Bahia, e as crueldades
Dos indios superadas; já se via
O Rio de Janeiro, que fazia
Escala ás náos: buscando o continente
De Paulo, (5) uma conquista está patente,
Que aos portuguezes com feliz agouro
Promettia o diamante, a prata, o ouro.

O arbitrio de um só braço (6) moderava
Toda a capitania; e projectava
Albuquerque, que a gente ao sceptro alista
Fazer mais dilatada esta conquista.

Da noticia de alguns tinha alcançado,
(E muito mais na idéa está gravado
O prophetico annuncio) que faria
Grande serviço ao rei, si a serrania
Vencesse, e além passasse, e visse a testa
Do soberbo Itamonte (7): manifesta
A estrella se lhe mostra, e um genio esperto (8)
O guia a ver da empreza um fim mais certo.

Tornando á margem de um soberbo rio (9)
Já se alojava o heróe, e do sombrio
Amparo de umas arvores, emquanto
Vagava a comitiva, ao doce encanto

Do murmurio das aguas, e do vento
Dando aos membros suave acolhimento
O leve somno lhe deitava as azas.
Tecía debil canna as molles casas,

Em que apenas descança algum rendido
Da fatigada marcha; alli ferido
De uma estranha paixão, que n'alma alenta
Ao lado está do general; sustenta
O brioso Garcia (10) o officio inteiro
De subdito, de amigo, e companheiro.

Rende-se ao sommo o heróe, e ao anhelante
Pulsar do peito, observa o vigilante
Mancebo, que o combate afflicta lucta
No horror da phantasia; um ai lhe escuta,
Que ancioso respira; outro mais vivo
Lhe percebe no assalto successivo;
E ao ver, que estende duramente os braços,
Já teme, e grita, e já lhe rompe os laços
Do funesto lethargo : ai! charo amigo,
(Lhe diz o heróe) não temas, eu prosigo,
Si é, que o espanto, e o terror, que n'alma provo,
Me dão para falar-te alento novo.

Neste instante, ai de mim, ou fosse imagem (11),
Que ha muito me opprimia, ou que a passagem
Deste rio me offereça agouro triste;
Eu vi (eu inda o vejo, inda me assiste
Presente aos olhos o medonho objecto!)
Eu vi, que me apartava do projecto
De penetrar estes sertões escuros
O grande Dom Rodrigo (12); dos seguros
Hombros, de que pendera a grave espada,
Rasga o vestido, e mostra inda manchada

A carne das feridas, de que o sangue
Correr se via; eu tremo, e quasi exangue
Desmaio á tanta vista : elle se avança,
Da mão me prende, e diz : Em vão se cansa,
Em vão o vosso rei, si ver pretende
Subjugado este povo, que defende
Com o barbaro zelo as patrias Minas.
Debalde tu tambem hoje imaginas
Chegar ao centro dellas : eu contemplo
Mil perigos na empreza : fresco exemplo
Te dá a minha morte; só te espera
De genios brutos pertinacia fera,
Falta de fé, traições, crimes atrozes,
Só terás de encontrar; si as minhas vozes
Teu credito merecem; deixa, evita
A infame estrada... nisto ao ver, que grita
Mais forte, e mais medonha a sombra, tremo,
Pasmo, e me assusto, me horroriso, e gemo.

Sem trabalhos (Garcia então lhe torna)
A gloria não se alcança, não se adorna
Do loiro da virtude, o que se nega
Ás arduas diligencias; sei que chega
Vosso zelo e valor ao termo, aonde
Tudo o que é grande, apenas corresponde
Ao meditado arrojo; mas passado
E' talvez o peior; e já lembrado
Posso esperar, que o mal encha algum dia
Os corações, e as almas de alegria.
Temos dobrado a grande serra; temos
Rompido os mattos; onde ver podemos
As feras, e o gentio, que a brenha occulta,
Girar por entre nós : a alma insepulta
Do morto general a nós nos leva
Vencer do esquecimento a escura treva;

Busque-se o seu cadaver; e entre os nossos
Honrada sepultura achem seus ossos.

Aqui chegava, quando a comitiva
Desde o vizinho monte, — viva! viva! —
Bradava em altas vozes; cresce o espanto;
Ambos se admiram, de alarido tanto
A causa buscam; pouco tempo tarda
Em recolher-se a dividida guarda,
Com salvas, e com vivas festejando
A presa, que já vem apresentando.

Tres Indias são, que do Pory (13) robusto
Em resto escapam; todo o corpo adusto
Mostra, que o sol sobre a nudez queimára,
E que a ingenita côr de branca e clara
Tornou um pouco escura; a longa idade
A todas tres enruga a mocidade;
Curvos os hombros; poucas cans, os braços
Murchos, e descarnados, mal os passos
Regem tremendo; breve arrimo fazem
De tintos páus, que apenas nas mãos trazem.

Tecendo a têa na morada escura
De negro Rhodamanto, outra figura
Não inculcára mais enorme, e triste
O termo horrendo, que aos mortaes assiste.

Conta Camargo que ao vizinho monte
Subira com os seus, e que de ponte
Um madeiro, que o tempo derribára,
Lhe serviria, e por além passára;
Que desd'alli por entre as brenhas via
Uma pequena aldêa a quem fazia
Baixa, e comprida choça a cobertura

Aos queimados Tapuyas, desd'a altura
Do monte desparou por metter medo
Um tiro de espingarda; nenhum quedo
Se deixa então ficar : todos se apressam ;
Fogem, nem mais as flechas se arremessam.

Desamparado o sitio humilde, e pobre,
Desce ao terreno, e as Indias tres descobre,
Que de opprimidas dos cansados annos
Não poderam fugir, temendo os damnos,
Que dos antigos paes ouvido tinham.

Variamente uns, e outros se entretinham
Em contar o successo ; e já notava
Garcia, que nas indias se firmava,
Que uma dellas com gesto mais sereno
Punha nelle os seus olhos ; por aceno
Observa mais que explica, que o conhece,
Da lingua portugueza lhe parece
Que entende; e mais se assombra o bom Garcia
Ao ver, como em um dedo ella prendia
Uma memoria de ouro ; a joia observa;
Cala-se, e a melhor tempo o mais reserva ;
Exprimindo em um ai, que d'alma exhala
O mais, que por então sepulta e cala.

Recolhidos a um tempo os companheiros
Junto aos troncos, nas grutas dos oiteiros
Se armam as mesas; de viandas servem
A mortas caças, que nos cobres fervem,
As aves, que do chumbo o globo estreito
Feriu nas azas, e rompeu o peito ;
O veado, a que o indio na carreira
Seguiu, e a setta disparou ligeira;
Não falta o loiro mel da abelha astuta,

O grelo da palmeira, e a tosca fructa,
Que alguma arvore brota alli nascida
Por menos venenosa conhecida,
Emquanto os brutos animaes a comem :
(Tanto dos brutos aprendera o homem !)

Tornando ás praias da infeliz Carthago
O triste resto do troiano estrago,
Tal se consola da fatal ruina,
Que pôde a musa celebrar latina.

Longe de Europa os provimentos ficam,
Nem os fortes cavallos, que se applicam
A' conducção dos viveres, se atrevem
A romper os caminhos; mal se devem
Pequenas cargas aos robustos hombros
Dos domesticos indios; (14) si os assombros
Desperta em vós esta fatal penuria
O' generaes de Europa; nobre injuria
Concebe o meu heróe; alli sentado
Entre os mais companheiros; rodeado
Sem distincção alguma, ou já na mesa,
No leito, no quartel, ou junto á accesa
Chamma, em que esperam reparar o frio;
Tem toda a auctoridade, todo o brio
Posto no zelo só, na vigilancia,
Com que prova os esforços da constancia,
Esquecido de si, e da grandeza
Por ver o fim da commettida empreza.

CANTO II

Cahia a noite e apenas scintillava
No céu alguma estrella; ao chão baixava
Escassamente a luz, que Cinthia fria
Mal distincta espalhava entre a sombria
Rama da espessa matta e duros troncos.
Não se ouvem mais que os formidaveis roncos
De aves nocturnas, de faminitas feras.

Só tu, Garcia amante, consideras
Opportuna a teus ais a estação triste;
Amor, que ardendo no teu peito assiste,
Vae buscar o remedio a seu cuidado;
Elle te guia, e leva disfarçado
A' choça, que ás tres Indias deu abrigo,
O' quanto louvas o silencio amigo,
Quanto o somno dos mais! chega, repara
Na velha afflicta, que a choupana avara
Apenas cobre com a palha agreste;
A leve canna (15), que as montanhas veste
Já secca ao sol, se accende e a luz ministra
Com que uma a uma, as Indias tres registra,
Na lingua nacional, que não ignora,
Saúda e neste instante a mãe de Aurora
Conhece; Aurora, a bella prisioneira,
Que houve da mão de Arzão, que c'o a primeira
Medalha de ouro elle prendára; cresce
De novo a admiração e se offerece
A India a dar-lhe relação da filha.

Si o ver-me neste estado é maravilha,
O' Garcia, lhe diz, humilde e núa;
Eu sou Neagoa, eu sou a escrava tua.
Muitas luas, me lembro, têm passado,
Desde quando dos vossos atacado
Foi meu esposo Caribó : seguidos
Vinheis de muitos arcos; soccorridos
Do Coroá (16), do Paracy valente :
Assaltastes de noite a nossa gente,
E mortos os mais destros na peleja,
Fosse rigor do céu, ou fosse inveja
Da fortuna, eu que a aldeia governava
Passei com minha filha a ser escrava (17).

Era ella em seus annos tão mimosa,
Que á vista sua desmaiava a rosa,
Seus olhos claros, as pupillas bellas,
O' quantas vezes cri que eram estrellas!
Não tinham nossos campos, nem o prado
Planta mais tenra, flor de mais agrado;
Emfim, porque de vós as côres tome,
De aurora os vossos lhe dão hoje o nome (18).

Vagando estes sertões na companhia
Dos vossos, eu me lembro, como um dia
A preço do metal, que desprezamos,
Vós nos comprastes; ainda nos lembramos
Do mimo, do agasalho, que fizestes,
Quando na vossa casa recolhestes
A mim e a minha Aurora; esta memoria
Desperte toda em vós a antiga historia.

Como? por que arte? por que modo fôra
Trazida d'entre os seus? a sua Aurora
Si a seguira ambem? se vive? e aonde?
Garcia lhe pergunta; ella responde :

Vive, senhor, eu creio, que ainda vive
A minha e vossa Aurora , della tive
Noticia ha pouco tempo; um desses bravos,
Que o nosso bom Pory tem feito escravos,
Me contou, como lá na sua aldeia,
Que não longe é de nós, ella passeia,
Do cacique estimada, elle contente
A busca esposa e ella o não consente.

Mas por que quereis da minha boca
Ouvir todo o successo ; só me toca
Referir uma parte, que outra ignoro.
Lá na domada aldeia, onde sonoro
Se vê correr o Parahyba, postas
Fomos por vosso mando : alli dispostas
A viver de outras leis, outros costumes
Detestavamos já dos nossos numes,
(Si alguns Deuses talvez nós conhecemos
Na bruta liberdade, em que vivemos),
O culto, a religião, já divertidas
No curvo anzol, nas redes bem tecidas
Armavamos ao peixe, sobre o rio,
Nos viu um dia o barbaro gentio,
Que em pequenas canôas rouba e mata ;
Fugiramos talvez, mas o pirata
Nos sorpr'ende e conduz : vi'mos captivas
A viver entre os seus ; e apenas vivas
De pouco em pouco nos transportam ; fico
C'o a nação do Pory; e passa o rico
Thesouro de uma filha, que inda choro,
Ao crespo Monachós; qual fosse, ignoro,
O triste resto do fatal destino (19).
Dos braços m'a arrancaram : de ouro fino
Ao despir-se terna a filha amada,
Com esta joia então me quer prendada.

Si pois, de Aurora o caso vos incita
A' compaixão ; si em vosso peito habita
O antigo amor, fazei que a liberdade
Se dê, a quem desperta esta saudade;
Esse vizinho povo ao fogo, ao ferro
Abatei, destrui; pague o seu erro;
E alegre eu veja em vossa companhia
A vossa Aurora, que ao meu lado via.

Absorto está Garcia, do que escuta;
Apenas deixa ver a face enxuta;
De aurora o caso o tem sobresaltado ;
Quer para logo dar a seu cuidado
O desafogo da cruel vingança;
Mas bem que o lisongeie inda a esperança
De ver a bella indiana, a incerta sorte
Lh'a pinta, antes que viva, entregue á morte.
Baixel, que sobre o Egeu de mil procellas
Combatido se viu, rotas as vellas,
Não sossobra talvez mais duvidoso
Ao grave Nòto, ao Euro tormentoso.
Farei... clamava; e eis que interrompido
Foi de um aviso, com que o heróe erguido
Chama a conselho os companheiros todos.

Si combatidos por diversos modos,
Diz Albuquerque, de trabalhos tantos
Entre estas penhas só despertam prantos
As memorias la morte de Rodrigo,
Deixemos este assento; o sonho antigo
Tenho de descobrir-vos, com que a ideia
Egualmente me afflige e me recreia.

Lembrados estareis que ha mais de um anno
Vos fiz saber, que o nosso soberano.

Que dos quatro Joõens o nome e gloria
Herdou para triumpho da memoria,
Vendo ao norte da terra povoada,
Que atraz deixamos na primeira entrada,
Que fazem vossos paes (20) achar-se o ouro,
A' custa me ordenou de seu thesouro,
Que entrasse ao centro dos sertões; buscasse
As novas minas; e que examinasse
As margens, onde em vão tomaram porto
Fernando, Arthur e Dom Rodrigo, o morto (21).

Cheio deste projecto eu vejo um dia
Que um rochedo fatal, a quem a fria
Neve branqueja a descalvada testa,
Com medonha carránca me protesta,
Não passe a descobrir o seu segredo :
Avizinho-me a elle e rompo o medo : —
Quem és, pergunto, que ignorado encanto
Se esconde em ti? Elle me torna em tanto :

Eu sou dos filhos (22), que abortara a terra,
E fiz com meus irmãos aos deuses guerra ;
(Tu, negro Adamastor (23), hoje em memoria
Me obrigas a trazer a tua historia).
Meu caso um dia (24) o fado te destina,
Que escutes inda pela voz de Eulina,
No centro vivo dos sertões, que apenas
Tocam das aves as ligeiras pennas;
De feios monstros grande cópia habita
Meu triste seio; alli se deposita
Tudo, quanto de grande, novo e raro
O sceptro luzitano fará claro.
Alli... mas tudo aos olhos patenteio,
Disse, e deixando ver o escuro seio,
De uma pequena lagrima (25), que a penha

Derrama das entranhas, se despenha
Gota a gota um ribeiro, logo á raia
De ambas margens excede e já se espraia
Separado do berço na campina,
Um murmurio sonoro só de Eulina
Repete o nome; a maravilha estranha
Inda mais se adianta; ao longe apanha
Uma nympha na arêa os montes de ouro,
Com que esmalta o cabello e o torna louro.

A margem deste rio povoada
Vejo da portugueza gente amada,
Toda entregue á solicita porfia,
Com que o rico metal da terra fria
Vai buscar a ambição: vejo de um lado
Erguer-se uma cidade e situado
Junto ao monte, que um valle aos pés estende
Vejo um povo tambem: (26) tudo surpr'ende,
Tudo encanta a minha alma, estou detido
No phantastico objecto: eis que um gemido
Arranca desde o seio o monstro escuro,
E diz: Entre as imagens do futuro
Talvez te espera... mas...: e nisto em nada
Se torna toda a machina ideada;
Desfez-se a penha, a nympha e o ribeiro
Solto dos olhos o sopôr grosseiro.

Não de outra sorte no ultimo horisonte
Ao sepultar-se o sol, lá desde um monte
Podem ver-se as imagens differentes
A's refracções da luz: estão presentes
Bosques, cidades, ruas e castellos,
Que os raios em distinctos paralellos
Talvez figurão; despertando a aurora,
Desapparece a sombra enganadora.

O sonho muitas vezes repetido,
Desde que tenho a idéa concebido
De entrar para estas Minas, me figura
Um mysterio na sombra e na figura.
Vós, que por tantas vezes discorrido
Tendes estes sertões, tereis ouvido
O nome de Itamonte; esta lembrança,
Este signal só tenho de esperança;
Talvez tomando o cume desta serra,
Acharemos um dia o rio, a terra,
A nympha e os mais portentos, d'onde tome
Dos thesouros, que espero, a villa, o nome. »

Calou-se o general, e qual murmura (27)
Uma abelha e mais outra, quando a pura
Substancia chupam das mimosas flores;
Assim, não de outra sorte entre os rumores
Do inquieto coração, estão falando
Entre si cada um e estão pensando.
Rompe o silencio o próvido Faria : (28)
« Eu dos primeiros fui, eu fui, dizia,
Dos primeiros, que o berço abandonado
Deixei, mais do fervor estimulado
De reduzir os indios á justiça
Da nossa religião, que da cobiça.
Entrei estes paizes e inda noto
Em cada tronco os pousos, onde ròto
O vestido, tentei passando avante
O giro dos sertões; de bem distante
Parte dos grossos mattos descobria
Uma elevada e tosca penedia
A quem corôa um pico a altiva frente.
Demandei esta rocha e do eminente
De toda ella um ribeiro vi, que nasce,
Que do sol recolhendo dentro a face

Pareceu converter-se todo em ouro.
Não vou buscar no meu invento o agouro,
Nem creio, que este o Itamonte seja,
Mas sei, que a lingua patria, que deseja
Explicar sempre em tudo a natureza,
De *Itá* nome lhe deu, e na rudeza
Do gentio talvez, que hoje alterado
O nome *Cunumim* lhe seja dado. »

Itá é o nome patrio (diz Garcia,
Que apenas sua dôr n'alma allivia),
Este o gentio a toda a pedra estende ;
O esperado Itamonte em vão se entende
Na confusão das serras e dos montes,
Que assombram todos estes horisontes. »

« Eu tambem discorrera de outra serra
O mesmo, que Faria, aonde a guerra
De feroz botecudo (29) inda me assusta,
Mas pouco á conjectura se me ajusta,
Toda a confrontação » (disse Camargo) (30).

« E' deste continente o sertão largo,
(Dizia Bueno) (31) o lago, a serra, o rio,
E espalhado por tudo o infiel gentio,
Não deixam á noticia cousa certa,
Onde possa entender-se descoberta
A terra, que buscamos. » « Nella intento
(Albuquerque tornava) o fundamento
Erguer da capital ; de penha em penha
Andarei, si a fortuna o não desdenha,
Té descobrir o monte e o rio, aonde
Tão grande maravilha o céu me esconde. »

Proseguira o heróe, mas o embaraça
Descobrir desde longe a vista escassa
Brioso cavalleiro, que seguido

Vem de um forte esquadrão do indio vencido;
Sôa alegre o clarim, que a marcha guia,
A salva amiudada ao ar se envia;
E emquanto de Garcia o heróe se informa
Do novo aventureiro, posta em fórma
Cada uma das nações, que traz comsigo,
Um e outro se encontra ao doce amigo,
Promptos os servos á estribeira pegam,
Elle se apêa e abraça aos que se chegam.

CANTO III

As paixões acalmára de Garcia
A chegada do Borba e suspendia
Ella mesma a partida de Albuquerque.
Sem que temor algum lhe opprima, ou cerque
O nobre coração, na tenda entrava,
E cortejando o heróe, assim falava :

« Terás ouvido, ó general famoso,
Variamente o meu caso; e duvidoso
Talvez da fé, que guardo attento
Ao meu rei em signal do juramento.
Accusado por cumplice na morte
Do grande Dom Rodrigo, a minha sorte,
Mais que o delicto meu (32) desculpar venho;
Sem adorno o successo agora tenho
De dizer-te; e verás, hoje informado,
Que sou mais infeliz, do que culpado.

Pouco mais de tres leguas em distancia
Deste sitio me via, quando á instancia
Do novo general, que aqui chegava
A voz de um mensageiro me ordenava,
Entregasse os soccorros prevenidos

Da polvora e do chumbo e os commettidos
A' minha guarda promptos instrumentos
Do ferro e do aço : opponho a seus intentos
A razão, que me assiste; e emfim me escuso
Dizendo, que das ordens não abuso
Do meu fiel parente, a quem espero
A cada instante e perto considero
De entrar commigo a registar as faldas
Das montanhas e minas de esmeraldas.

Mal satisfeito da resposta volta
O importuno ministro e já se solta
Contra mim declarada toda a furia
Dos vis aduladores : por injuria
Reputam toda aquella resistencia,
E protesta que aos braços da violencia
Ha de ceder a repugnancia minha.
Um e outro se offerece, mas detinha
Ao prudente fidalgo o arduo projecto
Da brandura, e da paz o nobre objecto
Do serviço do rei a mim o guia;
Em pessoa apparece; e me seria
Muito facil ceder, si não houvesse
Mais forte obrigação, que me prendesse;
Uma e mil vezes represento o empenho,
Que a duvidar me induz e me detenho
Irresoluto um pouco (nem atino,
Si obrava nisto a força do destino),
Constante era a razão; pois esperando
As reaes ordens para a empreza, quando
Fernão Dias voltasse, não teria
Os provimentos, que deixado havia :
Emfim elle de colera se accende,
Nem as minhas desculpas mais attende;
Enfurece-se, grita e ameaça :

E eu (ó duro extremo da desgraça!)
Rendido a todo lance, só procuro
Mitigar-lhe o rancôr; um braço duro,
Sacrilego, insolente, infame, ousado,
Sem que eu presuma o barbaro attentado,
Se arroja d'entre os meus; dispara um tiro,
E a alma envolta no mortal suspiro
Voou, deixando a magua, em que me vejo,
Para salvar a vida, a honra e o pejo.

A noticia do caso accende a ira
Em todos os que o seguem, já conspira
Em meu damno o parente e mais o amigo
Querem vingar a morte de Rodrigo;
Em vão lhes serve de reparo, ou freio
A innocencia, em que estou; medito um meio
De salvar-me; em esquadras divididas
Reparto a gente, sobre as mais crescidas
Montanhas, d'onde fossem descobertas.

As estradas ao longe em parte abertas
Davam já vista aos impios conjurados
Quando os tambores e clarins tocados
Em varios sitios amotinam tudo:
Cresce o temor ao meditado estudo,
E crêm que era chegado Fernão Dias,
Amparado do engano, as serras frias
Destes sertões dobrei, passo á corrente
De um grande rio e a margem florescente
Piso, apenas de alguns acompanhado;
Aqui descubro um plano dilatado
Commodo á creação; nelle apascento
Por muito tempo o gado e em novo augmento
A's descobertas minas já preparo
Na fome e na penuria o bom reparo.

Estes são os serviços, com que chego,
Estes os testemunhos são que allego;
Da innocencia, em que vivo; os meus parentes,
Amigos e obrigados, que presentes
Em grande parte estão, por mim te falem,
E quando todos por lisonja calem,
Do teu antecessor terás ouvido,
Quanto serve de informe e este luzido
Bastão, dadiva sua (então levanta
A insignia militar), é prova tanta,
Que sobra a escurecer qualquer suspeita,
Que ao meu rei pudesse ser acceita. »

Dizia; e sempre grave e sempre airoso
Deixava ver no rosto generoso
O espirito magnanimo, que o alenta.
O heróe, que sem mudança se contenta
De ouvir todo o successo por inteiro,
Suave acolhe ao nobre aventureiro
E dando-lhe mil mostras de amizade
De ordem do mesmo rei o persuade
A que viva seguro do delicto;
Informa-se do sitio e do districto,
Em que está e o convida para a empreza,
E por elle pretende haver certeza
Da serra, que demanda, onde fundada
Veja uma vez a povoação sonhada.

Consultando as precisas providencias
Se detém alguns dias e as urgencias
Do esteril sitio apenas soccorridas
Eram de algumas caças, que trazidas
Vinham dos indios menos assustados
C'o a chegada dos mais, que estão listados
Ao commando do hospede : entre varios

Da nação Monaxós, que voluntarios
Ao heróe visitavam, se encontrava
Um mancebo gentil, a quem cercava
Branco pennacho a testa, os braços cinge
De amarella plumagem, bravo o finge
A tinta do urucú (33) : a côr (34), nem preta,
Nem branca por extremo, mas que affecta
Do gelado Samiúte (35) o estranho gesto;
Pouco ao braço e ao hombro lhe é molesto
O arco e a aljava; o rosto, a falla e tudo
Verte um ar de respeito, ar sem estudo.

Em vão das flechas a purpurea arara (36)
Fugir-lhe espera, em vão na garra avara
Mosqueado tigre lhe ameaça a morte :
Empunha o dardo e valeroso e forte
O faz despojo do robusto braço,
O fere, e corta no vasio espaço.

De impulso por então não conhecido
O indio, a quem amor tinha ferido
Se deixava arrastar e praticando
Tudo quanto a paixão lhe está dictando,
Do valor do seu braço elle confia
Roubar traidor a vida de Garcia.

Protegido da noite, a horas, quando
Jaziam todos, numa mão tomando
Uma faca e em outra o dardo agudo,
Por tudo olhando e precavendo tudo
A tenda busca do saudoso amante;
A luz lhe rege o passo e ao mesmo instante
Na cama o tenta e lhe prepara a morte :
Houve uma vez de ser propicia a sorte,
Que não dorme Garcia e sente o ruido,

Ergue-se; toma a espada e acommettido
Se vê apenas, quando reparada
A ferida do dardo, mette a espada
Por um lado ao traidor; em sangue envolta
A tira e a mão suspende; a um tempo solta
A corrente do sangue inunda a terra;
O indio semivivo os dentes ferra,
Acena de morrer e grita e brada
Em roucas vozes, com que amotinada
Tem toda a gente, que ao successo acode.
Debalde a conjectura alcançar póde,
O mesmo, que está vendo; estranho e occulto
E' o motivo do aleivoso insulto :
Faminto lobo no redil fechado
Assim receioso entrou; mas acossado
Do molosso feroz, foi de repente
Cahir despojo ao sanguinoso dente.

Conhecendo Albuquerque que respira
Inda vivo, a um dos pousos o retira,
E lhe põe sentinellas; manda emtanto
Se lhe appliquem remedios : o oleo santo,
Que ministra de Bueno a mão esperta,
Estanca o sangue e da ferida aberta
Cerrando a boca, inda a esperança anima,
De que a morte de todo o não opprima.

CANTO IV

A continuar a marcha se dispunha
O heróe, que um vivo zelo testimunha
Em todos os que o seguem ; repartidos
Aquelles a quem são mais conhecidos
Os sertões pela margem se espalhavam
A' direita do rio e se empregavam

Em socavar a terra, em diligencia
Do metal, de que tem verde experiencia.

Tinha Pegado adiantado o passo
Algum tanto dos mais e o corpo lasso
Junto a um lago, que sobre uma campina
Se espraia e quebra as ondas, brando inclina;
Procurando em um tronco em parte encôsto
Ao hombro e allivio á cabeça e rosto
Extende-se na arêa e reclinado
Se vê apenas, quando (ó inesperado
Prodigio, que o surpr'ende!) eis que mover-se
Pouco a pouco se admira; ora estender-se,
Ora encurvar-se o formidavel tronco.
Levanta-se assustado e logo um ronco
Ouve medonho, que de todo o rende,
A causa do prodigio não entende,
Não pensa, não discorre o bom Pegado,
Grita aos indios attonito, pasmado,
E o tronco então com rapto mais furioso
Se arroja desde a praia e busca ancioso
Sepultar-se no lago, o seio abrindo
Das aguas, que c'o a cauda vae ferindo.
Não de outra sorte sobre os grossos mares,
Que do Antartico céu cobrem os ares,
De mergulho se vê buscar a arêa
O pardo e negro monstro da balêa,
Quando do arpão do pescador ferida
Tinge as ondas de sangue e submergida
Ao fundo leva a barbatana dura.

Vêm os indios chegando e entre a escura
Sombra do lago inda estão vendo o rasto
Da fera, que conhecem; tanto ao pasto
Da presa, que avistou, leão não corre,

Como um e outro Tape se soccorre
Dos pés nadantes e nas mãos levando
O prompto ferro, o tronco vão rasgando
Com as cortadoras facas; já de todo
Boiando o fazem vir, por arte e modo
Não pensado, o arrojam sobre a praia.

De curioso ardor cada um se ensaia
De arrancar-lhe das entranhas tudo,
Quanto a fome tragára; absorto e mudo
Pegado está notando a maravilha.
Tres veados comêra, emquanto trilha
A margem da lagôa, estão inteiros
No ventre e ainda em pello, os dous primeiros,
Riem-se os indios de Pegado e o riso
Tem ao mancebo então mais indeciso,
Vendo que novo alli não conhecêra
Que é o sucuriú aquella féra,
De quem ouvido aos nacionaes havia
Que um tronco na grandeza parecia.

Mas não foi tão debalde este portento,
Que olhando para o sitio, aonde assento
Fizera o monstro, o chão não descobrisse
Inda mal apagado e não se visse
Um vestigio de uma sepultura.
Manda cavar Pegado a terra dura,
E dentro (ó pasmo !) os ossos encontrava
De um cadaver, a quem assignalava
A cruz, que tem de Christo e lhe servira
De habito, ou mortalha; então se admira
Mais cada um ; e aviso ao heróe dando,
Todos ao mesmo passo vão cercando
Em roda a sepultura : Borba chega,
Affirma, que é Rodrigo e logo allega,

Como dos indios seus á pressa fôra
Sepultado, fugindo os mais e agora
Reconhece o signal na cruz bemdita,
O authentico padrão mais acredita;
Vizinho um tronco, á mão cortado, aonde
De ordem do mesmo Borba corresponde
Outra cruz á memoria deste officio.
Celebrou-se o devoto sacrificio
Junto ao sepulchro; e as ultimas piedades
Pela mão de Faria as saudades
Temperavam do morto, consoladas
As memorias de sangue inda banhadas.
Urnas fastosas, que cobris no Egypto
Heróes famosos, sobre vós escripto
Viva embora o epitaphio, que em memoria
Dos Ptolomeus inda respira a gloria!
Sóbra ao bom general, sobra a Rodrigo
Da nua arêa o misero jazigo;
A vida pelos reis sacrificada
Basta a deixar a sepultura honrada!

Magoado deste objecto se cançava
O heróe e já partir dalli pensava,
Mas o deteve e lhe cortou o passo
Convalescido da Ferida, Argasso;
(Este era o nome do indio) em companhia
Vinha de sentinella, a quem pedia
Que á presença do heróe o conduzisse;
Como acaso a seu lado então não visse
A Garcia, falou mais animoso:

« De traidor e aleivoso sou culpado,
Magnanimo Albuquerque, ouve-me, attende,
Saberás que o meu braço não te offende,
Nem se conspira contra os teus; a dura

Condição de uma barbara, que jura
Não ser minha, apezar dos meus desvellos,
Meu coração encheu tanto de zelos,
Que imaginei na morte de Garcia
Vingar o meu despreso, e a tyrannia
Castigar do meu bem : fui desgraçado,
Inda não me arrependo do passado. »

Albuquerque lhe diz que exponha a historia
De seu furioso amor e que em memoria
Traga todo o successo; elle mordendo
Raivoso os beiços e mil ais vertendo,
« Não posso, diz, não posso em tudo ou parte
Dizer-te o que padeço ; o esforço, a arte
Vos sobra a vós, em mim obra a rudeza,
Que mais desculpa a natural fraqueza.

Amo a bella indiana, a linda Aurora,
Que não daqui muito distante mora ;
Prisioneira em meu braço a vim trazendo
Lá desde o Parahyba (37), e discorrendo,
Que entre os meus Monaxós se renderia,
Só o nome lhe lembra de Garcia.
Neagua, a mãe, desde o Pori roubada
Conheceu-me e me informa da chegada
Deste bom cavalleiro; não sabia,
Que o meu curioso ardor se dirigia
A mais arduo projecto; tento a morte,
E em despojo cuidei do braço forte
Por triumpho levar á minha amada
A cabeça do tronco separada. »

Assim fala arrogante; o heróe piedoso
Quer dar provas de peito generoso,
Chama a Garcia; informa-se do resto.

E por voz de Neagua é manifesto
O vario giro da amorosa historia.
« Argasso (diz) da portugueza gloria
Tu não sabes o timbre ; a indiana bella
Não disputa Garcia e a tua estrella
Não queiras contrastar por modo estranho.
Elle t'a cede, eu proprio te acompanho,
E comtigo pretendo ver a aldêa,
Onde ella vive e o teu amor te enlêa. »
« Que vós partaes, senhor, eu não consinto,
Disse Garcia, ao meu valor distincto,
Ao meu zelo catholico era injuria
Saber-se que a conter a minha furia
Necessaria se fez vossa presença;
A Argasso desde já perdòo a offensa,
E quero que conheça aos portuguezes;
Com elle partirei e as suas vezes
Sustentando ao favor da bella indiana,
Farei que elle ditoso e mais humana
Ella, se abrazem no gostoso alento
De um santo, de um perpetuo sacramento.

Fia de mim (ao indio se tornava),
Que a mesma, que já viste minha escrava,
Has de vêr-me a seus pés por ti rogando,
Nem de ti outro premio então demando
Mais, que em uso melhor convertas logo
Esse tão louco, como illustre fogo,
Que alimentas no peito; serás nosso
Amigo e não escravo e quanto eu posso,
Nobre rival, te digo desde esta hora,
Neagua é tua, é tua a minha Aurora. »

O' tu, Cyro (38) famoso, si pudeste
Eternizar teu nome, quando dêste

A formosa Pantea ao nobre Araspe;
Si na dadiva bella de Campaspe
Ao namorado Apelles, gloria tanta
Te adquire, ó Macedonio, a voz que canta
Teu nome inda por toda a redondeza,
Vê quanto mais se avança esta grandeza,
Com que de uma paixão a rebeldia
Doma e castiga o esplendido Garcia.

Convem o heróe e espera que domado
O Monaxós, e á religião chamado
Se veja por tal modo; de projecto
Se faz parcial Faria; turvo o aspecto
O indio tem á tanta acção, nem sabe,
Como no coração de um homem cabe
Subjugar tão valente a paixão dura,
Que inspira amor. Neagua se procura
Unir á companhia, as outras ficam
Entregues ao favor, dos que se applicam
A povoar em tanto aquella margem.
Despedem-se; e Albuquerque, pela vargem,
Que alli se estende, a marcha ao centro guia;
De Borba tendo prompta a companhia,
E dos mais, parte em tropas do gentio,
E das Velhas o nome impõe ao rio.

CANTO V

Magnifica, exquisita architectura
De um Templo guarda o abysmo, onde a figura
Ao preço da materia corresponde:
Lá no mais fundo dos altares, onde
Arde em perpetuo fumo o rendimento
Tem o interesse seu dourado assento.

Este idolo fatal, que se alimenta
De humano sangue, um monstro representa
Armado sempre em guerra; cobre o peito
Tres vezes de aço, e tem o braço feito
Ao furor, aos estragos e á ruina
Tinto em sangue um punhal a mão fulmina;
Enterrando em um globo a aguda ponta
Pareceu intentar por nova affronta
Cravar o coração de todo o mundo;
Indignou-se; e do seio mais profundo
Suspirou esta vez; e conhecendo
De um panico terror ao longe ameaço
Não bastava a cortar do heróe o passo,
Que ao fim se dirigia a illustre empreza,
E que em breve ha de ver posta em certeza
Toda a idéa do sonho concebida;
De todo agora em colera accendido
Se empenha a embaraçar o alto projecto
Do magnanimo chefe, toma o aspecto
De um certo religioso (39), que influira
Nas primeiras desordens; e que vira
Dos nacionaes sinceros o destroço;
Em contractos sinistros este um grosso
Cabedal ajuntára, tendo a idéa
De vender por estanco, o que franqueia
O liberal despejo dos paisanos.

Meditando traições, tecendo enganos,
Firmado no caracter o respeito,
Apparecia o indigno; e tendo feito
Já parciaes de seu animo alguns poucos,
Assim lhes fala: ó Europeus, que loucos
A's portas esperaes vossa ruina;
Credes que esta nação é de vós digna?
Assim vos vejo estar com gesto manso,
Quando a desconcertar vosso descanço,

Corre armado furor de um braço forte?
Desconheceis acaso que outra sorte,
Outra fortuna vos espera, vindo
Tão proximo Albuquerque, a quem seguindo
Vem o infame tumulto dos Paulistas,
Que aspiram senhorear estas conquistas?
Já vos não lembra o meditado empenho
De evitar as justiças (40), e o despenho
Patrocinar dos novos attentados
No refugio, aos paizes retirados,
Que domina o Hespanhol? tanto a fortuna
Abandonaes na maxima opportuna
De nos enchermos dos preciosos fructos,
Que guarda a terra, e dos reaes tributos
Fugir á imposição? credes que venha
A outra cousa, e outro projecto tenha
Mais, que roubar-nos as fazendas nossas,
Ganhadas a tal preço, que inda as grossas
Correntes desses rios se estão vendo
Turvas de sangue? O impeto tremendo
Não trazeis em memoria dos tyrannos,
Que fundados no timbre de paisanos,
Mais escravos, que amigos nos queriam?
Não vos lembra, quem foi, quem é Pedroso? (41)
Ignoraes, que no cerco duvidoso
Perto estivemos de perder as vidas,
Si por meio de Antunes conseguidas
Não fossem por então nossas idéas?

Ignoraes, que as montanhas estão cheias
Destes perturbadores, desde quando
Arbitraria e phantastica (42) ordem dando
Em o nome do rei, os compellimos
A largar-nos as armas, com que os vimos?
Si do auxilio do grande se aproveitam,
Si a sua fé, si o seu favor acceitam,

(Como é crivel que o façam) que destino
Tão triste para nós! Eu imagino
Que não sois Europeus : a vossa gloria
Acabou de uma vez para a memoria.
Virá, eu vejo, o Montanhez tyranno.
Roubará nossos bens, irá ufano
Contar aos nacionaes seu vencimento;
Albuquerque, eu o vejo, em nobre augmento
Fará brilhar a Luza Monarchia;
Nós lhe daremos nova gloria um dia.
Eia, Europeus briosos, eia amigos
Vejam-se os dias respirar antigos.
Torne, torne de nós a ser lembrada
De Dom Fernando a fresca retirada;
Venha em memoria de Rodrigo o caso;
E ou em falsa traição, ou campo raso
Ataque-se Albuquerque, fuja, e leve
De uma vez; pois que a tanto hoje se atreve.
O desengano da ousadia sua.
Calou (43) o religioso : continúa
A propagar o socio o impio partido,
Que de accôrdo commum tem concebido.
Derrama-se o veneno e vae chegando
Aos corações de muitos, avivando
As imagens da antiga rebeldia.
Já um numero grande concilia
O padre de atrevidos, são dispostos
A disputar a entrada, ao heróe oppostos.
Si querem sustentar na liberdade,
Francisco, o vil Francisco os persuade
A viverem seguros nos protestos
Firmados com Vianna : de funestos
Agouros ao Paulista se enche todo.

Eis do sulfureo pó, do ferro agudo
Se buscam munições : a arte, o engenho,

(Qual o paiz permitte) o desempenho
Se propõem da victoria nos tostados
Páus de que os duros Cafres vem armados;
Emboscadas ao longe se preparam;
Tomam-se os sitios, fortes se declaram
Contra Albuquerque os insolentes peitos.

Houveram de lograr-se estes effeitos;
Mas o genio, que guarda as patrias Minas,
E a seus descobridores de benignas
Influencias enchera, percebendo
A crua idéa do attentado horrendo,
Do mais fundo de um monte a estancia bruta
Buscára; alli se acolhe, e em uma gruta
Da cavernosa lapa anima o gesto
De um Indio já cançado (44) inutil resto
Dos annos, que contára a mocidade.
Barba, e cabeça lhe branqueja a idade
Dos fundos olhos inda mal se via
O fogo scintillar, em que nutria
Um espirito vivo e penetrante:
De leito serve a pedra, e tem diante
De si os seccos ramos, onde accende
A pequena fogueira; a ella extende
As mãos mirradas, o calor buscando.

De uma clara corrente, que manando
Vinha do centro do penhasco, o curso
Segue Albuquerque, entregue o seu discurso,
Separado dos mais a idéas varias;
Entrava; e suspendido entre as contrarias
Imagens, que o combatem, de repente
Punha os olhos no Indio, e no accidente
Do inesperado encontro está pasmado.

Caminhante, que dorme descuidado
Tanto não se enche de terror e medo,
Quando abre os olhos, e vizinho e quedo
Vê desde longe o tigre, a onça brava,
Que da brenha sahia, e attento a olhava.

Cuida ver uma fera o heróe; ousado
Aponta o ferreo cano, e já dobrado
Houvera a mola, si de riso o velho
A bocca não enchêra; ao seu conselho,
A's suas vozes Albuquerque chega,
E todo ao pasmo e á admiração se entrega.

Eu vos conheço, ó Europeus, conheço,
(Dizia o Genio) o generoso apreço,
Que de vós faz o mundo; em vão dos annos
Não conto os largos e crescidos damnos.

Confunde-se a razão; pede-lhe, conte,
Quem é? Que faz? Eu sou, diz Filoponte,
O primeiro que entrei estas montanhas
Com o famoso Arzão; elle ás estranhas
Regiões se passou, eu só deixado,
E ao commercio dos homens já negado
Vivo neste retiro: a minha vida,
Fortuna e mal, historia é tão crescida,
Que só póde cançar-te a minha historia,
Mas, pois a sorte com feliz victoria
Te conduziu té aqui chegando a ver-me,
Sabe quem sou, e aspira conhecer-me.

Assim dizendo, com a mão feria
O penedo de um lado, e já se via
Aberta uma estructura transparente
De crystalinos vidros, tão luzente,

Que aos olhos retratava um firmamento
De estrellas esmaltado, e o nascimento
Do roxo sol, quando no mar desperta;
Em cada vidro a um tempo descoberta,
Uma imagem se vê, que os riscos formam,
Estas em outros vultos se transformam
E a scena portentosa a cada instante
Se muda e se converte : está deante (45)
Uma extensão larguissima de montes,
Que cortam varios rios, lagos, fontes;
Densos mattos a cobrem; vêm-se as serras
De escabrosos rochedos, novas guerras
Tentar, buscando os céus, como tentára
Briarêo, quando aos Deuses escalára.

Logo uns homens (46) se vêm, que vão rompendo
Com intrepida força o matto horrendo,
Nús os braços e os pés, mal soccorridos
Do necessario á vida, estão mettidos
Por entre as feras, e o gentio adusto :
Cada um de si só, perdido o susto,
Se embosca ao centro dos sertões, se entranha
Já pelo serro, já pela montanha;
Uma e outra distancia gira em roda,
E deixa descoberta a extensão toda.

Passa este quadro (47), e logo outra pintura
Nova imagem propõe, nova figura,
Que retrata uns mortaes de negras côres,
Regando o afflicto rosto de suores
A' força das fadigas, com que cavam
As brutas serras, e nos rios lavam
As porções extrahidas, separando
As pedras do metal, que andam buscando.

Eis que outros homens de semblantes feros
Contra os conquistadores já severos
Os fazem despejar desde os seus lares;
Disperso o sangue (48), se recolhe em mares;
Familia e armas, cabedaes e tudo
Cede aos avaros, que do ferro agudo
Fazem despojo á fugitiva gente.

Ao som da caixa o vidro transparente
Retrata logo em monstruoso vulto
Correndo á redea solta (49) a todo insulto
Confusa multidão, que se prepara
Arrogar-se o governo e empr'ende a vara
Sustentar com seu sangue o roubo indigno.
De um chefe os rege o coração maligno.
Bem que se justifique na apparencia (50)
De um influxo de zelo e de prudencia.
Desde o cume de um monte está voltando
As costas um guerreiro, que do mando
A insignia traz na mão; segue seus passos
O resto desses miseros, que aos laços
Dos impios escapára; tem a morte
Presente aos olhos; e na dubia sorte
Escolhe de outras forças redobrar-se,
Té que chegue occasião de vindicarse-se
O respeito, que em vão aos maus intima.

Passavam outros vultos, quando em cima
De um soberbo cavallo vem montado
O mesmo heróe; o héróe que está pasmado
De se ver a si proprio: ao longe um pico
Desde uma serra o convidava ao rico
Paiz, que assombra o barbaro Itamonte
Co'a robusta presença: tem defronte
O demandado rio, que já vira,

E notára em seu sonho : então se admira
Inda mais Albuquerque, e crê que a idéa
Em um fingido objecto se recreia,
Figurando por força do costume
O rio e a serra, que encontrar presume.

Alegre se encantára nesta vista,
Mas notou (triste horror!) que da conquista
Embaraçava a entrada o vil partido
Dos conjurados chefes ; produzido
O exemplo do retiro de Fernando.
Tanto se atreve o insolente bando!

Encheu-se de tristeza, e o genio activo,
Que attende a protegel-o, logo um vivo
Esforço communica ao nobre peito.
Antes que em fumo ou ar vôe desfeito
De tanta idéa o quadro portentoso;
Quer declarar em tudo o mysterioso
Theatro das imagens : vós agora
Influi-me uma voz alta e sonora,
Nymphas do patrio rio, com que eu possa
Cantar na gloria minha a gloria vossa.

CANTO VI

Na diaphana machina presente
(Diz Philoponte) todo o continente
Vês, Alburquerque das buscadas Minas.
São estas, são as regiões benignas,
Onde nutre a perpetua primavera
As verdes folhas, que abrasar pudera
Em outros climas o chuvoso inverno.
Dos mesmos Deuses o poder eterno
Não se atrevera a combater os montes,

E as serras, que em distinctos horisontes
Murando vão pelos remotos lados
Mares e lagos, com que ao sul marcados
Seus limites estão : a fórma, o nome
Variam serra e rio, e sem que tome
Firmeza alguma o prolongado vulto,
Sempre o principio te ha de ser occulto,
Quando chegues ao fim do rio ou serra.

Levados de fervor, que o peito encerra
Vês os Paulistas, animosa gente,
Que ao Rei procuram do metal luzente
Co'as proprias mãos enriquecer o erario.
Arzão é este, é este, o temerario,
Que da Casca os sertões tentou primeiro :
Vê qual despreza o nobre aventureiro,
Os laços e as traições, que lhe prepara
Do cruento gentio a fome avára.

A exemplo de um contempla iguaes a todos,
E distinctos ao rei por varios modos
Vê os Pires, Camargos e Pedrosos,
Alvarengas, Godóes, Cabraes, Cardosos,
Lemos, Toledos, Paes, Guerras, Furtados,
E os outros, que primeiro assignalados
Se fizeram no arrojo das conquistas,
O' grandes sempre, ó immortaes Paulistas!
Embora vós, nymphas do Tejo, embora
Cante do Luzitano a voz sonora
Os claros feitos do seu grande Gama;
Dos meus Paulistas honrarei a fama.
Elles a fome e sede vão soffrendo,
Rotos e nús os corpos vem trazendo,
Na enfermidade a cura lhes fallece,
E a miseria por tudo se conhece;

Em seu zelo outro espirito não obra
Mais que o amor do seu rei : isto lhes sobra.
Abertas as montanhas, rota a serra,
Vê converter-se em ouro a patria terra,
O Ethiope co's Indios misturado
Eis obedece ao provido mandado
Dos bons conquistadores : desde o fundo
De ouro e diamantes o paiz fecundo
Produz as grandes, avultadas sommas.
Tu por empreza, nobre engenho, toma
Fabricar inda o espherico instrumento (51),
Que o trabalho fará menos violento.

Já dos rebeldes o esquadrão ferino
Se conjura a fazer o roubo indigno;
Tomando outro partido esses, que devem
Respeitar um só rei : impios se atrevem
A lançar desde os lares, que tem feito
Os miseros vassalos : o preceito
Intimado na voz do rei lhes tira
As armas, um e outro se conspira,
E em varios choques, em ataques varios
Ou morrem já, ou buscam solitarios,
E fugitivos o seu patrio berço.

Ide, infelices; o animo perverso
Cessará uma vez de maltratar-vos :
O rei sabe punil-os, sabe dar-vos
Justa satisfação, justa vingança.
Sobre elles vem Fernando : mas o alcança
Inda o furor da levantada gente;
Volta a munir-se o capitão valente,
E a vosso beneficio já protesta,
Fará cahir ao chão mais de uma testa.

Já dos parentes, dos amigos vossos
Se vão juntando e vem correndo os grossos
Esquadrões, que pretendem desde a serra
Fazer aos impios a sanguinea guerra;
Mas tu succedes, Albuquerque invicto,
No bastão a Fernando; o rei prescripto
As ordens te tem já, por que temperes
O orgulhoso furor : não consideres
Tão segura porém a tua entrada :
A vil conspiração mal apagada
Inda ao longe te forja e te fulmina
Nos levantados chefes a ruina.

Tens ao teu lado a provida influencia
Do patrio genio; contra uma violencia
Outras suscitarei, lá desde o seio
Das mesmas Minas, um incendio ateio
Nos illustres Pereiras : estes passam
A disputar c'os outros e se enlaçam
Em vingar os domesticos insultos.
Vós e os mais vossos passareis occultos,
E disfarçados aos districtos, onde
Dos rebeldes o numero se esconde
Lá comvosco estarei, e... proseguia,
Mas de uma e outra parte concorria
Buscando o heróe a comitiva, crendo
Que aos mattos se entranhára e que perdendo
Talvez o rumo duvidoso errava.
Faria já com elles se ajuntava,
E Garcia, que o rosto traz magoado
Do successo infeliz, que tem notado.

Tudo desapparece neste instante
Ao assombro da nuvem, que deante
Da penha condensára, o genio astuto.
Um chuveiro cerrado desde o bruto

Cume da rocha se extendia, e nada
Mais que a sombra na lobrega morada
Se deixa perceber por tudo quanto
Detivera ao heróe no estranho encanto.

Ao passo que se assusta e se entristece
Das imagens, que vira, restab' lece
O espirito no amparo prometido
Do genio, em quem contempla introduzido
O influxo de alguma alta intelligencia,
Que se encobre dos homens na apparencia.

Alegre sahe da nuvem, que desata
E no arcano mais intimo recata
O que ouve e vê, notando os companheiros,
— Que é isto, diz, chegastes mui ligeiros,
Vós, padre, e vós, Garcia? a vossa empreza
Talvez se conseguiu com mais presteza,
Do que eu tinha esperado : em doce laço,
Dizei, já vive Aurora? vive Argasso?

Ah! senhor, diz Fialho (que Garcia
Os olhos rasos d'agua mal podia
Falar, e quasi absorto o heróe saúda),
O caso é tão funesto, que na muda
Magua só póde cabalmente ouvir-se.

Sahimos ha seis dias; descobrir-se
A aldêa pouco já se começava :
Aos acenos de Argasso festejava
O Monaxós alegre a nossa vinda;
Não tardou de saber a féra Eulinda
Rival de Aurora, o firme pensamento
Do meditado Santo Sacramento;
Conspirou em seu damno, e de ira cheia

A cóva foi buscar de Theriféa :
Esta a superstição teve por nome :
Innocentes meninos traga, e come :

Dous arrancados dos maternos peitos
Lhe leva a crua indiana; ella desfeitos
Os tem já entre as presas aguçadas;
Eu vi (52) (contou algum) que suffocadas
As cans estavam de seu sangue, e quentes
Brotavam de entre os beiços as correntes.
Do destroço fatal contente a velha
Nas victimas, que Eulinda lhe apparelha
A dar-lhe ajuda alegre se convida.

A instancias de Garcia está rendida
Em breve instante Aurora; nem se assusta
Ao proposto hymeneu, e crê que é justa
A persuasão, ao ver, que a faz Garcia.
Do antigo amor de todo se esquecia
Um e outro; e a virtude só pretendem
Acreditar no estimulo, que accendem
Dentro em seus corações, de propagada
Vêr uma vez a religião amada.

Ao Indio instrúo nos mysterios santos
Da orthodoxa doutrina; e longe encantos,
Superstições e magicas, já creio,
Que tenho descoberto nelle um meio
De derramar por entre os mais a cura
Da radicada antiga desventura.

Contentes andam todos pela aldeia,
Festejando o consorcio, qual passeia,
Calçados pés e mãos de varias plumas,
Qual faz soar o apito (nem presumas (53)

Que se ignora da musica o concerto
Entre os crus Monaxós), já vinha perto
O dia ao caro laço destinado;
O cacique do amor estimulado,
Que tem pelos seus hospedes, destina,
Que divididos vão pela collina,
E que desçam ao valle, os que destreza
Têm no dardo, e na flexa; encher a mesa
Intenta com a caça, que sepulta
Nos seus seios a gruta mais occulta,
Brindar quer os mais Indios deste modo,
Convida desde já ao povo todo.

Elle proprio á fadiga não se nega,
Arremessa-se ao matto, Aurora pega
No seu arco tambem; todos se atiram
Ao fundo espesso, e pelas brenhas giram.

Theriféa a occasião julga opportuna,
Põe os olhos no Céu, alta columna
Levanta, e firma em terra; já sobre ella
Se ergue e murmura e nota cada estrella
Com o dedo, depois desce e riscando
Muitas vezes em roda, vae tocando
A columna, que treme e que se move:
Tolda-se em sombra o ar, troveja e chove:
E o tronco de entre a nuvem que o cobrira,
Sahe figurando um tigre, que respira
Fogo e veneno pelos olhos; passa
Com elle ao monte, e o guia onde a caça
Se tenta e busca: aqui dormia Aurora;
Dormia; e junto aos pés branda e sonora
Fontesinha o repouso convidava;
O peito em grande parte debruçava
Sobre uma penha, e ao gesto brando e lindo

De encosto o molle braço está servindo.
Chega a Maga cruel, põe-lhe diante
A féra, que conduz, e ao mesmo instante
Se occulta em parte, onde o successo veja :
O cuidado de a ver, ou fosse a inveja
A'quelle sitio encaminhava os passos
Do destemido Argasso; entre embaraços
De mal distinctos ramos já descobre
O mosqueado tigre, ao braço nobre
O crê despojo, e de matal-o espera,
Firme o pé desde longe aponta a fera,
E atraz puxando o braço a setta envia,
Que vae cravar no monstro a ponta fria.

Corre gritando, ó Céus, e vê passado
De Aurora o peito ; em vão busca assombrado
O tigre, que não ha : já desfallece
A pouco e pouco a bella : a magua cresce
No misero homicida, clama e grita,
Atroa os Céus, e contra os Céus se irrita,
Nem mais a vida, que estimara, preza;
Arroja o arco, e á infeliz belleza
Consagra de seu corpo o ultimo resto.
Amor, disse, cruel, pois que funesto
Foi o fim de um principio tão ditoso
Pois que cortaste o vinculo gostoso,
Que a dita, a mesma dita ia tecendo,
Bem que o innocente impulso inda estou vendo,
Que animou este braço; acabe o peito,
Onde elle se forjou; rôto e desfeito,
O véo, que cerca esta alma, ella se aparte.
Indianna adorada, ou á pagar-te
Com seu eterno pranto a dura offensa,
Ou á pôr de teus olhos na presença,
A magua emfim de um erro involuntario.

Disse; e trepando a penha, ao chão contrario
Desesperado já se precipita.
Theriféa de longe aos Indios grita,
E alegre da victoria deixa o monte;
Não ha, quem visse, ou quem a historia conte :
Mas da homicida barbara informada
Já torna Eulinda; furiosa brada
A' aldêa, por vingar tanta maldade,
Sobre nós faz cahir a atrocidade
Do delicto, e abrasando a aldêa inteira
De occulta chamma, que ateou ligeira,
Ministros nos faz crer deste attentado :
A fuga nos salvou, nem avisado
Serias de um tão tragico successo
Si de Argasso um rival, que a tanto preço
A Eulinda amava, então não descobrira
Tudo o que a Eulinda e a Theriféa ouvira.
Calou Fialho : em vão susteve o pranto
Albuquerque; e notando que o quebranto
De Garcia a rendel-o se avançava,
Consolando seu mal, assim falava :
Jamais se viu segura uma alegria,
Nem estavel jamais póde algum dia
Sustentar-se a fortuna de um ditoso :
Espere sempre o inverno procelloso
Aquelle, por quem passa a primavera;
Amor, que em brandas almas só podera
Empregar toda a força de seus tiros,
Fará, que troque as glorias em suspiros,
Aquelle, que em vão crêra aos desenganos;
O' vós, felices, vós, que os doces annos
Entregaes á virtude, eu vos agouro
O sempre immarcessivel fresco louro,
Que vos ha de levar na longa idade
Muito além da cançada humanidade.

CANTO VII

A Madre de Memnon dourava a terra,
E já se descobria uma alta serra
Com tres dias de marcha; de Itamonte
O carregado aspecto está defronte;
Não repugna do heróe á nobre entrada,
Mas tem presente ainda a retirada
De Fernando; inda vê de sangue tinto
O campo; e nota o odio mal extincto
Dos infames rebeldes, conjurados.

Embaraçar pretende os apressados
Passos, que vêm trazendo, e quer primeiro
C'o a vista de um obsequio lisongeiro
Demorar a Garcia: teve o indulto
Este vassalo de avançar-se occulto,
E entrar na povoação, notando o estado
Da levantada gente: era chegado
A' margem de um ribeiro; e os olhos tendo
Mal enxutos ainda, se está vendo
Na prisão insensivel de um encanto,
Que emfim lhe acaba de pôr termo ao pranto.

Uma voz se lhe finge, que feria
Os ares docemente; e assim dizia:
Saudoso ribeirão, mancebo infausto,
Si já perdida a pompa, a gloria, o fausto,
Em pequena corrente convertido
Vás regando este valle: o teu gemido

Não accuse de Eulinda o brando peito;
Talvez amor tyranno a teu respeito
Quiz que eu fosse cruel, e, involuntario
Seguiu meu pensamento esse contrario
Influxo das estrellas; eu te amava,
E dentro da minha alma protestava
Não render o trophéo desta belleza
Mais, que aos suspiros teus, e á chamma acceza
De amor, que nos teus olhos percebia.
Apollo, o ingrato Apollo é que devia
Ser comtigo mais brando e mais propicio.
A culpa é só de Apollo; o sacrificio,
O voto, que elle fez ao Deus tyranno,
Tudo emfim se ajuntou para o teu damno.

Talvez não conhecia eu, desgraçada,
Que eras tu, o que então com mão armada
Me estavas d'esperar lá perto a fonte.
Este aleivoso Deus, para que conte
Da minha historia a triste desventura,
Depois que preza a minha formosura
Entre a nuvem levára enganadora,
Faltando á toda a fé, me ordena agora,
Que eu torne ao patrio berço, convertida
Em Nympha destas aguas, passe a vida
Entregue sempre á miseros lamentos.
Oh! e quem crê de um Deus nos juramentos?

Aqui o teu sussurro estou ouvindo,
E nelle a tua queixa inda sentindo,
Quando escapada aos amorosos laços,
Dizer-te escuto: *Onde a meus ternos braços,*
Onde te escondes, onde, amada Eulina,
Que tanto estrago contra mim fulmina?

Aqui teu duro mal percebo e noto,
Quando do agudo ferro o peito roto
Dás a cega ambição em cópias de ouro
O que roubaste, misero thesouro,
De Itamonte, teu pae, que não sabia,
Que a seus cançados annos deveria
Succeder um tão funebre desgosto.

Cheio de maguas te estou vendo o rosto,
Com que accusas o humano atrevimento,
Quando lhe accordas o furor violento,
Que faz de Polydoro a desventura,
O' ambição, ó sêde, ou fome dura!

Ouve Garcia o canto, e não atina
De onde tanto prodigio, mas de Eulina
A delicada face está patente:
Fita os olhos, e vê desde a corrente
Lançar a mão á praia a Nympha bella,
Toma uma areia de ouro, e já com ella
Pulveriza os cabellos: neste instante,
O sonho de Albuquerque o faz avante
Passar, os braços abre, a Nympha chamma;
Ella o vê, e não teme, e já se inflamma
De amor por elle: aos braços o convida,
E abrindo o seio o rio, uma luzida
Urna de fino marmore os sepulta
Recebendo-os em si: ficou occulta
A maravilha a quantos o acompanham:
Em busca de Garcia já se entranham
Pelos mattos mais densos; mas perdida
A esperança de achal-o, e recolhida
Volta ao heróe a esquadra aventureira.

De inadvertido brinco acção grosseira
Turbára neste tempo a comitiva;

Querem que entre elles o partido viva
De Europeus e Paulistas, e já passa
A desafio em uns o que foi graça.
Conta-se, que por mofa algum dizia,
Que seguro em si só não vae Garcia,
Só valor Europeu com pouco ou nada
Disputar do Paulista póde a espada.
Leva-se Borba do furor ardente,
Empunha o ferro, atreve-se valente
Ao mesmo tempo a rebater Pegado
O colerico ardor; vê-se insultado
No respeito Albuquerque : oh lá, dizia,
Os braços suspendei, de rebeldia
E' este um signal claro; não se deve
Tanto despique á offensa, que é tão leve (55).
Si ao Paulista de fraco alguem accusa,
Elle de seus espiritos só usa,
Quando a honra do empenho ao campo chamma.
Nao é valente, não, o que se inflamma
No criminoso ardor de a cada instante
Dar provas de soberbo e de arrogante.
Os Europeus são faceis neste arrojo.

Si justo, imaginaes, foi o despojo
Das Minas, que lhes tiram; porque avaros
Se pretendem mostrar (bem que são raros
Os que entre elles se arrastam da cobiça),
Dizei, não pede a provida justiça,
Que zele cada um, que guarde e reja
O que adquire o seu braço, quando a inveja
Lh'o pretende roubar? estas conquistas
A quem mais se deverão que aos Paulistas?

Mas eu ponho de parte os argumentos,
Que com substancia egual os fundamentos

Fazem desta disputa assaz ligeira;
Seguiremos a maxima grosseira
Dos espiritos vis, que têm formado
Nestas Minas um corpo levantado?
Acaso um mesmo rei nos não protege?
Uma só lei a todos nos não rege?
Do tronco Portuguez não é que herdamos
O sangue, de que as veias animamos?
Não faz communs um vassalo as glorias
De seu rei? Do seu reino? das victorias,
Que um ganha, o outro perde, não alcança
A todos o infortunio, ou a bonança?
Somos nós dessa estirpe, que brotára
Do antigo Cadmo a barbara seára,
Onde uns irmãos com outros pelejando
O ferro no seu sangue estão banhando?
Arbitro entre vós outros me conheço;
Do Europeu, do Paulista faço apreço;
E distinguindo em todos a virtude
Não espereis, que de projecto mude,
Não faz a patria o heróe, nascem de aldêas
Almas insignes, de virtudes cheas;
E nem sempre na côrte nobre, e clara
Ingenua serie, portentosa e rara
Se vê de corações, que se escandecem
Pela gloria sómente, e nella crescem.

Dizia; ao mesmo passo de Pereira
Um aviso chegava, de onde inteira
Informação o heróe já recebia
Da sacrilega ousada rebeldia:
Sabe, que ao longe os montes estão cheios
Dos conjurados chefes; nisto os meios
Consulta de passar; e tem presente
A imagem, que no vidro transparente

Formara o genio; de Garcia ousado
Só quizera partir acompanhado,
Por elle chama, e teme, e se entristece
Ao ver que falta, e apenas apparece
Quem dê noticia, ou conte a sua ausencia.

Teme que surpr'endido na violencia
Ficasse dos rebeldes; resolvido
Já tem partir sem elle; do vestido,
Que traja, militar, e rica banda
Se despe; humilde capa aos hombros manda,
E por tudo disfarça o alto respeito,
Que inculca o aspecto : a todos no conceito
Segura desta empreza, e lhes ordena
Que em marcha vagarosa, entre a serena
Sombra da noite ao longe o vão seguindo;
Parte, e encostado á serra vae subindo
Uma collina, que lhe põe defronte
O pico, o grande pico de Itamonte.

Chegava o dia ao termo derradeiro,
E ao valle vem descendo desde o outeiro,
A sombra carregada; humilde tenda
Aqui recolhe o heróe, como pretenda
O interesse adiantar o seu partido,
Bem que o genio a seu impeto escondido
Tinha as idéas, com que o heróe salvava
Na mesma tenda a um tempo abrigo dava
O indigno monstro aos chefes levantados.

Todos em um congresso declarados
Entre si praticando estão na vinda
De Albuquerque, nem crêm que esteja ainda
Tão proximo a chegar; longe o figurem,
E muitas vezes protestando juram

De obrigal-o a voltar, a morte certa
Promettem, si o resiste : descoberta
A Albuquerque se faz por este modo
A torpe idéa do designio todo.

Recolhem-se a dormir, e se recolhe
Albuquerque tambem, que não lhe tolhe
A constancia o temor, cauto pretende
Aos Pereiras juntar-se, e mais se accende
No desejo de ver o bom Garcia,
Que aos irmãos já crê que passaria.

Cheio destes cuidados entregava
Ao leito os lassos membros, e pensava
Em vencer da alta noite por deante
O caminho. Eis o genio vigilante,
Que o perigo imminente está prevendo,
Com seus influxos sobre o heróe descendo,
Da mão o prende, e o guia á um sitio, aonde
O escuro Caethé (56) de accòrdo esconde
Um magnifico paço, em que destina
Que tenha o heróe habitação mais digna.
Aqui dos tres Pereiras o esperava
O nobre ajuntamento, e protestava
Cada um em seu nome, que faria
Cahir por terra a infame rebeldia;
Que de amigos, patricios e parentes
Tinha á seu mando promptas, e obedientes
Muitas esquadras, que traria ao lado.
Tudo agradece o heróe; mais tem pensado
Mover por arte e por industria os povos.

Estamos, disse, em uns paizes novos,
Onde á policia não tem ainda entrado,
Póde o rigor deixar desconcertado

O bom preludio desta grande empreza.
Convém que antes que os meios da aspereza
Se tente todo o esforço de brandura.
Não é destro cultor, o que procura
Decepar aquella arvore, que póde
Sanar, cortando um ramo, si lhe acóde
Com sabia mão a reparar o damno;
Para se radicar do soberano
O conceito, que pede a auctoridade,
Necessaria se faz uma egualdade
De razão e discurso; quem duvida,
Que de um cego furor corre impellida
A fanatica idéa desta gente?
Que a todos falta um conductor prudente
Que os dirija ao acerto? Quem ignora
Que um monstruoso corpo se devora
A si mesmo, e converte em seu estrago
O que pensa e medita? ao brando afago
Talvez venha a ceder: e quando abuse
Da brandura, e obstinado se recuse
A render ao meu Rei toda a obediencia,
Então porei em pratica a violencia;
Farei que as armas e o valor contestem
O barbaro attentado; e que detestem
A preço de seu sangue a torpe idéa.
Disse; e deixando a todos a alma cheia
De uma nobre esperança, já passava
A saber de Garcia, nem lhe dava
Noticia delle algum dos tres Pereiras.

A um fundo rio estavam sobranceiras
Espessas mattas de arvores copadas;
De seus ramos, quaes já foram mostradas
Ao Troiano, que tenta o reino escuro,
Em vans imagens pende o sonho; um duro

Tronco escolhera o genio; alli fizera
Em uma e outra funebre chimera
Respirar o terror, forjar-se o susto.
Dalli manda se espalhe a todo o custo
Uma e outra illusão; partem voando
As fantasticas sombras, vão pintando
Grilhões, cadeias, carceres, supplicios,
Degoladas cabeças; artificios
Nunca inventados de instrumentos varios,
Que estão ameaçando aos temerarios,
E rebeldes vassallos a ruina:
Confundem-se os infames, e destina
Cada um desde já buscar o meio
De pôr de parte o crime enorme e feio,
E acreditar aos pés do heróe, que chega
A fé, com que ao seu rei se rende e entrega.

CANTO VIII

Entretanto que o Genio se cançava
Nesta empreza; o interesse fomentava
Novas discordias; e do altar impuro
Aos susurros de um funebre conjuro
Subir fazia desde o horrivel centro
Vorazes furias, e do abysmo dentro
A guerra atêa, que aos mortaes destroça;
Tiram bravos leões uma carroça,
Em cujo assento apparecer se via
Com vulto horrendo a infame rebeldia;
Vib'ras os cabellos são, que extende
Sobre a enrugada testa; um Ethna accende
Em cada olho, e da bocca em cada alento
O veneno vomita mais violento.

Tem por despojos a seus pés cahidas
Purpuras rôtas, destroçadas vidas
De reis, de imperadores; vem cercada
Da traição e do engano; e disfarçada
Entre estes monstros com fingido rosto
A hypocrisia tem seu throno posto.

Este idolo cruel, que se autorisa
Mais entre os outros, por que estraga e pisa
Com mudo pé dos grandes as moradas,
Tendo a seu lado as furias convocadas,
E entrando em parte já c'o a rebeldia,
Ao nume do interesse assim dizia:

Sei que vacilla o teu arrojo, e vejo
Que muito além do natural desejo
Vão correndo as cançadas diligencias
Com que até aqui no esforço das violencias,
Quizemos impedir a triste entrada
Desse heróe, que nos traz ameaçada
Toda a ruina de uma longa idéa.
Si talvez sombra van não lisongeia
Meus altos pensamentos, eu discorro
Que a mim me toca só dar o soccorro
Ao decadente impulso desta empreza:
Não sei, de que triumpho na certeza
Eu me prometto um dia a segurança
De uma eterna, pacifica bonança.
Se passou Albuquerque, e tem rompido
Ao centro destas Minas, destruido
Eu verei de uma vez o seu projecto.
Tomo a meu cargo simular o aspecto
De uma vendida sujeição, levando
Na lisonja encoberto o insulto; e quando
Elle acredite mais nossa obediencia

Farei que rôta a mascara, a violencia
Dentro dos nossos braços o accommetta;
Que morra a frio sangue, ou que se metta
A's brenhas fugitivo, e busque a estrada,
Que lembra de Fernando a retirada.

Assim falava a torpe hypocrisia,
O engano c'o a traição já se lhe unia,
Approvava o interesse a idéa insana,
A rebeldia se gloriava ufana;
E por todos o alento suscitado,
Se alegram crendo já executado
Tudo que entre os Farias se medita.

Vão buscando os chefes, corre e grita
A infame esquadra de uma e outra furia,
Pouco se affligem da passada injuria.
Cortam desde o seu templo os crespos ventos;
E ao halito nocivo, aos pestilentos
Influxos, que derramam, se enche tudo
De serpentes, de feras, que de agudo
Veneno tem a fauce inficcionada.

Talvez não viste tu, Libia abrasada,
De monstros mais coberta a tua arêa,
Quando o neto de Acrisio alli semêa
O sangue da cabeça, que cortára
O ferro, de que a Deusa a mão lhe armára.

Mas já, Garcia amante, me convidas
A descrever as horas entretidas
Nos braços, a que Eulina te trouxera.
Dentro da mansa e deleitosa esphera
Do peregrino rio entrado havia
O mancebo feliz, e já se via

Pisando de uma sala o pavimento.
Por tudo reflectia o luzimento
Da riqueza, que os tectos esmaltava:
Sobre columnas de crystal estava
Sustentado o edificio; dellas pendem
Laminas de ouro, onde seu rosto accendem
Em vivo resplendor barões egregios;
Da fortuna e do tempo os privilegios
Inculcam dominar, nas mãos sustentam
As insignias do mando, e representam
A régia auctoridade: em cada testa
Reverdece o lourel, que manifesta
A duração da immarcessivel fama.

Eulina, que Garcia ao lado chama,
Em um assento de ouro marchetado
Lhe tem junto a uma mesa preparado
O brinde da mais rara formosura.
Cem taças de ouro são, onde procura
Mostrar-lhe aos olhos, quanto desentranha
De mais precioso o rio, ou a montanha,

Cerrava um branco véo logo diante
Uma estancia; rasgou-se, e em breve instante
Deixou vêr recortado junto a um monte
O venerando rosto de Itamonte.
Era de grossos membros a estatura,
Calva a cabeça, a côr um pouco escura,
De muitos braços, qual a idade vira
Tyfeu, que a dura terra produzira.

Quasi a seus pés o corpo debruçando
Sobre um punhal, estava trespassando
O peito um gentil moço, da ferida
Uma fonte brotava, que estendida
Com as vermelhas aguas rega a arêa.

Eulina, que nas graças não recêa
Competir c'o a deidade que o mar cria,
De transparente garça se vestia,
Toda de flores de ouro matisada:
A cabeça de pedras tem tocada,
Deixando retratarem-se as estrellas
Em seus olhos; tão ricas, como bellas
Muitas nynfas em roda a estão cercando,
Nas lindas mãos nevadas sustentando
Os thesouros, que occulta e guarda a terra.
(Tristes causas do mal, causas da guerra!)
Nizea em uma taça offerecia
Um monte de custosa pedraria,
Em que estão misturados os diamantes,
Co'as safiras azues, e c'os brilhantes
Topasios c'os rubis, co'as esmeraldas,
Que servem de esmaltar essas grinaldas,
De que as nynfas do rio ornão a frente.
Em outra taça de metal luzente.
Copioso monte apresentava Loto
Por extremo formosa; desde o roto
Seio do rio o loiro pó juntára;
Delle costuma usar Eulina clara
Para dar novo lustre a seus cabellos:
Parece que a fadiga dos martellos
Batera o mesmo pó coalhado ao fogo,
Pois deixada esta taça e olhando logo
Para outra, que Licondra na mão tinha,
Nella de barras mil um monte vinha,
Em que o divino pó se convertera.

Não tardava a chegar branda, e sincera
A mimosa Leutippo: esta offertava
Uma, e outra medalha, que cunhava
Nas pequenas espheras de ouro fino.

De varios caracteres peregrino
Geroglifico alli se vê gravado,
Onde a letra em tres riscos dividida
Tinha estampa entre as outras mais luzida.

Do formoso espectaculo no meio
De jubilos Garcia se vê cheio;
As nynfas o entretem, Eulina o prende,
De Itamonte a grandeza mal entende,
E do moço que vê rasgando o peito
Não sabe a historia; que se o doce effeito
Provado houvesse do gostoso fructo,
Que encontrára na Hesperia o Grego astuto,
De si, dos companheiros se esquecia,
E transportado em outro já se via.

Com a voz descançada lhe falava
O bom velho Itamonte, e pois que a brava
E inculta região das patrias Minas
Tens pisado, ó Garcia, de ti dignas
Sejão tuas acções: tu te atreveste
Primeiro, que outro algum e tu podeste
Romper os mattos, franquear o passo
Do não tentado rio (57); o fado escasso
Comtigo não será, tendo encoberto
Por mais tempo o paiz que traz incerto
O teu grande Albuquerque; elle procura
Erguer a capital, aonde a escura
Sombra de um sonho lhe propoz defronte
O carregado aspecto de Itamonte.
Neste sitio elle está; alli se ajunta
Com os fortes Pereiras, e pergunta
Por ti: o patrio genio o tem guiado:
Deu-lhe a mão, lá o poz, alli prostrado
Elle vê a seus pés esse, que ha pouco

Levado de um furor insano e louco
Embargar pretendera a sua entrada :

Por muitos annos sei, como ignorada
Foi aos humanos esta serra : agora
A tem tentado alguns e nella mora
Um corpo de Europeus, a quem occulto
Tenho ainda os thesouros, que sepulto.
Permitte o Ceo que sejas o primeiro,
A quem eu patentêe por inteiro
Todo o segredo das riquezas minhas,
Já desde quando no projecto vinhas
De encontrar as preciosas esmeraldas,
Eu te esperava deste monte ás faldas.
O Deos destes thesouros (58) impedia
Até aqui descobril-os, e fingia
Meu rosto aos homens tão escuro e feio
Por que infundisse em todos o receio.

E pois que a sorte tens, de que em meus braços
Elle mesmo te ponha; os ameaços
Cederão de Itamonte ao teu destino :
Vê pois, Garcia amado, o peregrino
Cabedal, que possuo, e que pretendo,
Cedas tu as teu Rei : e se estais crendo,
Não é fabula, não, essa grandeza,
Que tens defronte da preciosa mesa.
Toda essa terra, que o descuido pisa
Dentro em meus braços, crê, que se matisa
Com o loiro metal, geral o fructo
O nome de Geraes por attributo
Estas Minas terão : vê os diamantes;
Elles vem de outras serras mais distantes,
Mas tudo corre a encher os meus thesouros,

Hão de brilhar os seculos vindouros
Com esta fina pedra; em abundancia
Vencerão os que vem de outra distancia,
E do Indo será menor a gloria,
Quando vir apagar sua memoria
Nas terras onde o solo iguala o dia,
Do meu Jaquitinhonha (59), aonde fria
Sobre grossos canaes no alto erguidas
As correntes do rio e divertidas
Da margem natural, darão entrada
A' industriosa mão, que já rasgada
Uma penha, e mais outra faz que a terra
Descubra aos homens o valor, que encerra.
De ti, oh Rei, das tuas mãos só fio
Romper o seio do empolado rio.

As pedras amarellas e encarnadas,
De que estão essas taças coroadas,
Produz o Itatyaia, aquelle rio,
Que vae buscar com placido desvio
Outro, que de Guará (60), purpurea ave
Na lingua patria o nome tem suave :
E juntando as correntes vae formando
O grande Rio Doce : do Gualacho
Nos futuros auspicios talvez acho,
Que um pequeno ribeiro o nome guarda,
Nas margens suas de nascer não tarda
O grosso engenho, que decante um dia
As memorias da patria, e de Garcia;
Que levante Albuquerque sobre a fama,
Que a villa adorne de triumphante rama;
E dos patrios avós louvando a empreza
Sobre o estrago dos annos deixe accesa
A memoria de feitos tão gloriosos :
Crescei para o cercar, loiros formosos.

As safiras azues produz a serra
Do Itambé, tem rubis aquella terra
Aonde em breves fontes a Juruoca
Vê o rio (61) nascer; que as aguas tóca
Do grosso Paraguay : o Rio Verde
Daqui nasce tambem, que o nome perde
Entrando pelo Grande; estes unidos
Vão formar com mais outros os crescidos,
E agigantados passos, que desata
Pela raia da Hespanha o Rio da Prata.

Das esmeraldas ao precioso erario
Talvez que não permitta o Céu contrario,
Que outro mais, que teu pae registre as Minas.
Encubertas serão as pedras finas
Por uma longa edade, e fatigadas
Serão debalde as serras levantadas
Do escuro Cuiethé, onde se abriga
O Botocudo infiel, gente inimiga,
Gente féra e cruel, que o sangue bebe
Humano, e encarniçado não concebe
Zelo algum pela propria natureza.

Todos estes thesouros e a grandeza
De todas estas pedras determino,
Que por mão de um benevolo destino
Vão buscar inda a Luza monarchia.

Desde o seio da terra a ver o dia
O marmore virá que aos Céus levante
Edificios soberbos a elegante
Mão do artifice, a villa edificada
Fará que sobre as outras respeitada
De Rica tenha o nome, derivado
Dos thesouros o epitheto presado.

Aqui chegava, e quasi enfraquecido
Tinha o vigor da voz, quando advertido
De Eulina arrebatado pensamento;
Com que o grande Garcia olha attento
Para as imagens, que pendentes via;
Com que egualmente os olhos dirigia
Para o mancebo, que rasgára o peito;
Tomando a lyra, e com suave effeito
Soar fazendo as cordas de ouro fino,
Em cadencias de um numero divino
De Itamonte lembrava a grande historia;
Contava, que empr'endendo por mais gloria
Os Deuses conquistar deste hemispherio,
Deixando o Adamastor no vasto imperio
Das ondas lá do Atlantico Oceano;
O pacifico mar buscava ufano,
Que de um raio de Jupiter ferido
Fora em duro penhasco convertido;
Que um filho concebera de uma penha,
Que foi nynfa algum dia; elle se empenha
Em contrastar de Eulina o peito ingrato;
Apollo opposto ao amoroso tracto
Lh'a rouba, e leva em uma nuvem; triste
O mancebo infeliz, já não resiste
Ao rigor do seu fado; busca ancioso
Sobre um punhal o termo lastimoso
De tanta desventura, de piedade
Movido o loiro Deus, ou de crueldade
Em fonte o converteu, e a côr trazendo
Do sangue, que do peito está vertendo,
Por castigo maior do fatal erro
Sobre elle faz bater o duro ferro.

Assim atado ao Caucaso gelado
O ventre vê das aves devorado
Em continuo tormento esse, que intenta

De Apollo arrebatar com mão violenta
O raio, que animara a estatua muda,
Que tanto em fabricar seu damno estuda.

Tudo isto canta a Nympha, e alegre passa
A dar a linda voz mais bella graça,
Levando o rosto, e os olhos applicando
Para as laminas de ouro, e reparando
Em cada uma, concebe um novo alento;
Aqui levanta, e esforça o accorde accento;
E como se Itamonte lhe influira
Do peito do gigante as vozes tira.

CANTO IX

Materia é de cothurno, e não de socco,
O que a Nympha cantava; eu já te invoco,
Genio do patrio rio; nem a lyra
Tenho tão branda já, como se ouvira,
Quando a Nize cantei, quando os amores
Cantei das bellas nynfas e pastores.
Vão os annos correndo, além passando
Do oitavo lustro; as forças vae quebrando
A pallida doença; e o humor nocivo
Pouco a pouco destroe o succo activo,
Que da vista nutrira a luz amada:
Tão pouco vi a testa coroada
De capellas de loiro, nem de tanto
Preço tem sido o lisongeiro canto,
Que os mesmos, que cantei, me não tornassem
Duro premio, si a mim me não sobrassem
Estimulos de honrar o patrio berço (62).
Deixára de espalhar pelo Universo
Algum nome, deixára... mas Eulina
Me chama: já soava a voz divina.

E aos bustos discorrendo, assim cantava :
Aquelle (e no primeiro se firmava)
Aquelle, que na frente traz gravado
O caracter de um animo empregado
Em continuas fadigas, que inda sua
Por entre a espessa brenha, e serra nua,
Vencendo asperos riscos e as correntes
Dos rios, não cortadas de outras gentes,
Mais que do hirsuto e barbaro gentio;
E' Rodrigo, que junto áquelle rio,
Que acabas de pisar, a vida entrega
A's mãos de uma ousadia infame, e céga.
Em vão tentou ao rei dar novo augmento
Das Minas no feliz descobrimento;
Que atalhando seus passos duro fado
Aqui lhe tinha a urna preparado;
Em vez de roxos lirios e assucenas
Barbaras flores lhe derrama apenas
Piedosa mão, si acaso monstro enorme
Seu tumulo não pisa, e nelle dorme.

Arthur é quem succede mais ditoso,
Pois que attrahindo ao Borba generoso,
Que ao centro dos sertõs se retirára,
Com elle empr'ende ver a terra avára,
Onde jaz de Rodrigo a sepultura :
Vê, qual provida mão dar-lhe procura
O luzente metal, que longos annos
Se negára á fadiga dos humanos.

O terceiro é Fernando, que sustendo
Difficilmente as redeas, se está vendo
Entre os insultos da rebelde gente;
Desde de longe o ameaça a bala ardente,
A crua espada e o punhal ferino,

Se não volta e obedece ao seu destino :
E' prudente o varão ; vê-se arriscado
Sem armas, sem defesa, e profanado
O respeito não quer e auctoridade,
Que sustenta do rei a magestade.
De vendicar o mando a empreza toma
O famoso Albuquerque, e a grande somma,
Dos thesouros, que guardo, eu lhe preparo,
Melhor do que nos marmores de Paro,
Ou nos polidos bronzes de Corintho,
Elle o seu nome levará distincto,
De uma vez as cabeças decepando
Da hydra venenosa, que soprando
Ainda o fogo está da rebeldia,
Fará subir com nobre valentia
De choupanas humildes a altas torres.
Essas povoações, que haver discorres
Desde esta margem a meu fundo centro
Quanto do seio meu se encerra dentro
Liberal eu virei dar-lhe em tributo;
Da grande cópia do amarello fructo
Os curvos lenhos em fecundas frotas
Irão levar ás regiões remotas
As preciosas porções, que nunca vira
Em tal grandeza o rei, que dividira
As aguas do Eritreu, e desde o Tiro
Ao claro Ophir voou com longo giro.

Do Carmo a villa, e a villa do Ouro-Preto
Formarão das conquistas o projecto;
Junto ao rio, a que as velhas deram o nome,
A terceira erguerá, que foral tome.

Já vens cortando o mar para rendel-o,
Magnanimo Silveira; do teu zelo

Fia o rei, se adiante o novo emporio,
Em trinta arrobas de ouro faz notorio
Por esta vez o povo o seu tributo;
E agradecido o rei conhece o fructo
Da tua persuasão, sem que a violencia
Arrastasse os esforços da prudencia;
Do teu antecessor seguindo a estrada
Passas a ver com gloria edificada
A villa que escondida o fado tinha
Com o precioso nome da Rainha;
E no distante Serro se levanta
A outra, que do Principe se canta;
Ditosas povoações, que hão de algum dia
Encher de lustre a luza monarchia.

Creadas as tres villas, já demarcas
Os distinctos limites das comarcas:
Dás com provida mão leis, e moderas
As discordias civis, já consideras
Domado o povo, e em successão gloriosa
Ao claro Almeida entregas a custosa
Porção das Minas de ouro, ó tu mil vezes
Digno filho de Marte, que os arnezes
Acabas de romper entre os Iberos;
Que ousados braços, que semblantes feros
Te não cabe aterrar! ao longe eu vejo
Erguer-se a multidão, que em vão forcejo
De attrahir e render: vem arrastando
Infames chefes o atrevido bando:
Chegam, propõem, disputam: nem se nega
Teu intrepido rosto á furia céga
Do fanatico orgulho: oh! não se engane
O vassalo infiel; bem que profane,
Que ataque, e insulte a régia auctoridade!
Ao destroço da vil temeridade

Será o campo theatro, e em sangue escripto
Chorarão sem remedio o seu delicto.

Cahe a sublevação, e restabelece
Outro Almeida o real decôro; cresce
A opulencia no estado; um Mello e Castro
Da esphera luzitana feliz astro
Já succede ao bastão, que Almeida empunha;
Deste heróe as virtudes testemunha
Italia toda e as suas glorias somma
Cheias de tanto nome a illustre Roma.

Mas qual te chamarei, ó sempre digno
Successor de Galvêas; o benigno
Céu, que te envia a nós, de riso cheio
O seu semblante inculca, ah! que do meio
Do Guadiana te arrancou pendente.
Já vejo a espada, e vejo a arêa quente
Do sangue derramado! que destino
Tão fausto para nós; já imagino
Que eternos os teus dias lograremos,
Dos Tritões sobre as costas levaremos
Ao luso Atlante nunca tão pesados
Os reaes cofres; vinde, ó dilatados
Sertões, vinde montanhas, vinde rios,
Chegae tambem, ó barbaros gentios
Do bravo Cuiabá, do Matto-Grosso,
De Pilões, de Goyazes (63), vêde o vosso
Destro governador, que desde as Minas
Sustém a rédea, e manda as peregrinas,
E sabias direcções, com que reparte
Em uma e outra dilatada parte
Sua provida mão. com que segura
O bem do rei, dos povos a ventura.
Já do pardo Ursaguay (64) busca a corrente,

O irmão o substitue; o sangue ardente
Lhe lembra a imitação de heroicos feitos,
Generosos Andradas, dignos feitos!
Este alimpa os sertões (65) da gente ociosa,
Que do roubo se nutre: a deliciosa
Margem do Rio Grande é povoada:
Toda a larga campina, que pisada
Fôra do Cafre vil, do regio erario
Rende os tributos: póde o Céu contrario
Sim roubar-vos, ó Freires, mas na edade
Ha de ser immortal nossa saudade.

Vês ora o grande Lobo: este caminha (66)
Seguindo a serra, que lá tem vizinha
De Paulo a capital; impede os passos,
Que o extravio, prompto aos ameaços
Da guerra acóde, a terra fortalece
De militares tropas, e a guarnece
De bellicos petrechos: já fundido
Sahe da fornalha o bronze, e convertido
Em raios de Vulcano atroa os montes.

Mas ai, que já do Tejo os horisontes
Se vêm escurecer! já deixa a praia
Aquelle heróe saudoso, que se ensaia
De verdes annos a ganhar victorias!
Já nos demanda e busca: nas memorias
Seu nome impresso guardarão as Minas.
O', e de que influencias tão benignas
Seu governo não é! ao conquistado
Quanto de novo tem accrescentado!
Domesticas aldêas reconhecem
A protecção do rei: já obedecem
As distantes regiões; vem o Tapuya (67)
Do escuro Cuiethé, ou do Orucuya

Beijar o sanctuario : qual se esconde
Rio, ou montanha tão remota, aonde
Não se investigue por seu mando o ouro ?
Que crime ha tão seguro, que ao vindouro
Com o exemplo profano ? ó singulares
Dotes do Conde meu de Valladares !

Assim cantava a Nympha arrebatada'
Do prophetico espirito dourada,
A sonorosa trompa já se ouvia
Entre um tropel de brutos, que feria
A praia opposta ; a luminosa sala
Se ia negando aos olhos ; já não fala
Itamonte ; e o mancebo já se esconde,
E Garcia (oh prodigio !) se acha, aonde
Ha pouco antes se achara, adverte, e nota,
Que para alli com placida derrota
Vêm chegando Albuquerque e os companheiros.
Já festivos clarins pelos oiteiros
Se deixam perceber louvando a vinda,
Em vivas tudo sôa ; e corre ainda
O mesmo bando, que turbara a entrada
A protestar a fé, já detestada
A torpe idéa, que o arrastára um dia.

Alegre o heróe se abraça com Garcia ;
Alegres dão-se as mãos Borba, e Camargo ;
Conta o mancebo do feliz lethargo
As horas ; conta o heróe o que passára,
Como um, e outro chefe alli buscára ;
Como já com certeza achado tinha
O sitio aonde levantar convinha
A capital das Minas : vem Fialho,
Affirma que, seguindo um breve atalho
O fundo registrára de Itamonte ;

Que vira o valle e a aprazivel fonte,
Onde de Eulina inda a memoria vive.
Presente, diz o heróe, tambem eu tive
Toda esta noite quanto viu Garcia.
O genio celestial, que póde um dia
Descobrir-me o segredo deste emporio,
Tudo aos meus olhos, tudo poz notorio
Vi este sitio, o valle, o rio, a sérra,
E os thesouros, que o monte ao longe encerra,
Aqui entre estes povos se levante
A villa, e já passando mais avante
Se erija a capital: isto dizendo,
Reparte as ordens: todos incorrendo
A um tempo vão na fabrica luzida
De um e outro edificio! da ferida
Que abria o ferro em um robusto lenho,
Commodo á obra, por noticia tenho,
Que um cheiroso licor se derramava
Da côr do sangue; absorto o heróe estava.

E vendo a maravilha, diz a Bueno:
Acaso crera, que o paiz ameno
Lembra o successo das irmans piedosas,
Que inda choram no Eridano as saudosas
Memorias do abrasado irmão; coalhadas
Assim se vêm as lagrimes brotadas
Dos moles choupos. Bueno, que não perde
A opportuna occasião, do tronco verde
Toma argumento e diz: a antiga historia
Desta arvore (68) eu a guardo de memoria
Desde a primeira vez, que um indio velho
Encontrei nos sertões; e de conselho
Saudavel quiz que eu fosse soccorrido.
Nestes montes me conta que nascido
Fôra um mancebo; Blazimo era o nome

Que a corrupção do tempo em vão consome,
De Balsamo guardando inda a lembrança.

Este tão destro em sacudir a lança,
Como em matar ás mãos o tigre ousado,
Da formosa Elpinira namorado,
E seguro no sceptro, que mantinha
De trinta aldêas, que a seu mando tinha,
A demandava esposa: disputava
Argante um tal amor; a grossa aljava
Dos hombros lhe pendia, e sempre em guerra
Fumar fazia a ensanguentada terra.
Elpinira, que causa se conhece
De tanto estrago, entre ambos se offerece
A dar a mão ao que a ganhasse em sorte,
(Por que caminhos não buscava a morte!)
Convém os dois rivaes, e o pacto acceito
Um dos dias do anno tem eleito,
Em que o seu Paraceve (69) festejavam.
Brancas e negras pedras ajuntavam
Em uma concha; e em roda juntos todos
Ao grande acto concorrem, varios modos
Inventam já de bailes, jogo e dança,
Coroando cada um sua esperança.
Preside ás sortes o bom velho Alpino,
Pae de Elpinira, e rei: vem o ferino
Argante; pés e mãos tendo cercado
De verdes pennas, onde amor firmado
Traz o presagio da victoria: a frente
Blazimo adorna de um lourel florente,
Que tecem muitas rosas animadas
De suavissimo cheiro: estão sentadas
Varias indias, cercando em torno a bella
Elpinira, orna a testa uma capella
De rosas, e folhetas pendem de ouro

Das orelhas; por tudo um triste agouro
Respirou: muitas arvores tremeram,
Os passaros do dia se esconderam,
Só os da noite sussurar se viram.
Juram, dando-se ás mãos os dois, e tiram
Cada qual sua pedra; a branca expunha
Sorte feliz; a negra testimunha
A perda da consorte; está jurado
Soffrer com paz, o que não for premiado.
Blazimo vence; Argante se retira,
E simulando a dôr, geme, suspira.
Viva Blazimo, dizem: logo as vozes
A Argante vão ferir, e tão atrozes
Passam a ser as furias em seu peito,
Que desde aquelle instante faz conceito
De vingar sua dôr, roubando a gloria
Ao mesmo, que o privára da victoria.

Com rosto disfarçado quer comtudo
Lograr o golpe; um meditado estudo
Lhe lembra a occasião, o sitio e a hora
De banhar toda em sangue a mão traidora:
Eu, diz Argante, eu devo entrar em parte
Nas vossas glorias, todo o esforço dar-te,
E do engenho porei, por que se veja
Que cedo alegre, e não me arrasta a inveja.
Na minha aldêa, e entre os meus povos quero
Festejar vossas nupcias; nella espero
Dar-vos provas do gosto e da alegria,
Que me sabe trazer tão fausto dia.
Alli de firme paz e de alliança
Farei novo concerto e da vingança
Cederá de uma vez o vil projecto
(O' dura força de um mentido affecto!)
Acceita Alpino: Blazimo é contente,

E Elpinira tambem, que já presente
Crê a ventura, que esperára anciosa.
Tres dias pede Argante, e a insidiosa
Idéa lhe propõe um torpe meio
De executar o damno sem receio.
Manda alimpar a estrada, funda cava
Faz abrir no mais plano, que abarcava
Ambas as margens; desde o centro ao alto
Mette a aguçada estaca, e quanto falto
De terra está, cobre de ramo brando;
Sobre elle moles folhas vae deitando,
Que a mesma terra entaipa, e já figura
A superficie egual, e limpa e pura (70).

Chega a terceira aurora; desde a aldêa
Alegres vem sahindo, e os lisongéa
Argante, tendo em fronte apparelhado
Do logar da traição o costumado
Baile, com que na paz se festejavam
De muitos dos seus indios: já pisavam
A estrada os dois amantes: o pae vinha
De um lado, e de outro lado da mão tinha
Blazimo presa a idolatrada esposa.
(Que triste vista, que illusão faustosa!)
Todos deante vem; este o costume
É da nação, nem teme, nem presume
Algum dos tres, e ainda o povo todo
A urdida morte por tão novo modo.

Com Argante, e seus indios se avistavam,
Em vivas desde longe se saudavam.
Infelizes (que dôr!) as plantas punham
Sobre a coberta cava, e já suppunham,
Que os braços ao amigo se estendiam,
Quando passados os seus peitos viam

Das aguçadas farpas: volta Argante
Colerico, soberbo e triunfante
Sobre os desprevenidos que acompanham
Sem armas ao seu rei: todos se apanham
Presos das mãos das emboscadas; morrem
Immensos indios; a fugir recorrem,
Mas a gente, que ás costas lhe ficava,
O resto, o infeliz resto destroçava.

Já mortos os tres indios lançam terra
Sobre os seus corpos; uma urna encerra
O misero despojo: o Céu procura
Vingar o grave horror; da sepultura
Vê-se brotar uma arvore, que verte
Cheiroso sangue: o caso se converte
Em fabulosa historia; e se acredita
Que Blazimo, a quem segue esta desdita
Das mesmas flores, de que a testa ornára,
E do seu sangue a côr, e o cheiro herdára
E que o Céu testimunhos multiplica,
Multiplicando os troncos; assim fica
A tradição nos nacionaes guardada;
O indio, que me conta a dilatada
Historia; diz-me então, que mal segura
É sempre a fé, que o inimigo jura.

Ouve Albuquerque o caso, e não ignora
Que alto mysterio dissimula agora
Em suas vozes Bueno; tem previsto,
Quanto o nome do rei se vê malquisto
Entre os chefes do povo levantado,
E trazendo em memoria o já passado
Encontro adulador, que de Fernando
Acobardára a entrada; então chamando
Os membros principaes, que arrebatava
A fanatica idéa, assim falava:

Vassalos sois de um rei, que não vos deve
O sceptro, ou a corôa; a origem teve
Já dos vossos senhores; por herança
O reino augusto em suas mãos descança.
Sendo assim, bem sabeis, que é só tributo,
E não dadiva vossa aquelle fructo,
Que adquirem vossas forças; dou, que fosse
Vossa a conquista; o seu dominio e posse
Só cede ao nosso rei; causa commua
Seja ella embora, é nossa, por que é sua.
Elle os seus braços para nós estende,
Nos manda e rege; e tudo comprehende,
O seu imperio na maior distancia;
Nós juramos das leis toda a observancia,
E do primeiro pacto não devemos
Apartar-nos, pois nelle nos prendemos.
Do castigo e do premio elle confia
Das minhas mãos o arbitrio; eu deveria
Usar do meu puder; porém cedendo
Á piedade o rigor, de vós pretendo
Só dignas provas de obediencia pura.
Não quero crer a sem razão perjura,
Que dominou em vós; a calumniosa,
Torpe mentira, cuido que enganosa
Fez voar tudo quanto é já notorio,
Que tem feito a ruina deste emporio;
Emfim perdôo a todos o passado;
Firma o rei o perdão, que tenho dado.

Conheço (e com Vianna só falava)
Que em vós, e em vosso peito dominava
Um zelo justo pelas leis, que guardo;
De dar as providencias já não tardo
Sobre os dois impios, que influir poderam
Nas discordias civis: elles se alteram

Com a minha chegada, e vão buscando
Estranhos climas, libertando o bando,
Que attrahiram talvez, ou que arrastaram :
Os poucos membros, que entre nós ficaram.
Farei por conservar na paz, que espero,
Mas da vossa obediencia a prova quero
Mais solida e mais firme ; ao longo centro
Dos sertões passarei, e alli dentro
Dos seus limites conterei seguros
Na doce paz os animos impuros,
Que os não manche outra vez o humor nocivo
Da infame rebeldia ; o braço activo
Saberá, exgotando todo o empenho,
Destroçal-os, punil-os ; mas que venho
A meditar ; de vós tudo confio ;
De vós, do vosso zelo, esforço e brio.

Isto dizendo, os braços estendia
Para Vianna : nelles recebia
Logo a Francisco a quem recommendava
O mesmo, e muitas vezes protestava,
Que do seu rei poria na presença
Um tal serviço : ordena sem detença,
Que partam desde logo : tem por dita
Os dous vassalos, ver, que os acredita
O conceito do heróe, as mãos lhe beijam,
E o desterro politico desejam
Cumprir mais, que por força, por vontade.

Aos dous religiosos persuade,
Quão longe vão marchando ; e dêm as costas
Á torpe hypocrisia, que dispostas
Tinha em vão as idéas do attentado.
A rebeldia ao centro tem baixado.

Cheio de furias mil vomita fogo
O interesse que o guia, e arrasta logo
O falso engano e a traição malvada,
Que vêm tanta fadiga mal lograda.

CANTO X

De Flegón e Pirôis as redeas de ouro
Batia o sol, e com Feliz agouro
Em giros onze ao luzitano fasto
Sobre mil setecentos, que tem gasto
Pelo eclitico cerco em fim trazia
O mez, que Roma de seu Julio fia.

Eis que Albuquerque adiantando o passo
Da margem, que deixára em breve espaço
Pisava as faldas do Itamonte : estava
Co's olhos fitos o gigante, e dava
Vivos signaes de uma alegria interna
Certo que de seus braços já governa
Tão grande parte a direcção prudente
Do magnanimo heróe, elle impaciente
Na dilação de ver a villa erguida,
Conta-se (nem do caso se duvida),
Que assim fallára, quando o viu deante :

O' tu por tantos riscos triumphante,
Albuquerque feliz, pois que a fortuna
Te conduziu com maxima opportuna
A registrar de perto os meus dominios;
Pois que cortados os fataes designios
Do conjurado bando, alegre pisas
Este verde paiz onde eternisas
Em gloriosos feitos o teu nome,

Deixa que em teu obsequio a empresa tome
De ir já desentranhando de meu seio
Os marmores mais finos : Nisto veio (71)
Pulando desde o centro um padrão liso
Da mais solida maça; eu já diviso
Nelle entalhadas do cinzel agudo
As regias armas; tanto ao destro estudo
De Praxiteles não devera a edade;
Sobre a quadrada base á eternidade
Se recommenda a estampa ao alto erguida
Sobre a columna, a ponta está partida
De um afilado alfange; assim denota
Que os crimes ameaça, e o sangue exgotta
Dos que, entregues á perfida maldade
Desconhecem as leis da humanidade.

Este padrão (72) no meio se colloca
Da régia praça; quasi os Céus provoca
Soberba torre (73), em que demarca o dia
Voluvel ponto, e o sol ao centro guia.

Do ferreo pau já sóbe, e já se estende
Magnifico edificio (74) onde pretende
A deusa da justiça honrar o assento;
Aqui das penas no fatal tormento
A liberdade prende ao delinquente,
E arrastando a miserrima corrente
Em um só ponto de equilibrio alcança
Todo o fiel da solida balança.

Da sala superior tecto dourado
Se destina ao publico senado,
Que o governo economico dispensa.

Lavra artifice destro sem detença
Os marmores cavados; e de polidas,
E altas paredes já se veem erguidas
As magestosas salas, que recolhem
Regios ministros, que os tributos colhem,
E em respectivos tribunaes decentes
Dão as próvidas leis; talvez presentes
Tem Itamonte já no claro auspicio
De um, e outro magnifico edificio
As que espera lavrar liquidas fontes (75),
Que vomitam delfins, e regias pontes,
Que se hão de sustentar sobre a firmeza
De grossos arcos : da maior riqueza
Presentes tem talvez os sanctuarios (76),
Em que se hão de exgottar tantos erarios :
Onde Roma ha de ver em gloria rara,
Que debalde aos seus templos disputára
A grandeza, o valor e a preeminencia.

Trajando as galas da maior decencia
Nos paços do senado o heróe entrava.
Da côr da Tyria purpura talhava
A farda militar, cingia-lhe o lado
A rica espada, que já tem provado
Mil vezes o furor do irado Marte;
E a mão, que os premios liberal reparte,
E dispõe os castigos, já sustenta
O castão que os poderes representa.

Estão no plano os esquadrões formados,
Monta a cavallaria, e cinge os lados;
O centro occupa a infanteria: tudo
Respira da grandeza um novo estudo.
Brilha o aceio e a ostentação; a idéa
Crê, que dos Céus na vista se recrêa,

Vendo nos recamados flos de ouro
Que o sol retrata alli o seu thesouro.

Desta arte entrando vae na régia sala,
Senta-se; mede a todos, e assim fala:
Felizes vós, feliz tambem eu devo
Chamar-me neste dia; pois que escrevo
Com letras de ouro o meu e o nome vosso.
Entre as victorias, e entre as palmas posso
Seguro descançar: emfim, cahida
Vejo de todo a rebeldia erguida,
E vassalos de um rei, que mais vos ama,
Buscaes acreditar a vossa fama
Com o dote immortal, que a nação presa
De uma fidelidade portugueza.
De meus antecessores longe o susto,
Goze-se a doce paz, e um trato justo
De amisade, e de fé de hoje em diante
Acabe de apagar o delirante
Fanatico discurso, que inda excita
De algum vassalo a dôr; não se limita
O regio braço: a todos se dilata,
A todos favorece, acolhe, e trata,
Sem outra distincção mais, do que aquella,
Que demanda a virtude illustre e bella.

Disse; e solemnizando a acção, procura
Se lavre logo a solida escriptura,
Onde o foral da villa se estabelece.

Em tanto o patrio genio lhe offerece
Por mão de destro artifice pintadas
Nas paredes as ferteis, dilatadas
Montanhas do paiz, e aqui lhe pinta
Por ordem natural, clara e distincta

A differente fórma do trabalho,
Com que o sabio mineiro entre o cascalho
Busca o loiro metal; e com que passa
Logo a purifical-o sobre a escassa
Taboa ou canal do liso bulinete;
Com que entre a negra areia ao depois mette
Todo o extrahido pó nos ligneos vasos,
(Que uns mais concavos são, outros mais rasos)
E aos golpes d'agua da materia estranha
O separa e divide; alta façanha
De agudo engenho a machina apparece,
Que desde a summa altura ao centro desce
Da profunda catta, e as aguas chupa (77).

Vê-se outro mineiro, que se occupa
Em penetrar por mina o duro monte
Ao rumo obliquo, ou recto; tem defronte
Da gruta que abre, a terra que extrahira;
Os lagrimaes das aguas, que retira
Ao tanque artificioso logo solta (78);
Trazida a terra entre a corrente envolta
Baixa as grades de ferro; alli parados
Os grossos esmeris são depurados,
Deixando ao dono em premio da fadiga
Os bons thesouros da fortuna amiga.

Entre serras est'outro vae buscando
As betas de ouro; aquelle vae trepando
Pelo escabroso monte, e as aguas guia
Pelos canaes, que lhe abre a pedra fria.
Não menos mostra o genio a agricultura
Tão cara do paiz, aonde a dura
Força dos bois não geme ao grave arado;
Só do bom lavrador o braço armado
Derriba os mattos, e se atêa logo
Sobre a secca materia o ardente fogo.

Da molle producção da canna loira
Verdeja algum terreno, outro se doira;
O lavrador a corta, e lhe prepara
As ligeiras moendas; alli pára
O esprimido licor nos fundos cobres:
Tu, ardente fornalha, me descobres,
Como em brancos torrões é já tornado
A estimulos do fogo o mel coalhado (79).

O arbusto está, que o vicio tem subido
A inestimavel preço, reduzido
A pó subtil o tallo e a folha inteira.
Não menos brota a oriental figueira (80)
Com as crescidas folhas, e co'fructo,
Que inda nos lembra o misero tributo,
Que pagam nossos paes, que já tiveram
A morada do Eden, e não puderam
Guardar por muito tempo a lei imposta.
(O' natureza ao Creador opposta!)

Os passaros se veem de especie rara,
Que o Céu de lindas côres emplumára,
As feras e animaes mais exquisitos
Todos no alegre mappa estão descriptos (81);
Os olhos deleitando, e entretendo
O heróe, que facilmente está crendo,
Ao ver, que destra mão dar-lhes procura
A vida, que lhes falta na pintura.

Mas já lavrado estava, e já firmado
O termo, que escrevera o bom Pegádo (82);
Quando mais que a eleição podendo o acaso,
Manda o heróe que se extraiam d'entre um vaso
Os nomes dos primeiros, a quem toca
Reger a vara que a justiça invoca.

A ti te chama a sorte, ó grande Mello,
E tu, Fonseca, em nobre paralello
Cedes nos annos teus á precedencia,
Da que contemplas provida influencia;
Seguem-se áquelles dous um Figueiredo,
Um Gusmão, um Faria, e te concedo
Que sejas tu, Almeida, o que em completes
O numero na acção, em que competes.

Ancioso o povo ás portas esperava
Pela alegre noticia, e já clamava;
Viva o senado! viva! repetia
Itamonte, que ao longe o echo ouvia.

Emfim serás cantada, Villa Rica,
Teu nome impresso nas memorias fica.
Terás a gloria de ter dado o berço
A quem te faz girar pelo universo.

FIM DO POEMA VILLA RICA.

NOTAS DO AUCTOR

AO POEMA

VILLA-RICA

NOTAS DO AUCTOR

(1) *Fundação primeira.* Este poema tem por argumento principal a fundação de Villa-Rica, ou antes a sua creação de pequeno arraial em villa, á que passou no dia 8 de julho de 1711 com o nome de *Villa-Rica de Albuquerque.*

(2) *Déste assumpto a meu verso.* Leia-se a fabula do Ribeirão do Carmo, que anda impressa entre as rimas do autor. Coimbra, na officina de Luiz Secco Ferreira, anno de 1768, 8.º

(3) *O irmão defunto.* O illm. e exm. sr. Gomes Freire de Andrada a quem s. magestade fez mercê do titulo de Conde de Bobadella, voltando das Missões.

(4) *As grandes terras.* O Brazil, que foi descoberto por Pedro Martins Cabral em 1501, é repartido em quatorze capitanias, das quaes a ultima é S. Vicente, que comprehendeu por muito tempo o governo das Minas-Geraes.

(5) *De Paulo.* No anno de 1554 em 25 de janeiro, dia dedicado á conversão de S. Paulo se celebrou a primeira missa naquella villa, e no de 1711 lhe deu titulo de cidade o sr. D. João 5.º O padre Vasconcellos na sua chronica do Brazil.

(6) *O arbitrio de um só braço.* Os primeiros governadores residiam no Rio de Janeiro, e tinham annexa a capitania de S. Paulo, ou S. Vicente, que comprehendia as Minas já descobertas, e as que de futuro se descobrissem, como se prova do regimento expedido em *Valladolid* em 15 de agosto de 1603 escripto por Luiz de Figueiredo, e se confirma do alvará de 8 de agosto de 1618 inserto na collec. 1.ª da ord. do liv. 2, tit. 54, n. 1.º

(7) *Itamonte.* Serra vulgarmente chamada Itacolomy, uo Itaconomim nome patrio, que quer dizer-pedra pequena. A villa está situada nas faldas deste penhasco.

(8) *Um genio esperto.* Neste genio se figura o do paiz como sensivelmente o dá a conhecer o auctor no canto 5 e 6 deste poema.

(9) *Soberbo Rio.* Rio das Velhas, primeira povoação das Minas-Geraes.

(10) *O brioso Garcia.* Garcia Rodrigues Paes foi um dos vassalos de maior serviço no descobrimento das minas do ouro : a sua casa se acha premiada em seu filho o Alcaidemór da Bahia, Pedro Dias Paes Leme, guarda-mór geral das Minas etc. etc.

(11) *No horror da phantasia.* Imita o auctor neste logar a Lucano na sua Pharsalia tit. I ibi.—

Ut ventum est parvi Rubiconis ad undas,
Ingens visa duci patriæ trepidantis imago.

(Esta nota teria cabimento no 9° verso depois do indicado.)

(12) *Dom Rodrigo.* Entretanto que Fernando Dias Paes enviava a el-rei a mostra de esmeraldas, que tinha descoberto: chegou D. Rodrigo do Castello-Branco de ordem do mesmo sr. a governar as Minas, e foi morto violentamente no rio das Velhas em casa de Manoel de Borba Gatto, como se lê no canto 3.

(13) *Pory.* Nação gentia : destas, e de outras nações se escrevem alguns episodios por adorno do poema O episodio é tirado do fundamento historico, que se conserva por tradição entre os nacionaes. Toda a scena deste canto se figura no rio das Velhas, por onde se dirigiam as marchas, em razão de serem alli os primeiros descobrimentos das Minas. Na Ecloga de *Aruncio*, que escreveu o auctor, se lêm estes versos que dizem relação á presente historia.

Os primeiros, que entraram na espessura
Dos asperos sertões dizem que acharam
Tres barbaras já velhas nesta altura.

Não disputa o auctor o anachronismo.

(14) Deixára o auctor de produzir estas imagens; si ellas não fossem tão verosimeis, segundo a condição dos primeiros tempos. De uma relação manuscripta do governador Arthur de Sá e Menezes, colhemos tudo o que a este respeito se applica ao heróe : e talvez estes trabalhos tão generosamente soffridos, dão um caracter

da grandeza do espirito. Nos Luziadas dizia o Gama ao rei de Melinde :

Corrupto já, e damnado o mantimento,
Damnoso e mau ao fraco corpo humano.

Cant. 5 estanc. 71.

(15) *A leve canna*. Providencias de natureza, com que se suppre a falta da luz entre os indios : Assim Virgil. Æn. 1. Et primum silicis scintillam excudet Achates.

Lucano na descripção da cabana de Amielas. Lib. IV vers. 524.

Jam tepidæ sublato fune favillæ.
Scintillam tenuem commotos pavit in ignes.

(16) *Do Coroá, do Paracy*. Nações de gentios, que vivem pelos sertões das Minas.

(17) *A ser escrava*. Os moradores de S. Paulo fundaram as suas primeiras riquezas na escravidão dos indios : com este objecto principalmente tentaram contra a paz e liberdade das raças conquistadas : a beneficio da liberdade se publicaram as providentissimas leis de 30 de julho de 1609, de 10 de setembro, de 1611 e a novissima de 6 de julho de 1755, que cassou toda a restricção, que havia a respeito dos quatro casos, em que era licito o captiveiro dos indios.

(18) *Lhe dão hoje o nome*. Substituia Bartholomeu Bueno, cunhado de Antonio Rodrigues Arzão, as vezes deste no descobrimento das novas Minas : rompeu os mattos geraes até a serra vulgarmente chamada. *Itaverava*, que val o mesmo, que *pedra luzente;* ahi plantou meio alqueire de milho e entretanto que madurava a planta, passou a gente da sua conducta para o sertão do Roi das Velhas, por ser elle mais fertil de caça e mel silvestre, unicos so ccorros, que encontrava a necessidade dos sertanistas. Voltou no anno de 1698 a colher a pequena sementeira e foi por este tempo encontrado de novos descobridores, que desciam de S. Paulo : eram estes o coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça e capitão Manoel Garcia Velho e outros, de que não ha individual lembraça.

Propoz ao dito coronel o capitão-mór uma troca de armas, e se effectuou esta com o avanço de todo o ouro, que se cahou na comitiva. Desejoso o capitão-mór de entrar en S. Paulo com esta pequena porção de ouro que não passou do doze oitavas, não tardou

em commetter ao mesmo coronel a compra de duas indias, mãe e filha, as quaes comprou o coronel e, cathequisadas, se baptisou a filha com a nome de *Aurora* e se impoz á mãe o nome de *Celia*.

(19) Toda esta ficção não serve mais que de ornamento, e tudo o que se deduz da historia, é insignificante. Recolhendose Antonio Rodrigues Arzão no anno de 1695 á capitania do Espirito Santo com mais cincoenta e tantos companheiros da sua conducta, derrotados e destruidos todos dos repetidos ataques do gentio, apresentou ao capitão-mór daquella villa tres oitavas de ouro, de que se fizeram duas memorias, uma que ficou ao capitão-mór, e outra, que levou o dito Arzão: este é o primeiro ouro das Minas, que ha noticia haver-se denunciado a El-Rei no anno de 1696.

(20) *Que fazem vossos paes*. Já por este tempo estavam descobertas em S. Paulo as Minas de Curibituba, Pernaguáe Jaraguá tinha de mais havido a descoberta das esmeraldas, que deu occasião ás grandes providencias dos srs. Reis de Portugal, especialmente do serenissimo Rei D. Pedro II, de saudosa memoria, beneficiando e honrando com muitos privilegios e regalias, aos que se empregassem neste exercicio : encarregados D. Francisco de Souza, governador então do Estado do Brazil, e Salvador Corréade Sá de promoverem por todos os modos o descobrimente do ouro, pedras e mais haveres, que promettia o largo continente do Brazil. Tudo se póde ver de um alvará, que se acha registrado nos livros, que serviam de registro das leis extravagantes na Torre do Tombo de Lisboa de dse o anno de 1613 até o de 1637, á fl. 97.

(21) *Fernando, Arthur e D. Rodrigo o morto*. Estes tres governadores, que penetraram de ordem de El-Rei os sertões das Minas, não chegaram a exercer nellas actos de jurisdicção, por encontrarem os embaraços, de que se faz relação no Cant. 8.° entre a serié dos governadores das Minas.

(22) *Eu sou dos filhos*. A guerra dos gigantes :

Terra feros partus, immania monstra, gigantes.
Edidit...

(23) *Tu, negro Admastor*. Allusão ao Cabo da Boa Esperança. Cam. Cant. 5.° est. 51.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egêo, ou Centimamo,
Chamei-me Adamastor e fui na guerra,
Contra o que vibra os raios de Vulcano.

(24) *Meu caso um dia.* Veja-se o Cant. 8.°

(25) *De uma pequena lagrima.* Com vaidade sua confessa o auctor haver-se servido para a descripção do ribeirão do Carmo do sonho do sr. Rei D. Manoel, que refere Camões no Cant. 4.° dos Luziad. est. 68.

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são.

E na est. 69.

Viu de antigos, longinquos e altos montes
Nascerem duas claras e altas fontes.

O ribeirão do Carmo, que foi a primeira villa, que erigiu o heróe em 4 de julho de 1711 passou a ter titulo de cidade pela ordem regia de 25 de abril de 1745.

Neste mesmo tempo se fez a divisão das dioceses, repartindo-se o bispado em tres cathedraes, que foram: Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas: foi o primeiro bispo de Marianna (que assim se chama a dita cidade do Carmo) D. Frei Manoel da Cruz, religioso da ordem de S. Bernardo.

(26) *Vejo um povo tambem.* Entende-se o povo do Ouro Preto, pequeno arraial, em que foi creada Villa Rica : está em distancia de duas leguas para a parte occidental da cidade de Mariana : as grandes riquezas, que nella se descobriram, lhe adquiriram o nome de Rica, a exemplo da que creou Hes- panha nas suas Indias.

(27) *E qual murmura.* Imitação de Gabriel Pereira na sua Ulisséa Cant. 1. est. 28.

Disse : e qual nos primeiros resplendores
As abelhas solicitas levantam etc.

(28) *O provido Faria.* O padre João de Faria Fialho, da ilha de S. Sebastião, de quem ainda conserva o nome um dos bairros de Villa Rica pelo descobrimento, que ahi fez, de um corrego rico.

(29) *Botecudo.* Gentio bravissimo, que se distingue pela rotura do beiço de baixo.

(30) *Camargo.* O alcaide-mór José de Camargo Pimentel, natural da villa de Taboaté, que descobriu o rio Pericicaba e fundou a capella de S. Miguel, hoje freguezia de Antonio Dias Abaixo, de um

grande numero de almas, termo da villa de Caeté, comarca de Sabará.

(31) *Bueno.* Bartholomeu Bueno, cunhado de Antonio Rodrigues Arzão, foi por elle convocado entre outros para proseguir o descobrimento das minas do ouro : penetrou estes sertões e mattos geraes, como já se disse, até chegar á serra da Itaverava, hoje arraial populoso, distante 8 leguas de Villa Rica, termo da villa de S. José comarca do Rio das Mortes.

(32) *Mais que o delicto meu.* Expõe-se neste canto a historia de Manoel de Borba Gato com a maior fidelidade e pureza, que se poude averiguar. O governador Arthur de Sá Menezes lhe deu o perdão em nome de el-rei; e o honrou com o posto de tenente-general, afiançado no descobrimento, que elle promettia e fez certo das Minas e faisqueiras do rio das Velhas.

(33) *Urucú.* E' uma fructa, que desfazendo-se dentro d'agua, lança de si um pó subtil, e tão encarnado, que excede á côr coxonilha : com ella se pintam os indios nas suas festividades.

(34) *A côr nem preta etc.* O gesto deste indio é figurado pelo caracter, que dá Solis ao principe Guatimosin, sobrinho do imperador Montezuma.— E color tan inclinado al blanco, ó tan lejos de la obscuridad, que parecia extranjero entre los de su nacion. Hist. Mex.

(35) *Do gelado Sumiúte.* Gentio de nação Russiana, que encontraram os hollandezes na Nova Zembla no anno de 1595, taes se figuram os Munaxós pela sua maior brancura e proporção de membros.

(36) *Arara.* E' una ave de côr encarnada, de cujas pennas usam os gentios na cabeça; o seu vôo é muito alto.

(37) *Parahyba.* Rio, que corre ao sul e corta a estrada do Rio de Janeiro; á sua margem estão algumas aldeias domesticas.

(38) *O' tu Cyro.* Cam. cant. 10, est. 48.

(39) *De um certo religioso.* Cujo nome e religião se não declara, como tambem de outro mais, os quaes associadamente, e de mão commum machinaram as primeiras desuniões que houveram entre os Paulistas, e os filhos de Portugal vulgarmente chamados *Buabas;* meditaram estes dous espiritos sediciosos fazer estanco da cachaça e

do fumo, generos muito necessarios ao paiz, principalmente naquelles principios do descobrimento das Minas; porque com elles se divertia o grande trabalho e fadigas dos negros, indios e bastardos, que são uma especie de janizaros: não tardaram a pretender o mesmo avanço a respeito das vendagens das carnes, que raramente entravam dos sertões; a tudo se oppuzeram os Paulistas, e daqui nasceu o grande odio, que lhes foram concebendo todos aquelles, que pôde reduzir a malicia dos ditos dous religiosos; vindo finalmente a produzir-se uma total discordia entre uns e outros vassalos, que obrigou a tomarem-se reciprocamente as armas e se concluiu com o ataque dado sobre a fortaleza, que haviam erigido os Buabas, fronteira á villa de S. João d'El-Rey, no anno de 1710. Morreram da parte destes oitenta homens dos sitiados; foram muitos os feridos, e não perderam os Paulistas mais de oito, sendo os feridos muito poucos: era chefe dos Paulistas Amador Bueno, e dos Buabas Ambrozio Caldeira Brant, o qual os havia desafiado por carta, que enviou a S. Paulo, e se acha registrada nos livros da camara daquella cidade tt.° 1708 pag. 241, datada em 19 de novembro de 1709 do Rio das Mortes; durou o combate quatro dias e quatro noites: delle se lê uma fiel relação em um Diario, que escreveu certo anonymo com o titulo — *Forasteiro curioso* dedicado ao padre Guilherme Pompeu de Almeida em 1710; o padre Manoel da Fonseca, da sociedade denominada de Jesus da Provincia do Brasil na vida que imprimiu do padre Belchior de Pontes, escreve tambem esta guera dos Paulistas, ainda que com alguma desaffeiçao a elles; podendo convencer-me do contrario das suas proposições o termo que se lavrou na camara de S. Paulo em 22 de agosto do anno de 1709, pelo qual se obrigaram os Paulistas a marchar com o seu exercito ao fim de segurar-se o real quinto nas Minas, e se submetterem á paz e obediencia os vassalso de Portugal, que nellas se achavam postos em rebeldia; desta resolução deram algumas provas, como foi não offenderem a alguns que encontraram de volta para a cidade do Rio de Janeiro no porto de Paraty, e egualmente castigaram em caminho a um escravo, que havia roubado um filho de Portugal, e lhe mandaram restituir o fructo: de tudo faz menção o padre Fonseca; e o termo, de que se trata, se acha registrado nos livros das vereanças tt.° 1701 pag. 129, 130, 136.

(40) *De evitar as justiças.* Haviam consultado os rebeldes que por oito ou nove annos desfructassem as Minas, não consentindo governadores e justiças nellas, e sustentando-se como uma republica a seu arbitrio e que ao depois se não alcançassem o perdão de el-rei, se passariam facilmente para as Indias de Hespanha: nisto votavam com maior efficacia os desertores da praça Colonia, de que

habitava um grande numero nas Minas, sendo seu principal chefe Antonio Francisco, que Manoel Nunes Vianna havia nomeado mestre de Campo, logo que arrogou o governo : fôra o dito Antonio Francisco soldado na companhia de Manoel de Souza, que acompanhou ao heróe na sua entrada com o posto de capitão da guarda ; ao seu conselho se deveu a reducção do dito vassalo no encontro, que com elle teve no sitio chamado Venda Nova, distante quatro leguas de Villa-Rica.

(41) *Pedrozo.* Jeronymo Pedrozo e Valentim Pedrozo irmão se naturaes da villa de S. Paulo, foram estes os primeiros, que deram principio ao levantamento do arraial do Caeté, hoje Villa-Nova da Rainha.

(42) *Arbitraria e phantastica.* Por conselho de um dos ditos religiosos se fingiram ordens régias para se recolherem todas as armas dos Paulistas a um armazem publico, a pretexto de necessidade commum que figuravam; reputando-se rebelde todo aquelle, que repugnasse obedecer ; tomadas as armas, foram presos dous Paulistas, os mais poderosos e de quem mais se deveria temer, que fora Domingos da Silva Rodrigues e Bartholomeu Bueno Feio. Com as prisões destes se intimidaram os outros e brevemente se derramou por todos a noticia, ou falsa, ou verdadeira, de um massacre, que lhes estava fulminado para certo dia, com ordens repartidas em segredo aos cabos de cada um dos destrictos : fugiram e desertaram, a maior parte dos Paulistas; e em consequencia aconteceu o horrivel caso de Bento do Amaral Coutinho, que sorprendeu no Rio das Mortes, no capão ainda chamado da traição, a um troço de Paulistas que se haviam retirado para S. Paulo, de que era cabo Gabriel de Goes, o qual havia servido a el-rei na conquista dos Palmares e occupava o posto de capitão de infanteria na praça da Bahia. Jurou pela Santissima Trindade o pessimo Amaral deixar sahir em paz os sitiados, comtanto que largassem as armas : mediou neste concerto um Paulista velho por nome João Antunes, parente do cabo Gabriel de Góes : a sinceridade dos Paulistas os capacitou a entregarem as armas, e para logos em algum respeito, ou excepção foram todos mortos eroubados por Amaral e seus sequazes.

(43) *Calou.* Por que se não escandalise a piedade de alguns ouvidos, que se produzam nesta acção por chefes dos tumultos, e das rebeldias dous religiosos e principalmente um que mais se autoriza entre os sediciosos, lembra o autor neste logar a passagem e *Voltaire* na sua *Henriada* Cant. 5.

Mais souvent avec des talents flatteurs
Repandus dans le siècle ils en ont pris les moeurs.
Leur sourde ambition n'ignore point les brigues,
Souvent plus d'un pays s'est plaint de leurs intrigues;
Ainsi chez les humains par un abus fatal
Le bien le plus parfait est la source du mal.

Quanto estes regulares fossem perniciosos na primeira povoacão das Minas, o provam bem as cartas do exm. Conde de Assumar D. Pedro de Almeida; chegava este governador ao Rio de Janeiro com o destino de tomar a posse na cidade de S. Paulo, e conformando-se com as ordens de el-rei, de que vinha encarregado, consultou logo (e foi este o primeiro passo do seu governo) ao exm. bispo D. Francisco de S. Jeronymo sobre os meios mais convenientes para desinfestar as Minas daquelles homens, allegando ser assim necessario.—

Por constar ao mesmo senhor (são palavras formaes da carta escripta em 2 de julho de 1717) *que os ditos religiosos, esquecidos da sua obrigação e do seu estado, e só lembrados dos meios, com que pódem adiantar as suas conveniencias, não reparam em fazer venaes os Sacramentos, usando indecorosamente da administração delles mais para grangear interesses, que para edificação de catholicos, não sem grande escandalo da Christandade.*

E accrescenta :

Não faltando estes tamben á suggerir e dizer publicamente nos pulpitos, que os vassalos de S. Magestade não tem obrigação de contribuir lhe com os direitos e mais despezas, que devem pagar-lhe.

Procura satisfazer o exm. prelado á esta consulta, e responde :

Que elle tem procedido contra os regulares assistentes nas Minas com excomunhões, de que elles não fizeram caso, dizendo que o bispo não era seu juiz competente, e que por consequencia não podiam obstar-lhes as censuras fulminadas por elle.

Passa logo a aconselhar ao exm. Conde, para que prôva sobre os mais escandalosos; mas elle replica nestas palavras :

Como esta differença só se devia entender com os mal procedidos, difficultosa empreza será distinguir nas Minas uns dos outros; porque por qualquer lado estão todos com mau

procedimento; pois si algum ha, que viva com menos escandalo, e se não enqolfe em tractos illicitos e profanos, poucos são, os que não vivem mui atheios do seu instituto e em tratos e commercios indignos do seu caracter, e eu tenho para mim, não ha frade, que venha ás Minas, que seja para usar da liberdade, que nos seus conventos tem supprimida.

Tudo se lê com individuação no livro n. 7 das cartas e ordens do dito governador, que se guarda na secretaria do governo das Minas Geraes nas cartas datadas no Rio de Janeiro e villa do Carmo a 2 de julho de 1717 pagina 1.ª, de 9 de julho de 1717 pag. 4.ª e a de 16 de maio de 1720 pag. 232.

(44) *De um Indio já cançado.* Retrato natural dos indios do paiz na sua crescida edade.

(45) *Está diante.* Continente das Minas.

(46) *Logo uns homens.* Conquistadores dos sertões.

(47) *Passa este quadro.* Laboriação das Minas por Indios e negros.

(48) *Disperso o sangue.* Expulsão dos Paulistas pelos annos de 1709 para 1710.

(49) *Correndo á redea solta.* Confusão e desordem, em que ficaram as Minas sem governador e justiças postas por El-Rei.

(50) *Bem que se justifique na aparencia.* Para clareza deste verso se faz necessario ao auctor repetir aqui, ou transcrever as clausulas de uma carta do Conde D. Pedro de Almeida escripta no Rio de Janeiro ao Marquez de Anjêja, seu tio, e vice-rei do estado datada em 6 de julho de 1717 ibi :

No tempo de D. Fernando Martins de Mascarenhas, (falava de Manoel Nunes Vianna), elle foi aquelle, que os povos seduzidos por elle com notoria rebellião o levantaram por governador, resistindo ao Dito D. Fernando contra as ordens de S. Magestade, affectando o seu maior serviço.

Esta carta se acha registrada no dito livro n. 7 pag. 3, e para confirmação de tudo, o que a respeito se pode entender da conducta deste homem, e de quanto elle se pretendia fazer necessario ao rei subsistindo no governo, que arrogara a si, bastará ver-se a real ordem de 30 de maio de 1711 que manda restituir aos Paulistas Minas, e que se lhes entreguem suas fazendas e lavras; fazendo o

mesmo senhor avisar aos camaristas de S. Paulo desta sua real ordem por carta de 6 de setembro de 1711, e ja na ordem de 22 de agosto de 1709 mandara S. Magestade perdão aos *Buabas*, excepto aos dous cabeças do levantamento Manoel Nunes Vianna e Bento do Amaral Coutinho, aos quaes pretendia castigar, ordenando, que a esse fim, se entendesse ser necessario algum soccorro das tropas, o pedisse o general ao presidio da Bahia: tudo se póde ver nos registros da camara de S. Paulo no livro, que delles serve no tit. 1708 pag. 95; onde se acha a carta do governador Antonio de Albuquerque, que poz totalmente em socego aos Paulistas, quando preparavam as forças para tornar sobre as Minas, datada no Rio de Janeiro em 26 de fevereiro de 1710. Então foi que o dito governador em nome de el-rei offertou aos Paulistas um retrato do mesmo senhor significando, que por aquelle modo os visitava e lhes vinha segurar a sua protecção. A noticia destas ordens e cartas não chegou individualmente ao escriptor Sebastião de Pita Rocha, aliás não escrevera tão dissonante da verdade. O padre Manoel da Fonseca, já citado em outra parte, tocou ainda que affectadamente, esse passo no cap. 33 pag. 219 da vida do padre Belchior de Pontes.

(51) Na era de 1711 se viu praticado o invento da róda por um clerigo, vulgarmente chamado o *Bonina suave*. Todo este canto se deve entender pelo que fica escripto no fundamento historico, e pelas notas, de que se illustra o canto 5.°.

(52) *Eu vi. Vidi egomet duo de numero cum corpore nostro est.* Virg. Æneid.

(53) *Nem presumas.* Os Indios da costa do Brasil, ainda que barbaros, não desconhecem a musica, e a dança: estas singularidades foram mais bem notadas nos da nova Hespanha, como nota Juan de Torquemada Monarch. Indianna, tt.° 13, cap. 26 e seqq tom. 2.°, e outros.

(54) Todo este canto allude á fabula do Ribeirão do Carmo, de que se faz menção no 1.° canto e se transcrevem alguns versos della.

(55) Esta era a paixão dominante no paiz; e se introduz o heróe á compol-a, pacificando a uns e outros.

(56) *Caethé* quer dizer *matto-bravo* sem mescla alguma de campo. Debaixo desta intelligencia se applica o verso de Virg. — *Ulmus opacaéngens etc.*

Póde deduzir-se esta allegoria do conceito, que haviam formado os rebeldes antes da vinda de D. Fernando Martins Mascarenhas

que este governador trazia cargas de correntes e ferros para os punir, noticia, que não póde occultar o escriptor Sebastião de Pitta Rocha, pouco fiel nesta historia por falta de informação pura; ou tal vez por affeição a algum dos chefes. Tudo o mais se póde ver no fundamento historico em que fica elucidado este canto.

(57) *Do não tentado rio*. Este vassalo foi o que abriu a estrada real do Rio de Janeiro para Minas, e poz as passagens dos dous rios *Parahyba* e *Parahybuna*.

(58) *O Deus destes thesouros, Curupira*. Fabula é estados gentios celebrada por verdadeira; presumem que ha nos mattos uma divindade assim chamada, sem licença da qual havendo quem descubra algum thesouro, morre ás mãos della; e esta doutrina lhe pregam os seus pagés, que soa o mesmo, que doutores.

(59) *Jequitinhonha*. Rio, que atravessa o Serro do Frio, onde está estabelecida a extracção dos diamantes por contracto real pela lei de 11 de agosto de 1753.

(60) *De Guará*. Entende-se o rio de Guarapiranga; este, o Guaacho, e outros muitos vão fazer barra ao Rio Doce, e discorrem pelas duas comarcas de *Sabará* e *Villa Rica*.

(61) *Vê o rio*. Todos os rios, de que aqui se faz menção, discorrem por entre a comarca do Rio das Mortes, e raias da capitania de S. Paulo.

(62) Algumas circumstancias da sua fortuna obrigaram o A. a servirse neste logar dos versos de Camões nos Luziadas, cant. 8.°, est. 81.

E ainda, Musas minhas, não bastava.

(63) *De Pilões, de Goyazes*. Todos estes districtos, que hoje estão repartidos em differentes capitanias, se comprehenderam por alguns annos debaixo do governo do exm. Conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrada.

(64) *Já do pardo Uraguay*. Toca-se neste verso a diligencia de commissão, á que foi mandado para as distancias das Missões.

(65) *Este alimpa os sertões*. Expedição que fez o exm. Conde actual de Bobadella sobre o grande numerod e negros aquilombados no Campo Grande, de que foi commandante Bartholomeu Bueno.

(66) *Este caminha*. Viagem dilatada, e asperrima por mais de 400

eguas em visita da capitania sobre a costa de S. Paulo, que acompanhou o A. servindo de secretario do governo das Minas.

(67) *Vem o Tapuya*. Conquista dos gentios, que se estendem por estes districtos onde hoje por beneficio do exm. Conde de Valladares se acham domesticos muitos indios com egreja e parocho que lhe administra Sacramentos.

(68) *Desta arvore*. Metamorphose do balsamo, arvore que se produz em muita abundancia nas conquistas do Brazil, e com especialidade em todas as partes das Minas, com muito pouca estimação dos seus habitadores.

(69) *Paraceve* é propriamente o nome, que dão os indios á semelhantes festejos.

(70) Artificio de que usam os indios, tanto para colherem a caça, como nas occasiões de guerra: Veja-se D. Alonso de Ercilla na sua Araucana, parte 1.ª, cant. 1.º: chamam-se vulgarmente fójos.

(71) *Nisto veio*. Deste penhasco se tira pedra dos edificios da villa.

(73) *Este padrão*. Peloirinho.

(73) *Soberba torre*. Torre do relogio.

(74) *Magnifico edificio*. A cadeia: todas estas obras são de avultada grandeza e constituem a formosura e magnificencia da villa.

(75) *Liquidas fontes e régias pontes*. Tem a villa um grande numero de fontes e chafarizes de marmore, e tres pontes principaes de egual artificio.

(76) *Sanctuarios*. A villa se divide em duas freguezias, a de Antonio Dias com a invocação da Senhora da Conceição: a de Ouro Preto com invocação do Pillar; os dous templos são preciosos.

(77) Nesta descripção dá o auctor a conhecer a formalidade, com que trabalham os mineiros, que se servem do artificio da roda nas suas cattas, ou lavras, vulgarmente chamadas do talho aberto, que se praticam nos rios e suas margens. Quem quizer mais individual noticia desta materia, leia a historia de Sebastião de Pitta Rocha, que tudo explica.

(78) Descripção dos serviços, que se fazem nas serras e morros para se extrahir o ouro; despendendo-se grossimo cabedal para se deguadareme, se conduzirem de muitas distancias as aguas.

(79) Descripção da planta da canna, dos engenhos, em que se fabrica o assucar, e da herva, de que se faz o tabaco: veja se-o citado Pitta.

(80) Sobre o texto do Genesis — *Consuerunt folia ficus* — não tem faltado opiniões, que sustentam ter sido a bananeira a arvore, que soccorreu com a grandeza das suas folhas á nudez do nossos primeiros paes.

(81) O autor se serve dessa opinião, e applica neste logar uma passagem de Milton no seu Paraiso Perdido no livro, ou canto 10 ibi — *Ils y choisirent le figuier; non cette espèce renommée pour le fruit, mais cette autre que connaissent encore aujourd'hui les Orientaux en Malabar, ou Recan. Ses rameaux courbés prennent, dit-on, racine en terre; et croissant à l'ombre de la principale tige comme des filles que se rassemblent autour, etc.*

(82) Aos 8 dias do mez de julho de 1711 fez o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho uma junta no arraial do Ouro Preto para se erigir nelle Villa-Rica. Servia de secretario Manoel Pegádo, de quem setem feito menção em varias partes; no mesmo dia se elegeram os vereadores e juizes; e sahiram eleitos a mais votos, por juiz mais velho o coronel José Gomes de Mello, juiz mais moço, Fernando da Fonseca e Sá; vereador mais velho, Manoel de Figueiredo Mascarenhas; segundo vereador, Felix de Gusmão e Mendonça; terceiro, Antonio de Faria Pimentel; procurador, o capitão Manoel de Almeida Costa.

No dia 9 tomaram posse: tudo consta do registro no livro dos termos do governo, que se acha na secretaria das MinasGeraes desde o dia 7 de julho de 1710.

FIM DO SEGUNDO TOMO

INDICE DO SEGUNDO TOMO

Advertencia preliminar 1

ROMANCES, CANÇONETAS E CANTATAS.

I. — Lize.. 7
II. — Antandra.. 9
III. — Altéa.. 10
IV. — Anarda.. 12
Desprezo a' lira. 15
Palinodia a lira. 19
Despedida de Fileno a Nize. 23
Resposta de Nize a Fileno.. 29

CANZONETTE.

Il Pastore a Nice. 35
Risposta de Nice al Pastore. 39

CANZONETTE.

Nice.. 43

CANTATAS.

I. — O Pastor divino. 45
II. — La SS. Vergine. 49
III. — Galatea 50
IV. — Lize. 52
V. — Nize. 53
VI. — Palemo e Lize.. 54
VII. — Nize. 57
VIII. — Nice. 59

POESIAS INEDITAS.

Epicedio. 63
Ode ao Sepulcro do Alexandre Magno. 69
Ode. — Saudação a Arcadia Ultramarina. 73
Canto heroico. 75
Traducção de uma Ode de Voltaire. 84
Ode a Milton. 86
Ode. — No attentado contra Pombal. 90
Ecloga. 93
Ode. — N'um anniversario. 96
Ode. — Assumpto lirico. 101
Canto epico. 105
Cantata epithalamica. 112
Ode. — N'um anniversario. 117
Falla (conquista do Caieté). 122
Ecloga. — (Saudade de Portugal). 126
Soneto I. — Ninfas do Tejo, eu sei. 133
— II. — Bellas deidades. 134
— III. — As moles azas. 135
— IV. — Da horrenda gruta. 136
— V. — Ao templo entrei. 137
— VI. — Festivos genios. 138
— VII. — Este e' o rio. 139
— VIII. — illustre e digno ramo. 140
— VIX. — Cingida a testa. 141
— X. — Sombras illustres. 142
— XI. — Tallar provincias. 143
— XII. — Suspende a mão. 144

VILLA-RICA

Carta dedicatoria. 148
Prologo. 149
Fundamento historico. 151
Canto I. 181
— II. 188
— III. 196

Canto IV. 201
— V. 207
— VI. 215
— VII. 224
— VIII. 232
— IX. 242
— X. 256
Notas do Auctor ao poema. 263

Widener Library
3 2044 095 063 038

Widener Library
3 2044 095 063 038

Widener Library
3 2044 095 063 038